

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Rosane da Silva Ferreira

Família, Casamento e Separação
Um Estudo Entre Mulheres na Favela

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Hannes Stubbe

Rio de Janeiro
Setembro de 1987



Rosane da Silva Ferreira

Família, Casamento e Separação

Um Estudo Entre Mulheres na Favela

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profº Hannes Stubbe

Orientador

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profª Teresinha Féres Carneiro

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profª Ana Carolina Lo Bianco

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profª Vera Maria Ferrão Candau

Coordenador Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1987

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador

Rosane da Silva Ferreira

Graduou-se em Psicologia na Universidade Federal Fluminense em 1981. Participou de diversos cursos na área de Psicologia. É psicóloga concursada da Secretaria Estadual de Saúde e Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro e da Secretaria Estadual de Administração Penitenciária do Estado do Rio de Janeiro. Realiza trabalho de psicoterapia em consultório particular.

Ficha Catalográfica

Ferreira, Rosane da Silva

Família, casamento e separação: um estudo entre mulheres na favela / Rosane da Silva Ferreira ; orientador: Hannes Stubbe. – 1987.

114 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 1987.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Família. 3. Casamento. 4. Separação. 5. Mulheres. 6. Educação. 7. Homens. I. Stubbe, Hannes. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Aos meus pais
Ao meu filho que trago no
ventre

Agradecimentos

Wanda Mota Wene (Universidade Estadual do Ceará), Eva Alterman Blay (Presidenta do Conselho estadual da Condição Feminina do Governo do estado de São Paulo), Biblioteca da Universidade Federal do Ceará, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da Universidade Federal da Bahia e o Núcleo de Estudos da Mulher da PUC-Rio, que gentilmente colaboraram com material bibliográfico

À PUC-Rio, pelo auxílio concedido, sem o qual este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ana Carolina Lo Bianco, disposta a colaborar em todos os momentos que precisei.

Amigo Lourenço Andrade de Almeida, pelo carinho com que atendeu meus pedidos de ajuda no início da pesquisa.

Hannes Stubbe, orientador que demonstrou grande sensibilidade para entender o universo feminino, pela atenção e compreensão dedicada.

Às mulheres e homens que num gesto de carinho, abriram as portas de suas comunidades, para que minha pesquisa pudesse ser realizada.

Às Mulheres entrevistadas, autoras reais deste trabalho, que por motivos éticos permanecem no anonimato, o meu eterno afeto.

Resumo

Ferreira, Rosane da Silva; Stubbe, Hannes. **Família, Casamento e Separação**: Um Estudo Entre Mulheres na Favela. Rio de Janeiro, 1987. 114p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa realizada em duas favelas da cidade de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro. Utilizou uma mostra de 15 mulheres casadas com o primeiro marido e, 15 mulheres separadas deste, vivendo ou não, uma segunda união. O instrumento de pesquisa, foi a entrevista semi-estruturada, ou seja, com um roteiro previamente elaborado, porém aberto à introdução de temas trazidos pelas entrevistadas. O roteiro baseado em uma revisão bibliográfica e, na vivência da pesquisadora atuando junto à esta camada social, enquanto Psicóloga e também como membro do movimento popular em Duque de Caxias. Foi importante ter um contato próximo com as comunidades, antes de iniciar as entrevistas e, mesmo durante, para estabelecer um vínculo de confiança com as mulheres. Em uma das favelas, o contato inicial foi feito com uma creche e, na outra, com a associação de moradores. O apoio destas instituições foi fundamental para a aproximação com elas. A investigação pretendeu levantar informações sobre as vivências e percepções femininas acerca do universo familiar e a comunidade. Foram abordadas as histórias de vida, desde a infância até o momento que estavam vivendo, incluindo: relacionamento com os pais, escola, trabalho infantil, adolescência, namoro, casamento, separação, educação dos filhos, trabalho na fase adulta, religiosidade, diversão e comunidade. Observou-se como elas evoluem em suas trajetórias, procurando verificar a influência dos fatores sócio-econômicos, educacionais, religiosos e valores de classe média. Foram ouvidas mulheres entre 18 e 40 anos de idade.

Palavras-chave

Família; casamento; separação; mulheres; educação; homens.

Abstract

Ferreira, Rosane da Silva; Stubbe, Hannes (Advisor). **Family, Marriage e Separation: A Study About Slum Women.** Rio de Janeiro, 1987. 114p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This essay is the result of a research carried out in two slums of Duque de Caxias city, in the Rio de Janeiro state. It used a sample of 15 women married to the first husband and, 15 separate ones, living or not, in a second marriage. The research instrument was the half-structuralized interview plan, that is, with a script previously elaborated, however opened the introduction of subjects brought by the interviewed women. The script was based on a bibliographical revision and, the experience of the researcher working on that social class, while Psychologist and also with member of the popular movement in Duque de Caxias. It was important have a close contact with the communities, before beginning the interviews and, exactly during them, to do a confidence link with the women. In one of the slums, the initial contact was made with a day-care center and, in the other, with the association of residents. The support of those institutions was fundamental to get close to them. The inquiry intended to get information about the experiences and feminine perceptions concerning familiar universe and the community. Were analyzed the life histories, since infancy until that current moment, including: relationship with the parents, school, work in childhood, adolescence, relationship with boyfriends, marriage, separation, children's education, work in the adulthood, religious, diversion and community. It was observed how they evolve in their trajectories, looking to verify the influence of the social, economical, educational, religious factors and values of middle class. It was interviewed women from 18 to 40 years old

Keywords

Family; marriage; separation; women; education; men.

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. Revisão bibliográfica	11
3. Metodologia	26
4. Infância	29
4.1. Trabalho Infantil	29
4.2. Escola	30
4.3. Alcoolismo	32
4.4. Violência	33
4.5. Ausência do Pai	34
4.6. Figura Materna Negativa	35
4.7. Duplo Papel de Irmã e Mãe	37
4.8. Imagem do homem X Imagem da Mulher	39
4.9. A Importância de Brincar	40
4.10. Estilo de Educação	41
5. Adolescência	43
5.1. Passagem da Infância Para a Adolescência	43
5.2. Estilo de Educação na Adolescência	44
5.3. Controle de Sexualidade	46
6. Namoro X Casamento	48
6.1. Relacionamento no Namoro	48
6.2. A Virgindade e a Moral	49
6.3. Do Namoro ao Casamento	51
6.4. Expectativas em Relação ao Casamento	54
6.5. A Realidade do Casamento	59
6.5.1. O Casamento Considerado Infeliz	59
6.5.2. O Casamento Considerado Feliz	65
7. Separação	69
7.1. Decisão Pela Separação	69
7.2. Negação dos Maridos em Aceitar e Separação	71
7.3. Gravidez em Momentos de Crise	72
7.4. Discriminação da Mulher Separada	74
7.5. Depois da Separação	75
8. A Segunda união	76
9. Educação dos filhos	80
9.1. Papel do Pai X Papel da Mãe e Ausência Paterna	80
9.2. A Preocupação com os Adolescentes na Favela	87
9.3. O que Pensam Sobre a Influência da Psicologia na Educação	88

10. Trabalho	92
10.1. O Trabalho com um Fardo	92
10.2. O Trabalho Como Realização Pessoal	93
11. Planos para o futuro da família	95
12. Relação com a comunidade	97
13. Religiosidade	98
14. Programas de televisão	101
15. Homem pobre X Homem das classes média e alta	102
16. Uma auto-avaliação	103
17. Conclusão	105
18. Referência Bibliográfica	113

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais cresce o número de psicólogos interessados em sair do espaço fechado dos consultórios particulares e, estender a prática da Psicologia às camadas populares, porém este trabalho vem encontrando barreiras. As experiências frustradas de algum profissional, devido ao grande número de abandonos por parte da clientela, levaram à reflexões, buscando uma compreensão da situação. Como decorrência, foi aberta uma discussão acerca das possíveis diferenças culturais entre segmentos da sociedade brasileira e, um questionamento quanto ao emprego dos mesmos tipos de teorias e técnicas para populações de diferentes classes sociais, com a agravante de serem ainda importadas. Assim, entre aqueles que acreditam na possibilidade de um trabalho com camadas populares, vem-se difundindo a necessidade de estudos destas, por entender-se que somente conhecendo essa população, pode-se pensar numa prática que leve à resultados positivos.

Este trabalho pretende colaborar nessa busca, através do estudo de vivências de mulheres residentes em favelas.

A escolha pelo tema “mulher” foi feita por acreditar ser esta atualmente a grande responsável pela educação das crianças, quase sempre sem apoio, e por ser vítima de constante violência e discriminação por parte da sociedade e do homem.

Para um maior entendimento dessa situação, foi levantada a história da vida das mulheres, abordando a infância, namoro, casamento, educação dos filhos, separação e segundo casamento.

Com a preocupação de ser o mais fiel possível aos relatos e, para que o leitor tenha condições de avaliar por si próprio, foi feita transcrição de depoimentos, ao invés de somente interpretações da fala, que muitas vezes são contaminadas por conhecimentos anteriores.

Ouvir e transmitir a voz dessas mulheres foi o objetivo que guiou esta pesquisa.

2

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Entre os autores preocupados com o conhecimento das classes populares encontra-se Oscar Lewis. Segundo o autor, o conhecimento dessa população é de uma importância, pois constituem 80% da população do mundo, tendo um grande papel mundial.

Diz que “possuímos uma grande quantidade de informações sobre geografia, história, economia, política, e ainda sobre os costumes de muitos desses países (subdesenvolvidos), mas sabemos muito pouco de sua psicologia, particularmente da psicologia das pessoas de classe baixa, seus problemas, como sentem, como pensam, como que se preocupam ou discutem, e que esperam ou desfrutam” (LEWIS, 1965). Para ele só é possível entender essa camada social vivendo com eles, aprendendo sua língua e costumes e identificando-se com seus problemas e aspirações. Isto normalmente não é feito pela elite, pois a “natureza hierárquica de sua sociedade inibe a comunicação entre as duas classes” (ibid). Quanto a isso, pode-se dizer que dificulta enormemente e muitas vezes impossibilita, o trabalho com essas pessoas quando pensamos que os profissionais fazem parte dessa elite.

O autor acrescenta que o melhor foco de estudo é a família, e não o indivíduo ou a comunidade: “A descrever uma família vemos os indivíduos, como vivem e trabalham juntos, em vez de vê-los com estereótipos implícitos nos informes sobre padrões culturais. Ao estudar uma cultura, através da análise das famílias, aprendemos o que uma instituição significa para os indivíduos. Os estudos de famílias preenchem o espaço existente entre os extremos conceituais da cultura e a personalidade, conforme se interrelacionam a vida real” (ibid).

Todavia, as pesquisas sobre a família de classe popular têm sido realizadas tomando a família de classe média como modelo considerando o que difere como patológico, ou seja, as diferenças culturais não são levadas em consideração. Assim, os resultados mostram sempre que são famílias carentes em todos os aspectos.

A esse respeito, Nicolaci da Costa (1980) diz: “O etnocentrismo de classe média, porém associados aos temores que esta classe nutre em relação ao comportamento ‘inadequado’, ‘bárbaro’, dos membros das classes populares, impedindo as diferenças culturais sejam pesadas e, menos ainda, sistematicamente elaboradas”. Citando Elizabeth Bott, a autora mostra como os valores de classe média considerados ideais podem ser relativamente, ou seja, situações que para a classe média são bastante problemática, podem não ser para a classe de baixo poder aquisitivo, pelo menos com a mesma intensidade. Nicolaci da Costa, Bott verifica que as famílias das camadas populares da Inglaterra tem um contato muito próximo com a vizinhança, parentes e amigos, a aspecto muito importante para a compreensão da ausência do pai nesses lares. As mulheres tem um grande apoio, tanto doméstico quanto afetivo, além desses contatos fornecerem modelos masculinos de identificação para as crianças. Neste caso, a falta do pai pode não ter consequências tão sérias quanto na classe média. Esta, por ser mais fechada, não manter laços muito próximos de amizade e cooperação com a vizinhança e amigos, tende a sofrer a ausência do pai numa intensidade muito maior. Portanto, para ela a forma de vivenciar a ausência paterna depende do contexto cultural.

Também o papel do pai é definido de acordo com a cultura. Utilizando o trabalho de Malinowsky (1969) sobre a comparação entre a família patrilinear da civilização moderna e a família matrilinear de comunidades insulares da Melanésia Norte-Occidental ou Ilhas Trobrand da Nova Guiné Norte-Oriental, que são dois tipos de famílias bastante diferentes, podemos verificar como as diferenças podem ocorrer de forma extrema.

Os habitantes das Ilhas Trobrand são indígenas matrilineares, o parentesco é calculado através da mãe, a sucessão e transmissão de propriedades é feita em linha feminina. O marido não é considerado o pai biológico, pois eles ignoram a paternidade física, julgando que as crianças são colocadas dentro da mãe pelo espírito de um parente dela.

Cabe ao marido somente dar amor e proteção às crianças, como um grande amigo e não um parente. Quem tem autoridade, responsabilidade pela sobrevivência, transmite bens e habilidade, é o irmão da mãe. O tio materno é que detém o poder na família, sendo respeitado inclusive pela própria irmã como se

fosse sua súdita. Porém, em relação ao marido não tem o mesmo comportamento servil. A mulher tem seus bens pessoais e, influência pública e privada, não sendo oprimida por ele. O esposo contribui financeiramente muito pouco com a família, pois sua preocupação deve ser com suas irmãs.

Através desse exemplo de uma sociedade que difere tanto em relação a figura paterna, fica mais fácil compreender a necessidade de um conhecimento da população antes de se fazer qualquer referência a ela. Neste caso, pensar sobre o assunto a partir dos valores da nossa classe média levaria a conclusões totalmente equivocadas.

Para a compreensão da constituição familiar de uma dada sociedade, cabe antes passar por uma análise de dados históricos a respeito da mesma.

Iniciando um breve histórico da classe popular brasileira, Zahidé Machado (1984) fala de regulamentação social das relações sexuais como um fenômeno que ocorre em todas as sociedades, como resultado da necessidade de controle sobre a socialização da criança, a partir do momento em que o ser humano passou a depender mais da cultura do que dos seus instintos e impulsos (ibid). Surge uma preocupação com a forma como a criança é socializada, ou seja, com os valores e comportamentos que são passados para ela pela família e comunidade. Com isso, tornou-se importante um controle sobre a escolha de cônjuges e comportamentos da família, reprovando as uniões sexuais que não fossem legalizadas. Ter um pai passou a ser visto como essencial para garantir uma boa socialização. Segundo a autora “as normas de legitimidade dão conta de sua contrapartida, a ilegitimidade, que é assim um fenômeno relevante e perturbador em muitas sociedades. Ao enunciar a regra social do princípio da legitimidade: nenhuma criança deve ser trazida ao mundo se não houver um homem – e apenas um que assumas o papel de pai, que pode extrair de suas investigações antropológicas, Malinowski reforça a observação de outro antropólogo quanto ao caráter eminentemente cultural da paternidade (ibid).

Quanto a não inclusão da mãe no princípio enunciado por Malinowski, a autora acredita ser devido a crença de que a mãe estará naturalmente presente junto ao filho desde o nascimento, enquanto o pai poderá se negar com mais facilidade a assumir a responsabilidade.

Contudo Zahidé chama a atenção para uma contradição no princípio de Malinowski: não há uma grande preocupação com a ilegitimidade quando ocorre nas camadas mais baixas. Atribuí isto a razões econômicas, a não existência de bens a serem transmitidos por herança.

A ocorrência da ilegitimidade a classe popular é bastante comuns em todos os países, porém a autora acrescenta que é “mais evidente nas sociedades em que o processo colonizador impôs o trabalho escravo e formas variadas de servidão” (ibid).

Quando se fala em história da classe popular fala-se na história da escravidão e da abolição. A abolição da escravatura não modificou a situação de dominado do negro. Na verdade a partir desse momento começa a sua proletarização, pois devido ao preconceito quanto a cor e a origem escrava e a falta de qualificação para o trabalho, poucos são os que conseguem penetrar no mercado de trabalho organizado. Assim, também os descendentes dificilmente conseguem fugir ao caminho que lhes é imposto.

Um outro ponto importante é a influência do sistema escravista na estrutura de família da classe popular brasileira. Alguns fatos levaram-na a tornar-se acentuadamente maternal, a saber:

- O comércio de escravos levava em consideração somente os interesses financeiros dos proprietários, sem uma preocupação em manter o grupo familiar unido, deixando muitas vezes a responsabilidade dos filhos sobre a mãe;
- Os proprietários incentivava a procriação visando o aumento da sua força-trabalho/mercadoria, sem importar-se com a ilegitimidade das relações sexuais entre escravos;
- As relações sexuais entre brancos e negras também contribuía para responsabilizar a mulher por seus filhos.

Dessa maneira, segundo a autora, foi reforçado a centralização da responsabilidade pela prole na mulher, tornando alta a incidência de família maternal, fatos que ocorre até nossos dias, como podemos verificar em trabalhos sobre a atual família de classe trabalhadora.

Tânia Salem (1981) aborda a construção da identidade feminina em mulheres da favela da Rocinha, a partir de entrevistas realizadas com 17 moradoras. Utiliza a técnica de história de vida porque “estando comprometida com um mínimo possível de interferência por parte do investigador, permitiria às próprias entrevistadas discriminar o espaço social e os temas que consideravam de seu trânsito e com os quais se encontravam mais imediatamente identificadas” (ibid). Surge, então, como tema principal a família e como “pano de fundo” as precárias condições de vida, levando a autora a concluir que a identidade feminina nesse estrato é definida através da família.

Assim como a mulher se vê através da família, a figura masculina é pensada tomando como referencial a relação que o homem mantém com a família, sugerindo definições como irresponsável, liberto e sem amarras a mulher e filhos. Enquanto a mulher é vista como totalmente presa a família considera-se o homem sem vínculo forte com esta e com mais contato com o mundo exterior. Há uma determinação rígida do papel masculino e feminino, pois fechada na família a mulher sente-se incapaz de relacionar-se com a esfera pública que é dominada pelo homem. Cabe, então, a ele servir de intermediário entre ela e o mundo, enquanto ela cuida do espaço interior (lar). Dessa forma, o papel do homem é o de proteger, amparar.

Todavia, as queixas relativas ao não cumprimento da função masculina são muitas. A maioria acaba abandonando a família e, quando anda vive com esta, mostra-se omissa em relação ao desempenho do papel de suporte. Por isso, as mulheres convivem diariamente com a possibilidade de abandono.

Segundo a autora, elas tendem a responsabilizar o homem pelo que lhes acontece de bom e de ruim, ou seja, quando a avaliação do casamento é positiva vêem o homem como “salvador” e, quando é negativa o homem é visto como “vilão”. Isto ocorre porque sendo o homem considerado o encarregado pela interação entre a mulher e o mundo, conseqüentemente é o responsável por tudo que acontece. Tanto o fracasso da vida da mulher quanto as coisas boas, que muitas vezes são conseguidas pelo esforço dela (como o sustento da casa), são imputadas ao homem.

Salem atribui isso a definição de papéis, pois sendo a relação como o mundo externo pertencente ao lado masculino, a mulher se isenta de tudo que diz respeito a essa esfera.

A autora observou que mesmo estando insatisfeitas com o casamento essas mulheres não costumam tomar a iniciativa de propor separação. Os motivos alegados são os filhos, que devido a regras morais precisam ter um pai, e a dificuldade de sobrevivência, pois mesmo quando o marido não ajuda sistematicamente, é o dono do barrado. Assim, as mulheres mantêm a união até que são abandonadas, muitas vezes por causa de outra mulher. Normalmente, os homens vão embora e não permanecem contribuindo no sustento da família, o que, segundo a autora, decorre do fato de que essas mulheres não tem conhecimento dos recursos públicos como a justiça gratuita, deixando que a concessão de pensão fique a mercê do desejo do marido.

De acordo com Salem, a separação acontece na gravidez ou nascimento do primeiro filho, devido a dificuldade de manter a família com mais um membro.

Um outro ponto enfocado é o fenômeno do filho-eleito, que geralmente é o filho primogênito homem. A mãe atribui a este filho o papel de substituto do chefe da família, passando para ele a assistência econômica afetiva. Segundo Salem, a escolha do filho do sexo masculino está ligada a incapacidade da mulher de lidar com o mundo exterior que é projetada na filha.

Zahidé Machado Neto (1984) realiza uma pesquisa sobre mulheres chefes de família de bairros pobres de Salvador.

Segundo a autora, para essas mulheres suas famílias são formadas por elas e os filhos, pois o homem é coisa passageira, uma “figura secundária”, embora exista um desejo e constituir uma família nos padrões da classe dominante, que é a família conjugal. Apesar de terem uma autonomia e sobreviverem com os filhos sem ajuda do homem, a superioridade masculina é considerada natural.

A educação dos filhos está voltada para uma definição de papéis bem delimitada, que reafirma a crença na superioridade masculina. O menino é preservado dos trabalhos domésticos, que são vistos como femininos, e é tido como mais necessário de ir a escola. Por outro lado, a menina é sobrecarregada de trabalho, é levada a faltar à afazeres domésticos e, sofre discriminação na

distribuição dos alimentos, sob pretexto de que a mulher com menos ou que é mais forte e agüenta mais.

A mãe tem total autoridade em relação aos filhos, conquistada através da demonstração de dependência que eles têm dela e do uso da violência.

A autora se refere ao lugar do pai: “O relacionamento das mulheres chefes de família com os pais de seus filhos no caso dos pais presentes, e dos filhos com os pais parece modificar de modo vivo a vida da família. De um modo geral, o pai sempre ausente é um estranho, uma visita a qual não se dá maior importância. Os poucos que dão alguma contribuição para o sustento dos filhos aparecem de quando em vez, mas mesmo assim o relacionamento não se estreita, não há maior demonstração de carinho e afeto. Durante a visita eles são sempre discretos, parecem desconfiados e a conversa com as mulheres quase toda está relacionada com os filhos e as dificuldades da vida, o comportamento delas não é muito diferente do que teriam com outra qualquer pessoa e a cortesia só é quebrada quando há alegação e que pai não vem cumprindo com as obrigações. Dificultando os problemas dos filhos são debatidos, e quando a conduta do pai é quase sempre esquiva e reticente.

Por sua vez, a mulher chefe de família pouco se refere aos pais diante dos filhos. A referência rara é sempre a falta de cumprimento das obrigações, quase nunca ao abandono dos filhos e dela própria:

“Eu sou a mãe a mãe e estou criando, a responsabilidade é minha. Homem não se importa com filho e eu não rebaixo para ficar pedindo. Os filhos são meus. Eu nunca fiquei apurando porque homem me largou. Se eu me juntei foi porque quis e é isso mesmo, homem não tem responsabilidade, sempre foi assim. Pois eu não, eu mando pedir e fico danada. É, homem não gosta de responsabilidade, mas não é direito que só a gente carregue a cruz. Ficar confortada eu fico porque estou criando, Deus me ajuda, mas eu me viro para ele dar o que é dos filhos, porque ele fez, não fui eu só. Mulher não faz filho sozinha.” (ibid)

Este trecho de trabalho de Zahidé mostra um pai distante, ausente, secundário. Porém, para elas, essa situação é vivida como normal e esperada, verbalizada através das alusões a “irresponsabilidade natural” do homem, embora apareça também um certo ressentimento. A autora mostra ambiguidade na forma dessas mulheres pensarem suas vivências, pois ao mesmo tempo que expressam a

mágoa por serem maltratadas, também, falam em um conformismo. Zahidé se refere a esse conformismo:

“A mulher cheque de família passa por uma espécie de desincronização social que a marginaliza. A luta pela sobrevivência associada ao relativo desconhecimento do ‘mundo de fora’ e a supervalorização do trabalho faz dela uma socializadora da passividade, que compete os filhos a se fazerem dóceis e as mulheres, especialmente super trabalhadoras confortadas, embora capazes de descobrir a valia do próprio esforço solitário.” (ibid)

Os modelos transmitidos aos filhos também são ambíguos: modelo masculino oscila entre a fraqueza, irresponsabilidade, agressividade e violência, deve ser um trabalhador passivo, homem “naturalmente” irresponsável e agressivo. A definição de características masculinas e femininas são rígidas e opostas: independência/dependência, agressividade/passividade, força/submissão, segurança/insegurança, etc.

A relação da mãe com um novo companheiro não parece causar transtorno entre ela e o filho. Normalmente os motivos para início de relacionamento alegado pelas mulheres mais novas são de que o homem parecia querer fazê-la feliz, enquanto as mais velhas falam da promessa de ajuda.

Em Ropa et al (1983) encontramos uma família numerosa, formada de pai, mãe, filhos e agregados (afilhados, filhos adotivos, parentes que vem em busca de emprego na cidade, crianças cujo os pais morreram, crianças cujo as mães trabalham fora, genros e noras, filhos de parentes que passam por dificuldades), moradora de Acari. Por isso, os filhos têm contato com uma grande rede de relações, não mantendo relação de exclusividade com a mãe. Contudo, não existe mistura de papéis. A mãe cabe cuidar do interior da casa, ou seja, educar e exercer o controle da casa, apesar de delegar tarefas a outros. O pai é responsável pelo sustento da família, pelas decisões mais importantes (namoro, da filha, corretivo das crianças, ida para a escola, local de residência) e pela orientação das relações com meio externo. É sempre figura de autoridade, mesmo quando está afastado do lar.

Quando o homem assegura o sustento da família, a relação com outra mulher pode provocar queixa por parte da esposa e filhos por medo de perder a manutenção, mas a família não se desestrutura necessariamente.

O papel atribuído ao homem é legitimado pela mulher, que cuida para que suas normas sejam seguidas.

Para que a mulher assuma seu papel, terá que não se dedicar ao trabalho fora de casa, fazendo com que não veja sua contribuição resultante de algum trabalho feito em casa, como fundamental.

Essa distinção de papéis exige que a educação de meninos seja diferente. As meninas são preparadas para atividades domésticas: fazem o serviço da casa e cuidam dos irmãos menores, muitas vezes faltando ao colégio. Os meninos normalmente não fazem esse tipo de serviço, pois são incentivados para atividades fora do lar. A partir de 6 ou 7 anos ajudam na despesa da família através de carroto de feira, vender bolinhos, sorvete, cafezinho, trabalhar como ajudante em pequenas oficinas, recolher e vender garrafas, jornais, latas, etc. Não costumam faltar a escola, pois necessitam estudar para exercerem atividades no mundo externo.

A menina é preparada para o casamento e a maternidade. Segundo os autores, ter filhos é a grande aspiração dessas mulheres. É que a maternidade parece ser o que lhes reafirma a própria condição de mulher, de vez que é através da maternidade que elas verão consolidar o papel que lhes cabe desempenhar na família. Por isso, tem dificuldade em entender que uma mulher se case e não tenha filhos, deliberadamente (ROPA, 1983). Por outro lado, não há para o menino preparação explícita para o casamento e sim a expectativa do cumprimento de um código moral que implica em que o homem seja trabalhador, não seja alcoólatra, nem esteja ligado a tóxicos (ibid).

Os filhos homens têm também autoridade na família, principalmente o primogênito. Este é considerado o substituto do pai e a ele é delegado cumprir o papel do pai na falta deste.

Delma Pessanha Neves (1982) realiza um estudo sobre a matrifocalidade em família nucleares da classe popular no morro do Cavalão em Niterói. Autora expressa a importância desse conhecimento da seguinte forma:

“O estudo do caráter matrifocal que certas famílias nucleares apresentam está diretamente ligado à compreensão das estratégias e padrões de sobrevivência de unidades familiares, cuja reprodução física e social se realiza sob freqüentes crises, em face das constantes situações de desemprego e de insuficiência e irregularidade do salário do marido... Frente às dificuldades de desemprego de

suas funções segundo o padrão dominante de organização – a família nuclear (pai, mãe e filhos), constituídas sob determinadas regras sociais que prescrevem a estabilidade com sua composição, as unidades familiares se atualizam sob arranjos variantes ou alternativos” (NEVES, 1982).

Nessa população foram estudadas famílias constituídas de pai, mãe, filho e famílias constituídas de mãe e filhos nascidos de uniões com vários companheiros. É importante a observação que a autora faz sobre o segundo tipo de organização familiar que diz:

“... deve ser entendido enquanto distanciamento das condições de atualização das relações da família nuclear. Ele não supõe a negação da necessidade de Mario ou que o seu sistema de organização prescindia do matrimônio. Ao contrário o matrimônio é considerado um valor que, todavia, nem sempre se torna acessível porque pressupõe a articulação de uma série de investimentos materiais e culturais não plenamente controláveis. A procura de um marido que possa atender à manutenção da família sob condições relativamente estáveis é um objetivo perseguido pelas mulheres que atualizam esse tipo de arranjo multifocal” (NEVES, 1982).

As dificuldades que o marido encontra para obtenção de emprego e salário não permite que mantenha a família nos padrões culturais da classe pois sem poder contribuir regularmente sente-se sem autoridade para participar das decisões da família e, a mulher passa a ter maior poder e controle de desempenho dele. “Frente a tais circunstâncias, ele é definido como “lerdo”, sem iniciativa. As mulheres costumam se ver como “espertas” e explicar essa situação com a seguinte expressão: “Nesse terreiro, galo não canta” (ibid). Esses conflitos quando muito intensos, podem gerar o abandono da casa pelo homem ou a expulsão deste pela mulher.

A autora procura descrever o caminho percorrido pela família desde o casamento. Foram observados 3 ciclos de desenvolvimento biológico e social. O primeiro vai da constituição da família até a independência dos filhos (entre 5 e 7 anos), o segundo é a fase em que os filhos podem substituir a mãe nos trabalhos de casa e colaborar com o pai no sustento da família e, o terceiro ciclo inicia quando os filhos começam a formar novas famílias.

Em cada ciclo a relação entre o marido e a mulher sofre alterações e, a ultrapassagem desses ciclos é difícil, existem situações que podem gerar o fim da relação.

Os filhos são considerados independentes quando “foram socializados a comerem sozinhos, a se locomoverem e saberem se juntar ao grupo de irmão ou crianças vizinhas para brincarem no quintal” (ibid). Quando a família passar por dificuldades financeiras ou falta do marido, a independência é dada mais cedo. É o filho mais velho, normalmente com 7 anos, que substitui a mãe nos cuidados com os irmãos menores. Com a ajuda dos filhos, a mulher fica mais livre em relação aos cuidados das crianças, e devido à pressão do marido, passa a colaborar exercendo alguma atividade.

No primeiro ciclo é o homem o único responsável pela manutenção da casa, e no segundo, a mulher vai ajudar naquilo que o esposo não pode conseguir. Ela vai pressionar o marido para obter o máximo para despesas, já que manter a casa é papel dele. Surgem as acusações de que ele não tem se esforçado o suficiente ou de usar o dinheiro para bebida ou outra mulher. Portanto, é visto como irresponsável, perdendo a autoridade perante a família, já que a autoridade depende da capacidade de suprir as necessidades da família.

As cobranças e exigências das mulheres à que os homens se dediquem plenamente ao trabalho são para que a família tenha suas necessidades satisfeitas. Essa submissão ao trabalho faz com que o homem tenha crises de revolta geralmente voltada para a mulher. A fim de impor seu poder, usa a agressão física. Sobre isto é importante a seguinte observação da autora:

“Embora a agressão física não se constitua em prática legítima, quando ela se dá por um agressor alcoolizado, tende a ser compreendida. As críticas e acusações recaem muito mais pelo uso abusivo da bebida alcoólica do que pela agressão física propriamente. A esposa de um marido que constantemente se coloca em condição de alcoolizado é sempre definida como sofredora e infeliz. Todavia regras morais que orientam o comportamento destes casais preconizam a aceitação dessas condutas, desde que o marido mantenha seu papel de provedor dos recursos para as compras e a acusação às mulheres que se rebelam.” (ibid)

São nos conflitos da passagem do primeiro para o segundo ciclo que na maior parte das vezes o casal rompe a relação, podendo o marido buscar uma nova família menor ou que não exija muita responsabilidade. Por seguinte, a compreensão dos padrões e das contradições vividas pela família na luta pela sobrevivência é fundamental ao entendimento da reordenação das unidades familiares que apresentam o poder e autoridade concentrados na mulher (ibid).

Devido ao não atendimento às necessidades da família pelo esposo, a mulher pode buscar ajuda da família de origem, mudando-se para a casa dos pais. O resultado pode ser que o marido se sinta ameaçado com a separação da família e peça que ela volte prometendo cumprir seu papel ou que mantenha separação deixando a responsabilidade pelo sustento das crianças por conta da mulher e dos parentes dela.

Quando separados, o casal pode continuar mantendo algum contato, inclusive sexual podendo surgir outro filho. Isso acontece, o marido pode assumir a responsabilidade pelo filho porque a mulher está impedida de trabalhar. Neste caso, um retorno a vida em comum se dá com reordenação de papéis. A mulher fica à frente na manutenção da casa e o homem com menos responsabilidade e conseqüentemente com menos poder perante a mulher.

Com isso, se a mulher não tiver ajuda de parentes, partirá para o mercado formal, deixando os filhos sozinhos enquanto está fora de casa. A tendência é que troque o marido por um companheiro que produza ou com quem possa manter a família de acordo com o padrão dominante.

A princípio, o novo companheiro não assume o papel de pai das crianças da relação anterior. No início, a relação é apenas do casal, mas com o nascimento do primeiro filho dessa união, ele se transforma em “o pai do meu filho” (ibid). Abrindo espaço para que a mulher consiga que ele atenda também as outras crianças.

A autoridade do novo companheiro é normalmente restrita ao filho. A obediência às suas ordens pelas outras crianças se dá pela obediência à mãe. Quando os filhos obedecem ao seu companheiro favorece a ampliação deste, na medida em que o equilíbrio na relação permita a mãe redistribuir os bens que era somente para o(s) filho(a) dessa união.

Na verdade, a mulher só procura essa nova relação devido à ausência do marido. É um contrato sem segurança para ela, sendo o término já esperado. Por isso, é a mulher que tem a função de manutenção básica da família, sendo a ajuda do companheiro suplementar, levando a procurar apoio do(s) pai do(s) filho(s). Porém, se o companheiro se coloca disposto a ser responsável pelo sustento da família a colaboração do(s) pai(s) não é requerida.

A autoridade será concentrada em quem tiver maior participação financeira. O caráter matrifocal dessas relações familiares variará conforme a presença mais ou menos afetiva do companheiro, a despeito de ser a mulher que assegura a continuidade das relações familiares estabeleça o vínculo de consangüinidade entre os filhos.

Os trabalhos apresentados mostram traços comuns entre as pessoas de diferentes lugares embora haja opiniões contrárias entre os autores. Apesar de não haver um aprofundamento sobre a questão do papel do pai, por não ser esta a proposta dos autores fica claro que está bastante ligado ao sustento da família. Não existe referência a existência de expectativas em relação ao lado afetivo, ou seja, não é mencionado se é esperado que o pai atenda também as necessidades afetivas dos filhos como ocorre na classe média. Pode ser que a grande dificuldade de sobrevivência, de suprir as necessidades básicas, faça com que a necessidade de afeto no sentido que nós entendemos seja colocada em segundo plano e dar e receber afeto passe a significar respectivamente, atender e ser atendido às necessidades básicas principalmente em relação ao pai por ser culturalmente o responsável pela manutenção da família.

É impossível abordar qualquer assunto sobre a classe popular desvinculado da problemática da sobrevivência e da diferença cultural. Neste sentido, é importante pensar quanto a adequação das teorias sócio e cultural por terem sido criadas a partir de uma realidade psicanalíticas.

Os trabalhos escritos por psicanalistas dão uma grande importância ao pai.

Freud vê a importância do pai no complexo de Édipo, que resultará na formação de superego e na internalização de um modelo sexual.

Para Melanie Klein, a influência do pai começa ainda mais cedo no primeiro ano de vida, na fase que se chama de complexo de Édipo precoce.

Já Aberastury, fala da importância do pai, no desenvolvimento, mas acrescenta que o bebê nasce com uma expectativa em relação ao pai, do mesmo modo que em relação a mãe. Vários outros autores dão destaques a necessidade do pai para um bom desenvolvimento da criança. Para Lamb, o pai é importante como modelo masculino e como agente socializador, tendo, portanto, uma grande

participação no desenvolvimento e amadurecimento social e da personalidade dos filhos.

Morval cita a posição de alguns autores:

- Necessidade da presença paterna, enquanto objeto de amor, fonte de segurança e figura de identificação (BURLINGHER; FREUD, 1949);
- O pai como suporte importante para a aquisição de normas sociais (GOODENOUGH, 1957; HEILDRUN, 1965);
- O pai como um componente significativo no ambiente inicial da criança.

Sua interação com a criança significa a responsabilidade social diversos aspectos de desenvolvimento inicial, tanto cognitivo quanto motivacional. O pai é considerado como a primeira metade do primeiro ano de vida dos bebês homens ao contrário dos pressupostos usuais. A desvantagem sócio-econômica é apontada como fator influente para que as crianças sejam mais vulneráveis aos efeitos da ausência (PEDERSEN et al, 1974; PINHEIRO, 1983)

Partindo dessa visão sobre o papel do pai, vê-se a ausência do pai sempre como uma situação com consequências patológicas para as crianças.

Entre os autores psicanalistas, Lacan é o que menos importância dá a existência do pai concreto.

Para ele, a entrada de um terceiro membro (o pai) na relação mãe-filho impede que esta se feche. O quarto personagem no triângulo edípico é a função do pai. É introduzida através do pai, mas não se confunde com a figura do pai. Por função paterna Lacan entende a estrutura, o código social que regula, restringe e dá sentido às relações entre os outros personagens: mãe-filho, mãe-pai, filho-pai.

A função ou nome de pai independe do corpo concreto do pai, e tanto pode-se encontrar pai presente sem que exista função paterna (situação familiar patológica em que mãe e filho se fecham numa simbiose enlouquecedora), como pode existir função paterna sem haver um pai presente (como por exemplo no caso da mãe viúva) na medida em que a mãe tenha simbolicamente uma abertura para um terceiro que através desta abertura possa introduzir o código social, e se impedir de se impedir de se enclausurar numa relação primitiva e estéril com o filho (SILVA, 1973).

Para Lacan, o importante não é a existência de um pai real, mas sim um terceiro significativo, cuja penetração na relação mãe-filho vai depender da capacidade da mãe de permitir que isto ocorra.

De acordo com as pesquisas relatadas anteriormente, sobre camadas populares, nessas famílias as crianças mantêm relações com um fechamento da relação mãe-filho, mais fácil de ocorrer nas classes \dominantes. Assim, pode-se pensar na hipótese de que nas camadas populares a entrada do terceiro que introduz o código social é facilitada pela mãe, provavelmente a falta do pai pode não ser tão significativa, o que de uma certa forma é passado pelos pesquisadores, que observam a necessidade do pai apenas como apoio econômico.

Porém, pensando na questão do freqüente abandono paterno é importante remeter-nos as idéias de Freud sobre a separação. Em seu artigo “Luto e melancolia”, o autor trata de como se dá a elaboração da perda, que pode ser sob a forma de luto ou melancolia, vistos como fenômenos distintos.

Freud vê o luto como uma situação normal que se encontra o indivíduo que sofreu perda de alguém ou algo querido. Ocorre uma perda de interesse pelo mundo externo, pois toda a energia está voltada para o seu sofrimento, até que o sujeito consegue aos poucos afastar-se de seu objeto amado.

Na melancolia, além da falta de interesse pelo mundo externo, ocorre uma grande diminuição da auto-estima, desvalorização do ego, diferindo do luto:

“No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia patológica, e ao contrário do luto, sua separação não acontece com facilidade, pois o indivíduo apresenta comprometimentos mais profundos.” “(...) não podemos, porém, ver claramente o que foi perdido, sendo de todo razoável supor que também o paciente não pode conscientemente perceber o que perdeu. Isso, realmente, talvez ocorra dessa forma, mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem a uma melancolia, mas apenas no sentido de que sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém. Isso sugeriria que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda” (Freud)

3

METODOLOGIA

Foram tomadas como referência, mulheres de um segmento da classe popular, residentes em duas favelas da cidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. A atmosfera foi constituída por 30 mulheres, divididas em dois grupos, a saber:

- 15 mulheres que estão vivendo o primeiro casamento;
- 15 mulheres separadas d primeiro marido, independente de estarem ou não, vivendo uma segunda união

O instrumento de pesquisa escolhido foi à entrevista semi-estruturada. Foi utilizado um roteiro com questões chaves, mas que serviu apenas para que as entrevistas não ficassem totalmente livres, perdendo-se do objetivo inicial. As mulheres também tiveram participação no direcionamento das questões, trazendo temas importantes para falar. Este roteiro foi elaborado a partir da revisão bibliográfica e, da vivência da pesquisadora no movimento social e de mulheres em Duque de Caxias, passando por modificações após entrevistas piloto.

As entrevistas foram realizadas com gravador e tiveram tempo de duração variando de uma a duas horas.

Houve uma preocupação durante todo o tempo, em que a relação com as entrevistadas, não conseguisse o modelo tradicionalmente usado, que coloca pesquisados e pesquisador em planos diferentes. Isto é fácil de ocorrer principalmente quando este pertence a classes sociais diferentes.

Maria Mies enfatiza essa questão, no que diz respeito a pesquisa com a mulher.

“A relação vertical entre pesquisador e objetos pesquisados”, a visão de cima para baixo deve ser substituída pela visão de baixo para cima. Esta é a consequência necessária, exigida pela parcialidade consciente e a reciprocidade. A pesquisa, que tem sido até agora um instrumento de dominação e de

legitimação das elites no poder; deve ser transformada para servir aos interesses dos grupos dominados, explorados e oprimidos, particularmente mulheres. Mulheres acadêmicas, comprometidas com a causa da liberação das mulheres, não podem ter um interesse objetivo na “visão de cima para baixo”, por isto, significaria que elas concordam com sua própria opressão como mulheres: a relação homem-mulher representa um dos mais antigos exemplos da visão de cima para baixo, e pode ser o paradigma de todas as relações verticais hierárquicas.

A exigência de uma visão “de baixo para cima”, sistemática, tem uma dimensão científica e uma dimensão ético-político. O significado científico está ligado ao fato de que, apesar da sofisticação dos instrumentos de pesquisa quantitativa, uma grande parte dos dados reunidos através deste método são completamente irrelevantes ou sem validade, porque a situação hierárquica da pesquisa, em si mesma, destrói os objetivos da investigação. Esta situação cria uma séria desconfiança por parte dos “objetos de pesquisa” que sentem-se interrogados. Esta desconfiança surge quando as mulheres ou outros grupos subordinados são entrevistados por membros de uma classe social mais alta. Os dados reunidos muitas vezes refletem um “comportamento previsto”, mais que um comportamento real. (BERGER, 1974)

Buscou-se que essa investigação não se resumisse a simples coleta de dados, mais sim que fosse um encontro entre mulheres. Isto foi facilitado pela militância no movimento social em Duque de Caxias, uma vez que permitiu um acesso mais fácil. A escolha das comunidades foi feita considerando tanto os conhecimentos prévios de comunidades. O contato inicial em uma das favelas foi com a direção de creche existente nesta e, na outra com a presidente da associação de moradores. Estas pessoas tiveram muita importância não só abrindo um espaço físico para as entrevistas, mas também servindo como intermediárias entre as mulheres e a pesquisadora minimizando o medo inicial, e como proteção por causa de integrantes do tráfico de drogas que vêem desconfiança a presença de uma pessoa estranha fazendo entrevistas. As entrevistadas fazem parte dessas comunidades, sendo que algumas são monitoras da creche, trabalham com as crianças nas favelas.

Foram várias idas e vindas, “bate-papos” informais, lanches nas cozinhas, confecção de enfeites para festa de criança, discussões políticas. O resultado disto, foi que as entrevistas, apesar de um incômodo gravador, puderam ser realizadas num clima de proximidade, carregado de emoção, com muitos risos e lágrimas. Muitas vezes, elas ficavam prorrogando o término da entrevista e, agradeciam pelo fato de serem ouvidas. Vária foram as alusões a ser a primeira vez que alguém conversou com elas com compreensão. A necessidade de um espaço para se colocarem sem se sentirem oprimidas é muito grande.

Tudo isto serviu como “termômetro” para medir o quanto prática estava correspondendo ao objetivo. Cada contato feito era avaliado e, ao longo do tempo pode ser parecido que tinha havido um crescimento, pois as relações foram se tornando mais espontâneas.

Ser psicóloga significa possuir um saber que elas não têm e, pertencer a um meio social privilegiado. Contudo, isto não impediu a troca. Mostravam-se satisfeitas em ter alguém interessado em conhecer o mundo delas.

4

INFÂNCIA

Ao avaliarem a infância que tiveram, as mulheres utilizam como referencial um conceito de infância ideal, comum a todas elas. A criança necessita desfrutar do amor dos pais, brincadeiras, brinquedos, escola, não precisar trabalhar e não ter responsabilidade. O fato de terem tido acesso ou não a esses direitos, vai fazer com que definam a infância como boa ou ruim, ou ter não infância.

A satisfação dessas necessidades está diretamente ligada às condições de vida de cada uma, sendo que grande parte não pôde ser atendida nesses desejos infantis.

4.1.

Trabalho Infantil

Pressionadas por uma situação sócio-econômica precária, a maioria iniciou ainda criança, a luta pela sobrevivência.

“Pra mim foi muito triste, sabe? Porque a gente via as outras crianças ter uma boneca, e a gente nunca tinha boneca, sabe? A gente via os pais dando carinho ao filho, e a gente nunca tivemos carinho de pai. A gente antes de 8 anos, a gente trabalhava com minha avó, vendendo milho aí no shop Center, milho, cocada, correndo do rapa, porque o rapa não deixava a gente trabalhar, né? A vida da gente sempre foi meio ruim mesmo. Sabe, uma vida que parecia que a gente... nem bicho, porque tem bicho que a gente dá o maior carinho, maior amor, e a gente...” (23 anos, separada do primeiro marido e casada pela segunda vez, 1 filha, criada na favela aonde mora, pela avó, dona de casa atualmente).

No entanto, existe uma tendência a não perceberem suas atividades extra-oficiais como trabalho. Ao serem perguntadas sobre quando começaram a

trabalhar, diziam que nunca, ou referiam-se ao primeiro emprego no mercado de trabalho oficial. Isto parece ocorrer por dois motivos. Primeiro, por associarem trabalho ao mercado formal e, em segundo lugar, por haver uma desvalorização própria.

No trecho de entrevista abaixo, a informante conta que desde os 10 anos de idade, fornece o dinheiro para a comida da família, mas subestima sua ajuda dizendo ser pouco e falando no diminutivo.

Entrevistadora - Quais os trabalhos que você já teve? Com que idade começou a trabalhar?

Informante - Comecei a trabalhar com 23 anos, depois que me separei. Nunca tinha trabalhado.

Entrevistadora - Nenhum outro tipo de atividade que ganhasse dinheiro?

Informante - Não, nada.

Entrevistadora - Mas, você vendeu bala.

Informante - É isso, vendi bala.

Entrevistadora - Com quantos anos começou a vender bala?

Informante - Ah, com 10 anos eu vendia bala lá em Copacabana. Então, aquele dinheirinho, eu pegava e dava tudo pra minha mãe.

Entrevistadora - E ela fazia o que com o dinheiro?

Informante - Ela comprava comida pra gente, o que ela podia fazer era só isso. (29 anos, separada, 2 filhas, criada pela mãe, pai morreu quando ela tinha dói anos, criada num bairro da periferia de Duque de Caxias).

4.2.

Escola

A frequência à escola acaba tornando-se difícil, resultando em abandono. Isto traz muita frustração e, às vezes, responsabilizam os pais, apesar do reconhecimento das limitações financeiras.

“Olha, eu tinha muita vontade de estudar, mas eu nunca consegui. O que eu aprendi muito pouco foi minha avó que se interessou (...). Nós nunca dependemos de um lápis, nem de um caderno do meu pai e da minha mãe. Eles nunca se interessaram, entendeu? Ta certo, eu reconheço que a situação deles, era difícil, mas eu via outras crianças que era igual a gente ou talvez até pior, porque meu pai tinha onde morar (...). Então, eu sempre tive muita mágoa disso”. (38 anos, casada, dois filhos, criada no interior da Paraíba, trabalhando no campo, a partir de 7 anos foi morar com os avós).

Além do abandono por dificuldade financeira dos pais ou descaso como diz a informante, pode ser causado por outros fatores.

A dificuldade de conciliar trabalho e escola é o principal.

A jovem abaixo abandonou a escola na 5ª série do primeiro grau.

“Porque a moça onde eu trabalhava, ela tava botando muito serviço pra mim trabalhar e, ela não queria mais pagar meu estudo. Aí, eu peguei e saí da escola, e larguei a casa dela também (...). Aí, eu trabalhei na pensão, lá na Praça Mauá, de ajudante de cozinheira, mas í não dava pra mim pegar no estudo porque eu saía de casa 4 e meia da manhã, porque lá eu pegava às 6 e soltava às 4, não dava pra estudar porque eu chegava muito cansada”. (23 anos, separada do primeiro marido e vivendo com outro, uma filha, dona de casa)

O casamento na adolescência também é causa de abandono escolar como no caso desta mulher, que casou aos 13 anos de idade.

“Depois que eu saí do colégio interno, ainda estudei um ano na Escola Bahia, ali em Bonsucesso. Aí no outro ano eu casei, saí para casar”. (36 anos, 8 filhos, estudou até a 4ª série do 1º grau, separada do primeiro marido e vivendo com outro).

As mulheres atribuem a saída da escola ao difícil acesso a esta, por terem que passar por locais perigosos, mas em seguida, falam de outro motivo, como a dificuldade de aprendizagem ou interesse maior pelo namoro.

“Estudei até a 5ª série. Quando eu fui morar ali, era assim um lugar muito escuro, eu tinha medo de sair pra estudar (...) aí eu parei. Parei também por causa da matemática, matemática nunca entrou na minha cabeça”. (26 anos, separada, um filho, costureira, criada na favela).

“Eu estudei até a 4ª série. Quando eu passei pro ginásio, eu saí da escola. (...) Porque eu mudei daqui pra outro lado, e era difícil pra eu vim de lá pra cá. Eu estudava aqui, mas lá tinha muito malandro e, eu não podia sair sozinha. (...) Eu perdi a matrícula. Depois, eu comecei a namorar muito cedo, fogo de menina nova de querer namorar, né? Aí, larguei os estudos”. (22 anos, casada desde os 16 anos, teve uma filha aos 14 anos de outro homem, 4 filhos, dona de uma pequena barraca na favela onde mora, voltou a estudar, deseja ser enfermeira, participa de um grupo de mulheres em um igreja católica, vive bem com o marido)
Para algumas a frequência à escola, além de por curto tempo, foi irregular, devido a obrigatoriedade ao trabalho.

“Quando eu fui pra casa da minha avó, ela me botou na escola, só como eu te falei, meu tio queria que a gente tivesse sempre trabalhando pra ele, porque na roça tem muito o que fazer. Então, eu freqüentava dois dias de aula por semana. Era difícil a semana que eu ia três dias, assim mesmo minha avó, às vezes, até se desentendia com meu tio, porque meu tio achava que eu tinha que ficar trabalhando. Minha avó achava que eu tinha que ir pra escola”. (38 anos, casada, 2 filhos, criada no interior da Paraíba).

4.3.

Alcoolismo

São várias as mulheres que conviveram com pai alcoólatra, que maltratava a esposa e, não se preocupava com o sustento da família.

“Minha mãe sempre trabalhou pra ajudar a gente, porque meu pai antigamente não queria nada, bebia muito. Minha mãe sofreu muito pra criar a gente, mas nunca faltou nada pra gente, tudo que ela podia nos dar, ela nos deu, como pobre, de tudo”. (31 anos, vivendo uma segunda união, três filhos, criada em favela de Caxias).

O contato com o alcoolismo fez parte da infância de todas as entrevistadas, seja na família ou na comunidade.

Na forma de compreender o alcoolismo, não buscam causas sociais e/ou psicológicas. Vêm a bebida como algo externo que controla o indivíduo, independente de sua vontade ou necessidade.

“Meu pai, ele é legal, sabe? Por ele, ele queria pra gente tudo que podia, mas a cachaça não deixava, porque a cachaça consumia com o dinheiro dele todo. Aí, era isso, bebia muito. De sexta, sábado e domingo ele bebia bastante, e nunca tinha dinheiro pra poder comprar uma calcinha pra gente, que dirá alimentação, que ele não dava mesmo”. (23 anos, vivendo um segundo casamento, uma filha, dona de casa, criada em favela de Caxias).

Pra muitas, a bebida está por trás de uma série de problemas vividos por suas mães.

Entrevistadora - Por que seus pais separaram?

Informante - Ah, meu pai bebia. Por causa da bebida do meu pai, minha mãe ficava com ele, porque apesar dos pesares, minha mãe gostava dele. Ele começava com agressão, aí ela foi e largou”. (26 anos, casada, 3 filhos, faxineira, criada em favela do subúrbio do Rio)

4.4.

Violência

O contato com a violência física é uma realidade das mulheres desde a infância. Pode ter sido vivido por elas, por suas mães ou pessoas da comunidade. Ocorre dos pais em relação aos filhos, ou do marido em relação à esposa.

A jovem, fala da lembrança do dia da separação de seus pais, quando ela tinha 19 anos de idade.

“Só me lembro assim, no dia que ela foi embora, ela ia levar a gente. Meu pai jogou ela em cima da cama, arrancou o chinelo da gente assim, que era arrumadinho, rasgou. Quase que teve assim morte também. Ela foi embora, e não voltou mais. Ele pegou, levou a gente pra Paraíba do Sul. Eu chorava a bessa. Ele tinha um punhal, minha mãe ia pegar a tesoura pra enfiar nele, aí ele foi puxou assim sabe? Aí, ela foi tirar pra enfiar nele, ele foi tomou dela assim e jogou fora. Eu lembro disso. Ela sempre procurava a gente, a gente morava em São João de Meriti, sempre procurava a gente, mas ele sempre escondeu a gente dela”. (Mesma informante anterior)

As explicações para tal violência estão no alcoolismo, como foi falado anteriormente, ou na doença mental.

“Ele (o pai) é assim dessa pessoa assim que tem problema de cabeça, sabe? Até não é doido assim, mas é assim de quebrar as coisas” (idem)

Um outro tipo de violência bastante praticada pelos pais contra as mães é a infidelidade, normalmente feita de forma ofensiva, comprometendo a moral da mulher.

“Ele (pai) falava que ela (mãe) era piranha, que arrumava homem, ia pro hotel. Não era nada daquilo, quer dizer que a gente se revolta um pouco com certas coisas”. (idem)

4.5.

Ausência do Pai

Para a maioria das mulheres cujos pais se separaram, isto significou abandono paterno, uma vez que o pai está muito ligado a exigência de que o casamento deve ser indissolúvel. Sentindo-se estigmatizadas, numa fase em que ainda não podem ter uma compreensão real da separação dos pais, elas parecem ter passado por um sofrimento grande.

No relato abaixo, a informante fala de sua dificuldade em tornar pública a separação dos pais.

“Sentia, sentia bastante falta do meu pai. Quando ele saiu de casa, a gente ainda não entendia, hoje em dia eu entendo a separação deles. Mas, quando ele foi embora, quer dizer, a gente sentiu, né? Então, eu sentia falta dele. Eu lembro que no dia dos pais e das mães na minha escola, eu dizia que o meu pai tinha morrido. Eu tinha vergonha de dizer que meu pai era separado, porque antigamente, há uns 10 ou 15 anos atrás, eram assim, entende? Hoje em dia a separação ta aí mesmo, antigamente era coisa reservada” (24 anos, casada, sem filhos, criada em favela de Caxias, não vê o pai desde 6 anos de idade, monitora da creche).

Um fato contraditório é a afirmação de que a separação não era comum alguns anos passados, pois as outras mulheres também declaram que fez parte declaram que fez parte da vida delas.

Continuando, ela explica como entende atualmente a ausência de seu pai.

- Entrevistadora - Você acha que seu pai fez falta?
- Informante - Agora não, como a cabeça que eu ‘tou’ hoje em dia não, porque hoje em dia eu sei o que meu pai era, coisas que eu em criança eu não entendia. Quer dizer, meu pai era alcoólatra, ele gostava de beber. Quer dizer, criar nós com minha mãe junto com meu pai, com o relacionamento deles, com a cachaça dele, não ir dar certo.

4.6.

Figura Materna Negativa

As referências foram até o momento, ao mau desempenho do pai e á exaltação da mãe. Cabe também relatar as queixas a respeito da mãe, pois apesar de poucas estão presentes.

Entre as 30 entrevistadas, somente três demonstraram insatisfação em relação à mãe. Um deles foi a de duas irmãs, cuja mãe era alcoólatra, espancava-as, e as abandonou para sempre, quando tinham ainda 1 e 4 anos de idade cada uma. O pai, apesar de continuar mantendo contato com elas, deixou-as na casa da avó, porque além de gastar todo o dinheiro que recebia com bebidas, foi morar com outra mulher. A avó, devido a sua difícil situação sócio-econômica, não pôde mantê-las totalmente, fazendo com que elas começassem a trabalhar como camelôs aos 8 anos. Além disso, a avó sempre tensa tratava-as com rispidez.

Embora ambas carreguem mágoas pelo abandono e pela vida que tiveram, é a mais velha que demonstra maior revolta. Sente que sofreu mais porque participou mais dos problemas.

“Minha infância, tenho assim muita coisa boa pra falar não, porque minha mãe bebia, ela bebia, sabe? É a única que saía debaixo de chuva, debaixo de sol pra comprar cachaça pra ela, era eu. Quase eu não tive infância nenhuma, não posso nem dizer a você como foi minha infância, que eu não tive infância. (...) Eu não tinha tempo, minha mãe bebia a bebida dela, prendia a gente em casa, não deixava. Eu saía pra comprar cachaça pra ela, se eu não comprasse, eu apanhava. Minha mãe quando bebia, tentava matar até a gente”.

Falando da relação com a avó, ela mostra o quanto sentia-se rejeitada e vulnerável à críticas. Contudo, parece compreender os motivos da avó.

“Minha avó era uma pessoa muito sofrida na vida, minha mãe abandonou nós na costa dela. Ela lutando com o marido dela – que o marido dela não é o pai, já o segundo marido – então eles lutando pra criar a gente, e ela agoniada, nervosa, lutando aqui. Ficava falando que a mãe largou a gente, que boa peça a gente não era, falava muitas coisas. Não tinha aquele carinho, que a mãe abandonou a gente, pra nos dar um carinho igualmente a mãe. Foi assim, sabe?” (25 anos, separada, 3 filhos, cozinheira, criada na favela de Caxias).

Ao dizer, “dar um carinho igualmente a mãe”, parece indicar que apesar de não ter tido uma boa mãe, ficou internalizada que é papel de mãe dar carinho, ao contrário do que acontece a respeito da imagem do pai.

Outra jovem tem um tipo de reclamação diferente sobre a mãe. Criada pela mãe conheceu o pai somente aos 10 anos de idade, embora ele nunca tenha deixado de enviar mensalmente o dinheiro, desde que ela nasceu.

Para ela, foi muito difícil conviver com a mãe, por esta trocar constantemente de parceiro sexual, sempre levando-os para sua casa. As suas queixas eram punidas com surras. Fala nisso como tendo feito de sua infância, uma fase sofrida.

Atualmente está separada do marido e, tem três filhas. Diz ter receio de ter outro homem, porque não quer que suas filhas sintam o mesmo que ela.

Sua crítica sobre a mãe. Nos casos em que os pais se separaram, e a mãe não passou por uma rotatividade de companheiros, ela é exatamente elogiada pelas filhas.

Esta informante tem 24 anos, separada, três filhas, mora com a mãe, trabalha em bar, viveu até 16 anos na Paraíba e veio para uma favela de Caxias.

A terceira mulher diz ter fugido de casa na Paraíba, e veio para o Rio trabalhar como empregada doméstica, aos 12 anos de idade. Foi levada a isso

porque a mãe batia muito nela para que fosse trabalhar na roça, coisa que ela não gostava de fazer. Ela tem 32 anos, casada, três filhos, empregada doméstica.

4.7.

Duplo Papel de Irmã e Mãe

Ainda em relação à mãe, foi observado que vêm com seu papel, os cuidados diários com a criança.

No exemplo seguinte, a jovem perdeu o pai aos dois ou três anos (não sabe com certeza), e foi criada pela mãe, que tinha que trabalhar muito para sustentar os filhos. Com isto, ela ficava aos cuidados de uma irmã nove anos mais velha durante a semana útil. Considerava-se também sua mãe, ou melhor, uma espécie de mãe temporária.

Entrevistadora - Você foi criada por quem?

Informante - Pela M (irmã). Minha mãe trabalhava fora pra sustentar a gente, era só ela mesmo pra sustentar a gente, escola, tudo. A M era que me orientava em tudo.

Depois, sobre a relação com a mãe.

“Dia de sábado e domingo, a gente ficava muito junto. Aí, minha mãe, ela penteava o meu cabelo, ela me dava banho, quando ela tava em casa, sabe? Aquele contato que é pra poder eu não ficar tão coisa, né? Porque eu via ela muito pouco. (...) Era pra escola, era M. quem me arrumava de manhã cedo era M., tudo era M. A semana toda era a M que era minha mãe. Só sábado e domingo, que eu via minha mãe verdadeira, minha mãe mesmo”. (22 anos, casada quatro filhos, criada em favela de Caxias e Rio, começou a trabalhar com 14 anos, quatro irmãos, estudou até a 4ª série do 1º grau e agora retornou a escola, tem uma pequena barraca na favela aonde mora).

Para sua irmã M, também entrevistada, assumir o papel de “mãe” de seus irmãos, foi uma experiência que tornou sua infância frustrante. Iniciou aos cinco anos de idade, quando o pai morreu, tendo maior responsabilidade como o irmão excepcional.

“Meu irmão conhece como mãe dele eu, porque eu criei (...). E minha infância resumia nisso: criar meus irmãos, porque ela (mãe) tinha ainda filhos do segundo casamento, e tinha que trabalhar e, eu cuidei deles”.

Apesar de achar-se muito explorada, demonstra compreender a situação de sua mãe. “Era assim meio de cobrança, né? Ela era uma pessoa muito amargurada, muito maltratada com a vida, mas ela procurava dar o melhor para a gente”.

Considera o trabalho excessivo de sua mãe, causador de uma distância efetiva entre elas, que foi atenuada quando casou-se novamente e pode ficar mais em casa.

“Dos filhos, o que foi mais influenciado por ela fui eu, porque quando meu pai morreu, duas foram para o colégio interno, as mais velhas. Eu não tinha idade e, minha mãe precisava de alguém para olhar meu irmão excepcional. Era eu muito pequena, cinco anos de idade, mesmo assim ela trabalhou fora e quem olhava meu irmão era eu. Então, não tínhamos assim muita ligação afetiva. Minha mãe era assim muito trabalhadora, do trabalho pro lar e, quando chegava tinha muita coisa para fazer. Mais aí, quando ela se uniu de novo, ela ficou mais em casa, né? Minhas irmãs saíram do colégio interno, já tinham emprego fixo na casa de amigos, padrinhos, então uma foi morar com a madrinha e outra foi trabalhar em casa de família e, eu continuei em casa sozinha com minha mãe. Mas aí, eu tive um problema de doença, ela dedicou mais a mim, e de lá pra cá ficamos mais unidas”.

Assim, por trás de seus problemas infantis, está a baixa condição sócio-econômica. No seu caso, isto ocorreu após a morte do pai, pois antes diz ter tido uma situação melhor.

“(...) eu era uma menina assim muito frustrada, apática demais. Antes do meu pai morrer, nós tínhamos um padrão de vida muito bom, meu pai era funcionário federal. (...) Então, de repente, minha mãe teve que fazer de tudo. Naquela época não existia ainda geladeira, assim liquidificador, nem televisão, mas a gente tinha de tudo em casa. Morava em apartamento, um padrão social muito grande, de repente ele morreu”.

Apesar de pobre, morando em favela, fala de uma excelente posição social, que pode ser entendida levando-se em consideração que seu referencial é uma comunidade muito precária financeiramente. Além de tudo, tinham apartamento próprio.

Possuidora de um grande desejo de ascensão social, ela fala da vida que tinha antes da morte do pai, com expressão de orgulho no olhar e no tom de voz.

Isto aparece também, quando relata sua mudança, aos 11 anos, para o Rio, após a mãe ter separado do padrasto e, este ter tomado a casa que viviam.

“Fui criada aqui na Vila (favela de Caxias) até 11 anos. Foi quando minha mãe se separou do meu padrasto e foi morar em X (bairro do Rio). Minha infância todinha, pelo menos o que eu digo que fosse infância, começou lá. Por lá eu voltei estudar, no colégio estadual, com muita atenção muito maior do que aqui. Colégio municipal não dava, embora eu estudasse num colégio estadual também, que era o grupo escolar, mas não tinha assim uma assistência como era o lá de baixo”. (31 anos, separada, três filhos, diretora de um órgão que funciona na favela onde mora, 1º grau completo, voltou a estudar e está iniciando o 2º grau).

Sem informar que no Rio morou também na favela – o que foi dito pela irmão-ela expressa a valorização da vida no Rio de Janeiro, mas próxima das classes dominantes.

4.8.

Imagem do Homem x Imagem da Mulher

É a partir das experiências infantis na família e na vizinhança, que elas foram formando a concepção de mulher, como sofredora e sem direitos, mas muito valorizadas por elas por lutar sozinha pelo bem-estar dos filhos.

Por ser o homem considerado o responsável pelo sofrimento das mães e dos filhos, aprende desde cedo a não confiar nele. Esta imagem do homem e da mulher é internalizada na infância e, reforçada durante toda a vida das mulheres.

“Não sei, é porque eu fui criada só no meio da separação (...) pra mim sempre quem não presta é o homem, eu tenho essa mania, mas de tanto ouvir falar do homem. Você vê só, eu trabalho aqui (creche) no meio de 70 e poucas mulheres, que são as mães. A maioria delas são mulheres separadas, quer dizer, eu só tenho contato com elas, quer dizer, eu só ouço falar dos homens. Porque pra mim, a mulher pode não prestar, mas, a partir do momento que na separação, ela assume o filho dela, pra mim ela já é maravilhosa”. (24 anos, casada, sem filhos, criada na favela de Caxias, pais separados, não vê o pai desde seis anos de idade).

Além da violência, alcoolismo, irresponsabilidade com a família, um outro fator contribui para a formação da imagem negativa do homem, é a infidelidade

com as esposas. Desde pequeno elas vêem os homens traindo as mulheres, e às vezes de maneira abusiva. Enquanto que assistiam as mulheres suportando passivamente e, só rebelando-se quando a situação chegava a extremos.

“Por que eles se separou? Porque minha mãe falou que até assim caso dele sair na rua com outra mulher, tudo bem. Os bilhetinhos, ela agüentava, sabe? Vinha assim, com o paletó com cheiro, de batom, cartinha, assim tudo bem, mas ele queria botar uma mulher dentro de casa. Aí, levava mulher lá pra casa, com filhos. Aí, minha mãe não suportou aquilo, ai falar com ele, ele achava ruim”. (26 anos, separada, 1 filho, costureira, mora com a mãe, criada em favela de Caxias).

4.9.

A Importância de Brincar

É importante ressaltar, que apesar de falarem com certa tristeza e revolta do alcoolismo, da violência, do sofrimento de suas mães, da ausência paterna, etc. estes não são os fatores mais importantes quando avaliam a infância que tiveram. Brincar é a principal necessidade da criança, o que só foi possível para aquelas que não tiveram que assumir responsabilidades com a família. Assim, para elas, ter sido uma criança feliz ou infeliz, está primordialmente legado a ter sido menos ou mais pobre. Mesmo com queixas em ralação ao desempenho do pai, consideram a infância boa, quando a mãe supria as carências, e elas tinham tempo disponível para brincar.

Informante - Minha mãe sempre trabalhou pra ajudar a gente, porque meu pai antigamente não queria nada, bebia muito. Minha mãe sofreu para criar a gente, mas nunca faltou nada pra gente, tudo que ela podia nos dar, ela nos deu, como pobre, de tudo.

Entrevistadora - E como foi a sua infância?

Informante - Minha infância foi boa, tive infância boa. Brincava, minha mãe brincava com a gente. Apesar de tudo foi ótimo. Eu acho que foi dos momentos melhor que eu passei. (31 anos, vivendo uma segunda união, 3 filhos,

monitora da creche, estudou até a 5ª série do 1º grau, veio do Nordeste aos 9 meses para favela de Caxias).

4.10.

Estilo de Educação

A comunicação entre os pais e as filhas, tinha que obedecer a hierarquia onde os mais velhos (pais, avós, tios, etc.) ocupavam a 1ª posição. O Pai, quando presente, era o poder máximo, portanto não podia ser questionado.

“Não tinha opinião própria, nunca podia falar, nunca podia dizer que ele (pai) estava errado, mesmo ele estando errado, eu tinha que sempre achar que ele era o certo. A gente não tinha direito de falar nada” (18 anos, casada há seis meses, 2 filhos gêmeos, dona de casa, 1º grau completo, criada pelos pais em favela de Caxias).

As crianças não podiam participar das conversas dos adultos. A comunicação não verbal bastava para impor a regras.

“De repente, olha antigamente, eu fui criada sem pai, quando tava conversando os mais velhos, de repente meu avô me olhava e a gente saía, entendeu? Tinha aquele respeito (...).” (24 anos, casada há três meses, sem filhos, criada pela mãe e avós em favela de Caxias).

Assim, esta hierarquia, é considerada sinônimo de respeito.

A principal forma de correção das crianças também era não verbal, ou seja, o castigo físico. Isto quando usado com o objetivo de ensinar, é bem aceito e, até legitimado como prática educativa. O excesso, isto é, o espancamento, não é bem visto.

“E eles era enérgico com a gente, meu avô não vivia espancando, pelo contrário, às vezes minha mãe queria brigar, ele nem deixava, ele ‘apricava’ ali na hora certa. Eu falo mesmo, pena foram as correções que às vezes não me pegou, porque às vezes eu ainda podia ser uma melhor filha, sabe?” (idem)

A transmissão de informações, o diálogo, acerca de sexualidade, namoro, casamento, foi praticamente inexistente, seja com os pais, colégio interno ou casa de família.

Havia, sim, uma preocupação no ensino dos afazeres domésticos, o que fez com que todas se preparassem neste aspecto para o casamento.

A informante abaixo, fala desse tipo de educação recebida no colégio interno.

“Então o pouco que eu aprendi, foi nesse colégio. Assim, lavar, cozinhar, passar, saber falar com as pessoas, ter aquele negócio de não responder os mais velhos. Então foi essa criação que tive no colégio”. (40 anos, criada pelos pais até seis anos, veio do Nordeste para Caxias, ficou em colégio interno até 12 anos e, depois até os 15 anos em casa de família quando casou, 2ª série do 1º grau, vivendo segunda união)

5

ADOLESCÊNCIA

O termo adolescência, tão utilizado pelas classes médias e altas, não costumam fazer parte do vocabulário das mulheres entrevistadas. Seu emprego ocorre mais entre aquelas que por trabalhar na creche, fazem cursos sobre educação infantil e, além disso, tem maior desejo de ascensão social.

Normalmente, a maneira como referem-se a esta fase é usado expressões como: “esta ficando mocinha” (puberdade) e “mocinha” (adolescente) ou “formada” (já teve a primeira menstruação).

Independente de como chamem, esta época está caracterizada pela vontade de possuir roupas bonitas (andar bem arrumadinha), pela ânsia de liberdade, de poder divertir-se e namorar.

5.1.

Passagem da Infância Para a Adolescência

Esta mudança foi feita de duas maneiras, dependendo da infância que tiveram.

Primeiro, no caso de mulheres que tiveram uma infância feliz, ou seja, que puderam brincar e ter alimentação sem ter que trabalhar a passagem do papel de criança para adolescente, é sentida mais drasticamente. É marcada pelo início da responsabilidade com a casa, ou com si própria, passando da brincadeira a seriedade rapidamente.

“Porque na infância a gente tá alheia aos problemas, a gente não esquenta a cabeça, você só quer brincar pra você ter o que brincar e o que comer é o importante, né? Quando eu fiquei adolescente, minha mãe me deu um fogão, que eu tive que tomar responsabilidade assim dentro de casa, eu amadureci, sabe? (24 anos, casada, criada em favela de Caxias, monitora da creche e criada pela mãe e avó).

“A minha irmã caçula, com 12 anos ela quis trabalhar fora. Porque aí, pra minha mãe ta dando alimentação, pagar escola e se arrumar, porque a gente começa a ficar mocinha, quer andar arrumada, não podia”. (24 anos, casada, criada em favela de Caxias, monitora da creche e criada pela mãe e avó).

O segundo caso, e ao mais comum, é o de mulheres que iniciaram na infância a luta pela sobrevivência, não tendo a brusca passagem da brincadeira para a responsabilidade.

Em ambos os anos, começa um maior interesse pela vaidade e liberdade para diversão, e também pelo namoro.

5.2.

Estilo de Educação na Adolescência

Na adolescência, assim como na infância, o relacionamento entre pais e filhos, o diálogo, a roca de informações, a tentativa de resolver juntos os problemas, não foi um hábito comum observado entre as entrevistas, principalmente em relação ao pai. Algumas mães tinham uma maior proximidade com as filhas, mas mesmo assim, segundo estas, não atenderam ao que desejavam.

Entre as mulheres, a única que falou de uma família bastante unida, de pais religiosos que procuraram criar os filhos em um ambiente de amor, também apresenta queixas em relação a falta de diálogo informativo com seus pais.

“É como eu te falei, né? Eu era muito prematuro, eu não tive oportunidade assim de diálogo com meus pais. Eu te falei que a relação era ótima, mas eles eram muito... sei lá, eu não explicar, cometeram erros. Eles não conversavam com os filhos a respeito de casamento, dessas coisas que a gente precisa ouvir os pais, uma orientação. Acho que eles tinham até vergonha de falar sobre isso”. (27 anos, casada desde 18 anos, dois filhos, costureira, estudou até a 1ª série do 2º grau, criada em Alagoas, veio para a favela de Caxias aos 17 anos, participar do grupo de mulheres e curso de gente de saúde na favela onde mora, marido abastecedor de carro em posto de gasolina e estudou até a 3ª série do 1º grau).

Essa carência de informação diz respeito à relação a dois e, principalmente ao sexo, gravidez e contracepção. Estes assuntos eram considerados quase que

proibidos. Algumas sabiam da existência de relacionamento sexual, mas desconheciam como ocorre gravidez, ou sobre métodos contraceptivos.

“Depois de uns três ou quatro meses, eu fiquei grávida de meu primeiro filho. E eu sem saber que estava grávida, porque eu não via nada em mim, minha regra vinha direitinho. Passava mal dentro de casa, dor de estômago, mal-estar, vomitando, mas não sabia que eu tava grávida. Aí, quando fio um dia, minha mãe falou assim: ‘J., vem cá’. Aí, eu fui lá e falei assim: ‘ih, mãe, tem um negócio mexendo na minha barriga, um negócio esquisito’. Aí minha mãe falou: ‘Vem cá, deita pra mim ver’. Aí minha mãe viu que eu tava grávida”. (31 anos, vivendo segunda união, três filhos, monitora da creche, criada pelos pais em favela de Caxias, estudou até a 5ª série do 1º grau, pai é carpinteiro e mãe é costureira).

“Eu não sabia que existia esses negócio de remédio (pílula anticoncepcional), minha mãe nunca me falou nada, porque minha mãe nunca me ‘explicou’ nada (...). Alguma coisa eu sabia, mas não entendia direito, porque a gente escutava as pessoas comentar. Tudo que minha mãe falava pra minha tia era assim escondida, nunca vi nada de negócio de livro, não sabia, nem sabia que existia esses negócio”. (26 anos, separada, mora com a mãe, um filho, costureira, pais separados, estudou até a 5ª série do 1º grau, mãe costureira).

Há casos de jovens que casaram totalmente ignorantes quanto ao sexo.

“Pra mim, antes do casamento, eu achava que ter uma filha era assim: Deus chegou, botou na nossa mão, tudo bem. (...) É porque eu achava aquilo uma brincadeira que as pessoas falavam, né?” (23 anos, casada desde 16 anos, dois filhos, veio do nordeste aos cinco anos e foi criada e, favela de Caxias, estudou até a 7ª série, dona de casa).

Para a maioria, as fontes de informação eram irmãs casadas ou amigas, mas muitas vezes isto acontecia só depois do casamento.

O tabu da sexualidade, fez com que as jovens não se sentissem a vontade para tomar a iniciativa, que engravidou do namorado aos 17 anos de idade.

“Minha mãe ficou mais assim... porque eu sou muito amiga dela, mas isso eu não falei. Mas, hoje eu não me culpo, porque mais que a garota seja amiga da mãe, acho que isso é uma coisa que ela nunca tem assim culpa... ela tem aquela vergonha de contar. Se abrir legal acho difícil”. (18 anos, casada há seis meses, dois filhos gêmeos, dona de casa, tem 1º grau completo, marido é estofador, ela foi criada pelos pais em favela de Caxias).

5.3.

Controle de Sexualidade

As dificuldades de obter os objetos de uso pessoal, elas resolvem procurar ganhar o próprio dinheiro. Quanto a diversão e namoro, podem ser causadores de grandes atritos com o pai e irmãos, ou outras pessoas que moram juntas. Normalmente, aquelas criadas só pela mãe, viam-se mais livres, mais compreendidas, embora esta se tornasse mais rígida quando as filhas tinham namorado.

Quando os pais viviam juntos, a autoridade materna não prevalecia.

“Meu pai era assim um homem tipo machão, prendia a gente. Eu estudava, aí meus irmãos era tipo um vigia pra mim, não tinha assim amizade de colégio, em casa eu não tinha. (...) Minha mãe era submissa e ele, só fazia o que ele queria, ela não tinha autoridade de deixar a gente sair, porque o que ele falava é que era certo (...). os homens vigiavam as mulheres”. (24 anos, casada, três filhos, monitora da creche, 8 irmãos, pais amaziados).

“Tinha muita coisa ruim, que a gente saía, chegava tarde, minha avó ficava falando que a gente não era mais moça, que aquilo não jeito de moça. A gente ia pra baile e chegava de madrugada, e ela não gostava”. (25 anos, separada, três filhos, cozinheira, criada em favela de Caxias pela avó)

“Meu pai ia ser do tipo, com a gente tudo moça e rapazes dentro de casa, aquele tipo de fazer escândalo, proibir a filha de sair, de passear. E com a separação, a minha mãe criou a gente com liberdade, ensinando o que era certo, o que era errado, agora você fazia se quisesse” (24 anos, casada, sem filhos, criada em favela de Caxias, monitora da creche).

O motivo alegado para tal controle, é a preservação da moral da jovem, principalmente em relação a virgindade, um valor extremamente conservado.

Sentindo-se presas, elas muitas vezes foram buscar no homem uma vida mais livre. Com isso, muitas apaixonaram-se com facilidade ainda adolescente. Totalmente despreparadas, elas engravidaram e casaram

Em alguns casos, a adolescente não suportou a pressão exercida sobre ela, inclusive com violência física e fugiram com o namorado. Quando retornaram, algumas tiveram que passar por exames para verificar a perda da virgindade, o que foi vivido com sofrimento.

A jovem do depoimento seguinte, tinha 14 anos quando passou por isto.

“Pra uma moça é uma coisa horrível. É um tipo de sala, uma sala horrível mesmo. (...) Aí, eu fiz o exame, exame horrível mesmo, que hoje em dia nem precisa, graças a Deus que não precisa”. (24 anos, casada, monitora da creche).

6

NAMORO X CASAMENTO

6.1.

Relacionamento no Namoro

Com poucas exceções, as mulheres iniciaram o namoro com seus atuais ou ex-maridos, antes de 18 anos de idade, algumas ainda na faixa de 13 ou 14 anos.

As lembranças da relação com o namorado, são quase sempre de uma época de romantismo. Referem-se a terem sido “bem tratadas” por eles, justificando principalmente com o fato de passarem muito juntos, não falarem com elas com rispidez, darem muitos presentes a elas ou, vestirem-se bem. Estes são os predicados que apontaram como importantes na avaliação dos namorados. Tanto o “ciúme” exagerado da parte deles, quanto a falta de diálogo, segundo elas bastante freqüentes, não eram suficientes para questionarem a relação, na medida em que eles tinha algumas das qualidades acima.

Somente três mulheres contaram não serem totalmente satisfeitas com os namorados, por serem “farristas”, “mulherengos” ou “beberem muito”. Duas delas, dizem que apesar disto achavam que eles eram pessoas boas e, que elas tinham o poder de modificá-lo no futuro. A outra não pensava nesta capacidade, e diz que não desejava casar com ele, foi obrigada pela mãe que pensou que eles tinham mantido relações sexuais.

A interferência dos pais no relacionamento dos namorados por não desejarem o namoro, aconteceu com várias jovens. Os motivos eram variados, tais como: o namorado ser “farrista” ou alcoólatra, ser negro, não gostar de trabalhar, a jovem ser muito nova, ou principalmente por quererem para a filha um casamento com ascensão social.

“Porque a profissão dele era barbeiro, então meu pai queria coisa melhor pra gente. Meu pai achava que rapaz daqui da Vila não prestava, rapaz daqui da Vila que fuma, sabe? (...) porque ele queria que a gente casasse com um médico, engenheiro, um ricoço, mas isso na verdade pouco importava pra gente que era

pobre, nós não éramos tão ricos assim não”. (24 anos, casada desde 14 anos, 3 filhos, monitora de creche).

6.2.

A Virgindade e a Moral

A interferência dos pais deu-se também para preservação moral das filhas, o que está condicionada a manutenção da virgindade. Com este objetivo, era exercido um controle de horário para chegar em casa, do lugar onde iam e, em alguns casos, até mesmo exigido que levassem um acompanhante.

Das partes das filhas, foi verificado uma vontade de manter a virgindade, por uma necessidade de agradar a mãe e, não tanto uma preocupação com o pai. O desejo de satisfazer a mãe é maior quando esta é separada, como um reconhecimento da dificuldade de educar as filhas sem a presença da autoridade paterna.

Apesar de isto contrariar os próprios desejos, algumas conseguiram.

Entrevistadora

– Vocês tinham relações sexuais antes do casamento?

Informante

– Não, não tive não. Era incrível, né? Até que tinha época que quase fraquejava (ri), mas eu tinha uma irmã de 13 anos que era muito danadinha, e minha mãe casou 2 filhas, a minha irmã primeira realmente tinha se perdido, casou esperando neném; a outra pelo contrário que me conta casou também direitinha, mas havia uma fofoca na família que ela tinha se perdido. Eu provei a mim mesmo que eu ia fazer esse gosto a minha mãe, e casei virgem. (31 anos, separada, 3 filhos, casou aos 21, diretora de um órgão da favela onde mora).

Contudo, apesar dos conflitos a maioria manteve relações sexuais antes do casamento. Isto quase sempre tornou-se público, por resultar em gravidez. Assim, a virgindade é um valor que estava perseguido, não corresponde a realidade.

A discriminação da jovem que mantém relações sexuais ainda solteira, partiu da sociedade, foi internalizada por elas, e passou a haver uma discriminação própria. Isto fica claro na frase usada para dizer que não casou virgem: “eu me perdi com ele”, ou seja, tornou-se uma mulher perdida. Para elas mesmas, isto não foi um comportamento correto, como no caso seguinte.

A jovem tinha 18 anos quando começou a namorar. Seus pais era muito rígidos acerca do horário de chegar em casa com o namorado. A partir de um dia que atrasou-se por causa do ônibus, passou a sofrer acusações e ofensas dos pais e das irmãs, por acharem que ela tinha tido relações sexuais com ele neste dia. Mais tarde quando isto realmente aconteceu, ela assumiu o que diziam dela.

“Então, minha mãe me xingando, que eu era isso, que eu era aquilo, e eu nem ligava mais, porque eu era mesmo. Quando a gente leva culpa pelo que a gente faz, a gente nem esquentava muito”. (31 anos, vivendo 2a. união, 3 filhos, monitora de creche)

A perda da virgindade quando a jovem fugiu de casa, só ocorreu entre adolescentes até 15 anos. As mais velhas não utilizaram a fuga.

No caso de fuga de casa, elas retornaram e mesmo que não tenha ocorrido gravidez, o casamento foi cobrado. Quando não fugiram, o fato de não ser mais virgem só chegou ao conhecimento dos pais, a partir do momento que engravidaram. Ao saberem, foi solicitado dos rapazes um compromisso de casamento, ou eles próprios foram conversar com os pais ou outro responsável, comprometendo-se de casar.

6.3.

Do Namoro ao Casamento

Apesar de muito freqüente, a perda da virgindade ainda significa um corte no caminho previamente traçado para todas as mulheres. Além de apressar o casamento, rompeu com a possibilidade de ser realizado nos moldes tradicionais (civil e religioso). Algumas casaram só no civil, outras não legalizaram a união.

O caminho ao ser percorrido, tem a seguinte ordem: namoro, noivado (fase de aquisição de bens materiais necessários para a futura casa) e casamento (civil e religioso). Devia ser um processo lento, para que pudesse adquirir tudo que precisassem, mas também não devia ser muito longo quando a moça tem idade para o casamento (mais de 18 anos), se isto acontecesse, os pais podiam apressar o rapaz, com alusões a estarem tomando o tempo de suas filhas.

A preocupação com o tempo de namoro era maior quando a mãe não tinha marido, tendo, portanto, toda responsabilidade sobre elas.

“Porque minha mãe era assim: “filha lá em casa não pode namorar muito não, tem que casar logo”. Eu já morava lá uns 2 anos, então ela resolveu que eu tinha que ficar noivo(...). Não tinha condição de casar porque estava saindo de um emprego. Aí, minha mãe falou. “Se não casar, tem que desmanchar o namoro”. Era assim uma certa imposição da minha mãe, e ela sozinha...” (31 anos, separada, 3 filhos, namorou 3 anos, casou aos 21 anos, 1º grau completo).

Quando a filha começou a namorar muito nova, foi permitido e, até muitas vezes aconselhado, não se precipitar para casar. Os poucos namoros longos, iniciaram quando tinha me torno de 12, 13 anos.

No exemplo abaixo, trata-se de um rapaz que desejava casar com uma adolescente.

“Então minha mãe me deu muito conselho, minha tia, pra mim tirar isso da cabeça dele. Então, nós falamos assim: “nós só vamos casar, quando a gente achar que dá”. (24 anos, casada, sem filhos, monitora da creche, conheceu o marido aos 13 anos e namoraram 10 anos).

A reação à gravidez da filha solteira, também pode não ser de radical exigência de casamento, quando os pais não gostam do rapaz. Nestas casos, há medo da filha não ser feliz.

“(...) aí minha mãe falou: “eu sei que I está grávida, como é que vai ficar? Você vai casar com ela?”. Aí, minha mãe falou assim: “se você não quiser assumir ela, nem o filho, você não casa, deixa dentro de casa aí, eu não queria que ela casasse contigo, mas já aconteceu, a decisão é de vocês, mas casar com minha filha pra maltratar, deixar ela aí, ela tem o filho dela, vai trabalhar, eu tomo conta. É melhor do que você quiser casar com ela, e daqui um tempo você se separar. Eu queria mais que ela morasse do que casasse contigo, mas já que aconteceu...”. Minha mãe não gostava dele mesmo”. (31 anos vivendo 2a. união, engravidou aos 18 anos, 3 filhos, estudou até a 5a. série do 1º grau).

Surgiram casos de mulheres que foram obrigadas pelos pais a casar, por acharem que não eram virgens, embora fossem. Além da imposição dos pais, elas aceitam o casamento, também pelo medo da discriminação da comunidade.

“(...) Então, ele fez uma sacanagem comigo, falou que ia embora e não foi. Aí minha mar falou: “não vai essa hora não, porque já é tarde”. Já passava de 1 hora da madrugada. Aí ele não foi; dormiu na casa da minha mãe. Aí, cismou de ir na minha cama. Eu tava deitada no quarto com minha irmã, mas minha mãe pensou que a gente tinha tido alguma coisa os dois, mas não tivemos nada.”

“(...) Queria nada, nunca quis casar. Casei somente por causa disso. As pessoas pensam que é mentira, mas é verdade. Também por causa da boca do poço, eu resolvi (...). É, teve gente que soube. Até minha madrinha mesmo falou: “o que adianta botar vestido branco, se já é mulher?”. Eu fiquei quieta. A gente se sente um pouco angustiada, maltratada pelas palavras, né?” (23 anos, casada há 7anos, 2 filhos, veio da Paraíba aos 5 anos para uma favela de Caxias, estudou até a 7a. série do 1º grau, dona de casa, a mãe é militante do movimento social de Caxias e do Partido dos Trabalhadores).

Somente duas das mulheres que engravidaram dos namorados, não casaram com eles.

Uma delas tinha 12 anos, morava na casa que trabalhava como doméstica no Rio, por ter fugido da casas dos pais no Nordeste. Não tinha os pais presentes para cobrar o casamento e, ela não quis fazer isso. Casou mais tarde com outra pessoa que também não queria.

“(...) porque eu não tava muito a fim. Diz ele que gostava muito de mim. Eu não tava muito a fim dele não, preferia ficar sozinha trabalhando no meu emprego com o garoto (...). Pensava em arrumar um marido bom, que me desse de tudo, que eu não precisasse mais trabalhar (risos), mas foi o contrário”. (32 anos, casada há 7 anos, 3 filhos, empregada doméstica, analfabeta).

A outra engravidou do namorado aos 14 anos. Tentou casar através de ordem judicial, mas desistiu por não desejar um casamento forçado. Sustentou a

filha até 2 anos, até que casou com outro. O fato de não ser vigem, fez com que se preocupasse com a opinião da comunidade, na hora de decidir quanto ao casamento.

“Ele quis casar, eu não queria porque eu era mulher. Eu achava que os outros podiam até pensar que eu me aproveitei dele para ele – como dizem – pra tampar buraco. Então, eu não queria. Mas aí, ele conversou com a minha mãe e tal: “vou me casar com ela de qualquer jeito, porque eu gosto dela e tal”. Aí, ele arrumou emprego, comprou as coisas e resolveu, e a gente casou”. (22 anos, casada há 6 anos, 4 filhos, tem uma barraca na favela onde mora, estudou até a 4a. série do 1º grau e agora retornou a escola, participa de um grupo de mulheres na igreja católica).

Existe na família uma hierarquia para o casamento. É esperado que a ordem de casamento dos filhos siga a ordem do nascimento. Entre os irmãos, isto deve ser respeitado.

“Aí ele resolveu casar, porque também a irmã dele resolveu ficar noiva também, então pra fazer ‘fronta’ à irmã, porque a irmã era mais nova e quis passar por todo mundo, então ele resolveu ficar noivo também”. (31 anos, separada, 3 filhos, diretora de um órgão na favela onde mora, 1º grau completo, retornou à escola).

O casamento foi sonhado por todas as mulheres, principalmente o religioso. Para elas, isso faz parte da realização da mulher. Mesmo aquelas que têm contato com novos valores, não é suficiente para mudar este desejo tão antigo.

É o caso da jovem de 24 anos, recém-casada, que fez um discurso feminista em vários pontos da entrevista.

Informante - Depois do meu casamento – eu acho que se eu não casasse, eu ia ser uma pessoa frustrada – então depois do meu casamento, eu me sinto uma mulher realizada.

Entrevistador - Porque você ia ficar frustrada?

Informante - Não sei, porque eu sempre tive vontade de me casar, sabe? Eu pensava assim: se eu não me casar com 25 anos, eu não caso mais; eu vou ser uma mulher independente. Claro, eu pensava em transar, em deixar de ser moçinha, eu pensava em ser mulher mesmo, né? Não

queria assim um homem, um compromisso, mas queria viver minha vida. Eu pensava assim, se minha mão não aceitasse isso, que eu queria, eu até morar sozinha –eu pensava, nunca falei assim com ela pra não ofender se eu não me casasse com esse rapaz, eu não queria mais casar. Mas eu sinto que mesmo se isso acontecesse, eu ai ficar frustrada, porque eu queria me casar. Igual ontem, chegou um álbum, eu ficava olhando, me realizou poxa, quanto que eu queira me casar na igreja, me realizei mesmo, me realizei. (monitora da creche, criada em favela de Caxias, pela mãe e avó, estudou até a 7a. série).

O amasiado só ocorreu entre as mulheres que tiveram relações sexuais antes do casamento. Aquelas que casaram virgens todas foram no civil e religioso.

6.4.

Expectativas em Relação ao Casamento

Os relatos a respeito do que esperavam do casamento, retratam uma fase de sonhos, de idealização.

Aquelas que casaram ainda adolescentes, principalmente, tinham um despreparo muito grande, o que atribuem à falta de orientação.

“Sabe que eu nem sabia, acho que eu não tinha nem muito juízo pra pensar em vida de casada. Eu pensava que casar era uma coisa muito simples. Eu não sabia nem o que era o dia a dia de casada, porque eu não tinha essa experiência. Eu sinceramente, não tinha essa experiência. Eu pensava assim, casar por casar. Eu tinha esse modo de pensar, porque eu não tive quem me orientasse sobre isso (...). Eu pensava assim, de casar, ser dona de casa, só isso”. (40 anos, casou pela 1a. vez aos 15 anos, atualmente vivendo uma 2a. união, 2 filhos, criada pelos pais até 6 anos no Nordeste, veio para um colégio interno no Rio porque passava fome, onde ficou até 12 anos, quando foi morar com uma família onde trabalhou e ficou até o casamento).

Outras tinham contato com mulheres que sofriam no casamento, e por isso sonhavam com um casamento diferente, com um homem que não fosse igual aos que conheciam. No exemplo abaixo, a informante fala dessa expectativa, mostrando uma influência das novelas.

“Sabe, as minhas irmãs, quando eu casei, elas todas já tava já casada, uma já tava até separada, uma mesmo assim eu sonhava em ter uma vida muito diferente da que eu via minhas irmãs ter. Por exemplo, eu não queria um homem que me espancasse, porque eu já tinha visto minha irmã ser espancada. A mãe dela (mãe da sobrinha que estava com ela), uma vez quer eu tava de férias, eu fui pra lá, eu vi ela em cima de um banco apanhando um negócio em cima do móvel, quando o meu cunha, o marido dela, levantou, deu uma “pesada” nela, que ela caiu de cima cá embaixo. Aquilo me marcou. Eu tinha visto muito a minha outra irmã apanhar também do marido (...). Então, muita coisa que eu tinha visto delas, que eu não queria riqueza, não queria casa de luxo, mas eu queria ter uma casa simples, toda arrumadinha, mas eu queria um marido carinhoso, entende? Uma vida diferente, assim tipo essas assim de novela. Eu sonhava assim (ri), eu não sei se é infantilidade minha, mas eu sempre quis ter uma coisa diferente delas”. (22 anos, casada desde 16 anos, 4 filhos, tem uma pequena barraca, estudou até a 4a. série do 1º grau e retornou atualmente, participa do grupo de mulheres de uma igreja católica).

Para algumas os planos do casamento estavam ligados à maternidade.

“Bom, o que eu planejava mesmo, só era ter uma filha (ri). Eu nunca desejei assim coisas boas, nada, nada, só mesmo possuí uma filha”. (23 anos, casada, 2 filhos, veio do Nordeste aos 5 anos e foi criada em favela de Caxias, estudou até a 7a. série, não trabalha, casou aos 16 anos).

A busca de um casamento que possibilitasse descanso de uma vida de intenso trabalho, foi o desejo de mulheres que desde a infância lutaram muito e, às vezes, sozinhas, para sobreviver. Sem perspectiva de outro caminho que permitisse alcançar uma vida melhor, o casamento era considerado o único meio possível.

“Pensar em casar era bem tranquila, ficar em casa (...). Pensava em arrumar um marido bom, que me desse de tudo, que eu não precisasse, mais trabalhar”. (32 anos, casada, 3 filhos, empregada doméstica, analfabeta, fugiu da casa dos pais no Nordeste aos 12 anos por ser obrigada a trabalhar na roça, veio para o Rio trabalhar como doméstica e, casou ao 14 anos, já tendo um filho de outra pessoa aos 12 anos).

O casamento como forma de encontrar liberdade para divertir-se, foi o esperado pelas jovens que não tinham esse direito quando solteiras. Este tipo de relato foi observado como expectativa maior entre as que casaram ainda adolescentes.

“Minha vontade era casar, sair de casa, não queria mais viver em casa (...). Porque era presa demais, não saía pra canto nenhum, não saía nem pra ir pro cinema, nada, era só em casa (...). Eu pensei que ia ser diferente, que ia passear, ia ter mais liberdade também com meu marido”. (36 anos, vivendo uma 2a. união, 8 filhos, faz artesanato para vender em casa, casou pela 1a. vez aos 13 anos, fugiu da casa dos pais com o namorado e, quando retornou mentiu que tinha tido relações sexuais pra casar).

O casamento como forma de sair da casa dos pais, foi causado também pela insatisfação em serem usadas na criação de crianças que não eram suas. Existia o desejo de ter uma família própria.

“Foi um namoro bom, porque eu estava louca pra me casar. Talvez eu nunca namorei ele pensando assim em casamento não, porque eu já tinha as minhas irmãs casadas já e, já sabia que casamento não era lá essas coisas, meu tava cansada de criar sobrinho. Criar irmão a vida toda, depois criar sobrinho, ser sempre mulher disponível em casa. Queriam que eu sempre tivesse disponível: faz aquilo, faz aquilo outro”, aí nos interessamos, né? E ele também estava cansado também de sustentar a família, nós estávamos num papel bem idêntico, ele sustentando a família dele, e eu bem dizer ajudava a minha em todos os sentidos e, nos apegamos (...). Eu sei lá, eu imaginava assim, como imagino até hoje, talvez assim um sonho que não foi realizado, ter assim uma vida a dois, que os dois procurassem resolver os problemas a dois também, que confiassem mais um no outro, que a mulher confia muito no marido, mas o marido não confia na mulher. E às vezes, a mulher sabe dos erros que o marido ta cometendo, e procura até compreender e dar apoio a ele, ver as falhas dele até ver se autocriticar um pouco. Normalmente o homem não, os homens que eu conheço são tudo machistas (...). Dele eu queria atenção, carinho, sair, conhecer lugares novos, construir família sempre foi o meu gosto”. (31 anos, separada, 3 filhos, casou aos 21 anos, diretora de um órgão na favela onde mora, 1º grau completo e retornou a escola recentemente).

Em seu depoimento, ela demonstra que o motivo principal que levou ao casamento foi a vontade de sair de casa, mas sua expectativa não se resumia nisso. Idealizava uma relação de troca.

Quando a sexualidade, ela espera a que o marido lhe proporcionasse um aprendizado, uma vez que casou virgem. “(...) eu casei muito inexperiente da

parte sexual, eu tava com ele, que ele me entrosasse na vida até com mais realidade”.

Outras mulheres se referiram a esperarem uma vida de dona de casa, ser sustentada pelo marido, mas queriam também um companheiro para diversão. A informante abaixo, trabalhava como auxiliar de enfermagem, saiu do emprego para casar e, atualmente é faxineira, porque precisou trabalhar e não encontrou emprego na profissão.

“Eu imaginava ser esposa, entendeu? Eu não imaginava trabalhando fora, eu imaginava viver pra casa, ter planta, ter cachorro, fazer feira, fazer janta às quatro e me aprontar às seis, esperar o marido chegar. Eu me imaginava assim, uma vida boa, tranqüila (...). Ah, eu esperava que – por exemplo a gente dançava muito – esperava que toda sexta-feira a gente ia ta num baile diferente, que quando a gente estivesse “duro”, a gente ia pelo menos tomar um sorvete na padaria juntos. Eu pensava que ia ser assim”. (26 anos, casada, 3 filhos, 1º grau completo, casou aos 20 anos)

Foi verificado que todas que tiveram um namoro longo achavam que se não casassem, o tempo de namoro seria perdido. No caso seguinte, a jovem tinha medo de casar, porque o namorado era “farrista”, mas mesmo assim queria porque namorava muito tempo.

“Ah, eu esperava muita coisa. Eu tinha medo de casar. Pensava que... aí comecei a ficar assim: eu já tenho 10 anos de namoro, agora tenho que casar com ele, nem que eu não viva com ele, mas eu caso com ele, eu pensava assim”. (30 anos, casada desde os 28 anos, grávida do 1º filho, monitora da creche, estudou até a 5a. série do 1º grau)

Entre as entrevistadas, uma delas passou toda a vida mudando de casa, morando com famílias diferentes. Sua expectativa em relação ao casamento era possuir uma casa própria. Embora tenha sido um único caso, é importante que seja considerado, pois pode retratar outras mulheres que tiveram a mesma história de vida.

“O meu sonho era ter minha casa, ter minha, ter meus filhos, mas numa casa que fosse minha. Casa própria, minha, pra não ta mudando hoje, amanhã muda de novo. Então, sempre foi esse o meu sonho. Então, esse tempo todo, desde meus 12 anos até agora, há 2 anos atrás, eu venho lutando por isso, só que agora eu consegui”. (28 anos, vivendo uma 2a. união, 4 filhos de pais diferentes, estudou até a 2a. série do 1º grau, foi empregada doméstica, agora não trabalha)

Um outro caso único também merece ser relatado. Trata-se da posição de uma jovem de família pobre de Recife, que foi entregue a uma família de classe média do Rio aos 8 anos de idade. Aos 13 anos volta para a companhia da mãe, indo morar em uma favela de Caxias. Diz como foi para ela o choque pela mudança de meio social e, como isto influenciou seu ideal de casamento. (Seu depoimento não está na íntegra, porque a entrevista não foi gravada, só anotada).

“Eu simplesmente não sonhava a vida de casada. A explicação que dá para isso é que no período em que residiu com a outra família no Rio, aprendeu ‘modos finos’ e, quando veio para Caxias chocava-se com o ambiente da favela: ‘homens grosseiros, falava alto, falava de boca cheia, batiam nas mulheres’. Achava que para casa com um homem assim não valia a pena. Queria ter um relacionamento, mas não casamento. Queria ser independente, mas sempre tive dificuldade em arrumar emprego: ‘mas acabei caindo no casamento, como toda mulher’. Desejava um homem ‘carinhoso, educado e dedicado’”. (35 anos, separada, 1 filha, professora primária, mas nunca exerceu a profissão).

Entre todas as entrevistadas uma delas expõe com maior clareza suas expectativas a respeito do casamento, que engloba muito do que foi colocado pelas informantes anteriores (falta de preparo para o casamento, apoio financeiro e afeto).

Informante - “É como eu te falei, eu era muito prematura (...) eles (os pais) não conversavam com os filhos e a respeito de casamento, dessas coisas que a gente precisa ouvir dos pais, uma orientação, acho que eles tinham até vergonha de falar sobre isso. Então, eu sonhava assim que casamento era sem problemas, aliás como eu nunca vi meus pais terem problemas de casamento, então eu achava também que não ia ter (...). Do meu marido eu, esperava que ele me tratasse bem, que fosse uma cara responsável pela casa, pela família, não só responsável financeiramente, mas que desse uma proteção pra gente, a gente sempre espera. Eu esperei pelo menos isso, uma proteção mais profunda”.

Entrevistador - “Que tipo de proteção?”

Informante - “Tipo quase paternal, eu esperei isso tudo: financeira, afetiva, porque não? Eu pensava isso, eu pensava que mulher nem devia trabalhar, e que o homem é que devia dar de tudo”. (27 anos, casada, desde 18 anos, 2 filhos, estudou até a 1a. série do 2º grau, pois embora fosse de uma família pobre do interior de Alagoas e 17 irmãos, seus pais era unidos e procuraram manter o sustento dos filhos para que estudassem, formação religiosidade, abandonou a escola para vir para o Rio tratar de um tumor na perna, que resultou em amputação da mesma. Nessa época, ficou na casa de um irmã em uma favela de Caxias, onde conheceu o atual marido e casou poucos meses depois, porque o pai ia voltar para Alagoas e impôs o casamento como condição para ela ficar em Caxias. Não continuou os estudos porque a condição financeira do marido não permitia. Atualmente costura em casa por necessidade, participa de trabalhos comunitários na favela onde mora, como: curso de agente de saúde e grupo de mulheres, simpatizante do Partido dos Trabalhadores).

6.5.

A Realidade do Casamento

6.5.1.

O Casamento Considerado Infeliz

O casamento, para a maioria delas, não correspondeu ou não corresponde ao esperado. As referências à mudança do namoro para o casamento, devido a transformação no comportamento do homem, apareceu em quase todas as entrevistas. O simples fato de casarem, faz com que o marido deixe de dar a mesma atenção que era dispensada no namoro, mas o início da crise conjugal

propriamente dita, está relacionada ao surgimento de filhos. Foram apontadas algumas épocas de radical mudança do marido.

Primeira gravidez muitas vezes não é desejada por ele, que faz pressão para que a mulher faça um aborto, o que normalmente não é aceito por ela, causando atritos. “Ele não quis de jeito nenhum essa criança, ele não quis, não quis e, eu não quis tirar também, forcei um pouco a situação”. (31 anos, separada, 3 filhos, criada em favela de Caxias, dirige órgão nesta mesma favela, 1º grau completo, retornou a escola recentemente)

O nascimento do primeiro filho foi considerado o propiciador de crise pelo maior número de mulheres, principalmente quando nascia menina. Muitos maridos alegam insatisfação, por desejarem um menino.

“Quando a minha garota nasceu, pra ele foi assim... gostou porque era filha dele, mas a gente via nos olhos dele uma decepção, porque ele dizia que era homem”.

Este mesmo pai passou a tratar a filha com o menino.

“Ele também por querer ter tido um filho homem ele raspava a cabeça dela, fazia ela de homem, botava short nela, botava camiseta, botava chapéu nela. Então, tudo que um filho homem tinha, ele queria fazer nela”. (24 anos, casada, 3 filhos, criada em favela de Caxias, monitora da creche).

Outros casos, já em número menor, são de atribuição ao início da crise a segunda gravidez. Isto, porque o marido achava cedo para ter outro filho; ou quando já tinha uma filha e não queria outro pelo medo de ser outra menina.

“Eu sei que no começo tava bom, tava ótimo. Ele nunca foi pessoa violenta antes do casamento, depois que tivemos a menina também não foi tão violento. Só muito depois mesmo que tive a menina, e da gravidez do menino porque ele pediu muito que eu tirasse essa criança(...) Não queria porque achava que ia ser outra menina, e de menina ele não queria mais (...). Queria um menino, mas não naquele exato tempo que eu estava grávida. Ele queria que eu tirasse pra dar um tempo, a menina crescer, o menino nascer. Aí eu falei: tou tomando remédio pra eu tirar. Mas não era nada daquilo, tava tomando remédio nada”. (23 anos, casada, 2 filhos, dona de casa, estudou até a 7a. série).

Entre as mulheres casadas ou separadas, que são ou foram infelizes no casamento, as queixas são comuns.

A convivência com o marido alcoólatra foi relatada por quase todas, em muitos casos, repetindo a situação de suas mães. Há uma tentativa de considerar o alcoolismo, o causador de uma série de outros problemas: a irresponsabilidade com o sustento da família, a violência física contra a esposa e/ou filhos, agressões verbais à mulher e violência sexual. “Muitas vezes ele me forçou a ter relações com ele bêbado, e era terrível”. (31 anos, separada, 3 filhos)

- Informante - Ele passou a não dar o necessário dentro de casa, e eu não trabalhava.
- Entrevistador - O que?
- Informante - Alimentação.
- Entrevistadora - Você acha que ele não dava porque não queria, ou porque não podia?
- Informante - Porque não queria, porque ele gastava a toa. Gastava com bobeira, porque Le nunca foi de ta arrumando mulher fora, gastava com bebida.
- Entrevistadora - E a relação de vocês, como ficou?
- Informante - Foi piorando cada vez mais, brigas... até mesmo uma tentativa de separação, eu tentei me separar dele.
- Entrevistadora - Ele já bateu em você?
- Informante - Bateu. Mas isso aí foi bem depois. Ele já tinha chegado num estágio bem alto de irresponsabilidade. Eu não sei o que levou ele a agir assim.
- Entrevistadora - Ele alega o que? Bater, por que?
- Informante - Depois ele não fala nada. É porque também ele bebe muito, mas também esse negócio de bebida vem de pouco tempo pra cá. Não foi assim logo depois do casamento, de um tempo desses para cá ele começou a exagerar na bebida. (27 anos, casada, dois filhos, estudou até a 1ª série do 2º grau, costureira, participa de grupo de mulheres, curso de agente de saúde, simpatizante do partido dos Trabalhadores).

A associação entre a bebida alcoólatra e os problemas citados, muitas vezes são afirmadas e, em outro momento da entrevista são negadas.

“Não sei, não sei se é por causa da bebida, né? Às vezes a bebida faz qualquer coisa, então tinha muito medo. Mas, quando ele era bom, quando ele ficava bom dentro de casa, ele brincava assim ‘tudinho’. Às vezes ele batia mesmo nas garotas”.

Contrariedade:

“Então, como na época ele chegou, começou me batendo muito mesmo. Tava sentindo que ele quase todo dia tava me batendo, mas ele não bebia não. Não tava bêbado não quando vinha me bater, bom mesmo”. (24 anos, separada, três filhas, trabalha em bar, veio da Paraíba aos 10 anos para uma favela em Caxias, ex-marido pedreiro, mas ficava quase sempre desempregado).

O relacionamento sexual, além de ser brutalmente forçado muitas vezes, mesmo quando não é, faz com que as mulheres se sintam agredidas, por serem tratadas como simples objeto para o prazer do homem. Além disto, para aquelas que são desrespeitadas no dia a dia, é difícil dissociar os maus tratos diários quando são procuradas para relação sexual.

Informante - Eu achava que era difícil, entender? Porque parece que quando assim ele se aproximava de mim, parece que caía tudo assim, tudo aquilo que ele já tinha feito comigo vinha na minha mente, entendeu? Então, eu passei esfriar com ele. Aí, ele se queixava muito que eu era uma mulher muito fria, entendeu? Ele também na maioria das vezes, ele é uma pessoa como ele é assim até hoje, sabe? Ele não sabe assim se aproximar, eu não sei, eu acho que numa relação sexual, o homem tem assim que ser muito assim, especial, entendeu?

Entrevistadora - Especial, como?

Informante - Ser mais... se dedicar mais a mulher, ser carinhoso, entendeu? Procurar assim o fraco da mulher entendeu? E não é o caso dele. Então, isso sempre me revoltou muito, porque eu acho que ele me usou sempre como um animal.

Chega ali, se serve, é como se fosse assim um depósito. Chegou ali, se serviu e tudo bem. (38 anos, casada há 16 anos, dois filhos, vende roupas, veio da Paraíba aos 19 anos para favela de Caxias).

Muitas mulheres se sentem obrigadas a terem relação sexual com o marido pelo medo de uma recusa ser entendida por este como infidelidade.

“Bom, se não transar um pouquinho, entende? Aí vai dizer que eu tou saindo fora mesmo com homem, entende? Eu já disse pra ele: Olha, aqui em casa cedemos algo por causa desse negócio de falação, língua mesmo da pessoa aumentar as coisas, mentalidade de dizer que a mulher ta com homem. Isso aí pode até ser que a mulher esteja, mas nessa parte aí ta fora aqui em casa”. (23 anos, casada, dois filhos, dona de casa, estudou até a 7ª série).

Enquanto as mulheres se sentem obrigadas a violentar seus próprios desejos, é prática comum dos maridos terem amantes. Estas, costumam ser sua própria comunidade, e até fazer parte das relações de sua esposa.

“Era uma avenida lá em Vilar dos Telles. Era uma avenida onde eu morava, ele arrumou uma mulher na avenida. Poxa, eu ia saber, não é mesmo? Numa avenida, o que é que se passa numa avenida que ninguém não sabe? (...) Sabe o que ele fazia? Ele saía assim legal de dentro de casa, quando chegava a noite, ele chegava sem falar comigo. Às vezes ele ficava meses sem dar um palavra dentro de casa. Aí, o que ele fazia logo? Ele separava a dormida, ia dormir na sala, no sofá. Aí, ele se levantava, ia na porta dela lá de noite, ele pensava que eu estava dormindo”. (38 anos, casada, dois filhos).

A maneira do homem tratar desta questão com a esposa, é negado o fato de ter amante, apesar das evidências, ou confirmado e justificando através de uma desvalorização da esposa.

“Ah, ele sempre diz que é mentira, como todos. Dificilmente um homem tem assim um caso na rua e, a mulher em casa fica sabendo. É muito difícil ele confirmar”. (idem).

“Aí eu peguei. Ele só me judiando, dizendo eu ela era boa, que ela era inteligente, que eu era burra dentro de casa. Eu falei: ‘vou te mostrar um dia que vai ser burra, se vai ser eu, se vai ser ela’. A[i] foi indo, foi indo, ele sempre me batendo por causa dela mesmo, me agredindo, me deixando faltar as coisas por causa dela’. (25 anos, separada, três filhos, cozinheira, estudou até a 3ª série do 1º grau, criada na favela de Caxias).

Contudo, a traição masculina incomoda as mulheres quando praticada de forma aberta, ou seja, quando vista pela própria esposa e comunidade. Ter amante, na verdade, é considerado um comportamento natural do homem, enquanto é negado à mulher.

- Entrevistadora - Você suportaria tudo: bebida, os casos dele, essas coisas não te incomodam?
- Informante - Ah não, isso aí não tem nada a ver. Ele poderia viver com quem ele quisesse, até o dia que ele cismasse mesmo que não ia dar certo nós dois juntos, e que ele arrumasse um outro lugar e fosse viver.
- Entrevistadora - Você acha que a mulher também tem direito de ter amante?
- Informante - Aí não, é errado, né? Nessa parte é errado, mas também, se ela tem o seu marido, pra que ela vai ter outro, né? Parte da cabeça da mulher mesmo. (23 anos, casada, 2 filhos, dona de casa, estudou até a 7ª série)

A falta de carinho e diálogo, também apontado por várias mulheres, como prejudicial à relação conjugal.

“Pensava em ter um marido bom, um marido carinhoso. Chegar em casa e conversar comigo, me ver se eu trocasse uma roupa, me arrumasse, ele visse ‘você ta bem hoje, ta bonita hoje’. Que perguntasse como era a minha vida dia a dia, mas não, ele chegava e jantava, não tinha diálogo comigo’. (31 anos, separada do primeiro marido e vivendo uma segunda união, três filhos, monitora da creche, criada em favela de Caxias, estudou até a 5ª série do 1º grau).

6.5.2.

O casamento Considerado Feliz

Entre as 15 entrevistas que vivem o primeiro casamento, somente 5 continuam tendo uma boa relação com o marido, como na época do namoro. Apesar de haver brigas entre o casal, acham que existe um respeito mútuo.

São as seguintes:

1. 18 anos, casada há seis meses, filhos gêmeos de três meses, dona de casa, mas deseja trabalhar para ter seu “dinheiro independentemente”, marido tem 24 anos e é estofador;
2. 24 anos, casada há três meses, não tem filhos, monitora da creche, marido tem 31 anos e é jogador de futebol (desempregado).
3. 30 anos, casada há 2 anos, grávida pela primeira vez, monitora da creche, marido tem 35 anos e é sargento do exército.
4. 22 anos, casa há seis anos, quatro filhos, trabalha em barraca própria, participa de um grupo de mulheres em uma igreja católica, marido trabalha em empresa de transporte coletivo levando ônibus e tem 28 anos.
5. 28 anos, casada há sete anos, três filhos, dona de casa embora tenha formação de professora primária, marido tem 29 anos e trabalha na Marinha Mercante.

Elas se consideram uma exceção, em comparação às mulheres que conhece, por terem um casamento feliz. O fato de viverem uma situação pouco comum deixa-as temerosas de uma modificação na relação, o que foi verbalizado por aquelas que têm ainda pouco tempo de casadas.

“(…) mas minha vida de casada é boa, é melhor – por incrível que pareça – do que quando eu era solteira. Quando eu era solteira, a gente brigava muito (...). porque às vezes dizem que quando a mulher casa é pior, pra mim não, pra mim melhorou 100%. (...) Por enquanto ele não mudou, mas acho que é por isso que eu não vivo melhor, porque eu tenho esse medo, porque a gente vê, tanta insatisfação, aí a gente vê um homem – porque a gente contando, ninguém acredita – a gente vê um homem legal, a gente fica mia na balança. Eu tenho medo”. (3)

Todas falam de um marido carinhoso e compreensivo, o que significa que participa dos trabalhos domésticos e da educação dos filhos, preocupa-se com o sustento da família, é carinhoso no sexo e, permite que ela trabalhe fora. Nenhum desses maridos é alcoólatra.

“Pra mim ser um bom marido é compreende a mulher. Tem homem que às vezes não aceita o trabalho da mulher, se a mulher trabalha – às vezes a mulher ainda trabalha para ajudar o marido – a mulher chega em casa e o marido não reconhece, fica brigando com ela. Principalmente aqui no nosso trabalho, nosso trabalho é comunitário, às vezes dia de domingo a gente tem que vim pra aqui,

ficar o dia todo aqui, tem marido que não compreende isso. Às vezes, a noite tem reunião, a gente sai daqui 11 hora por causa da reunião, tudo isso ele aceita. Ele não fala, não briga, não zanga. É isso que eu acho que a gente vive bem pra ‘caramba’. Nós não brigamos, quando era solteira, eu brigava mais ainda do que casada. Eu acho que porque ele me ajuda, ele arruma a casa, ele lava a louça, ele faz comida, ele lava até roupa”. (3)

“A gente briga de vez em quando, mas a gente nunca saiu no tapa assim não. Ele nunca nem sequer ele... sei lá, ele é um cara que não quer violência. Ele diz que em mulher não se bate, já que não dá, aí vai um pra um lado e outro pro outro. Então, a gente briga porque ele é um homem que ele quer sempre ter dinheiro. Se eu falar: quero isso – ele quer ter dinheiro pra ir lá comprar. Quando ele está duro, a gente briga, porque ele está duro, ele chega em casa atacado, aí não fala, nem nada. Ele entra todo duro, aí ele come, vai pra cama e, vai dormir. Eu falei pra ele que não e sempre que a gente tem dinheiro pra fazer aquilo, então se sempre que ele estiver duro foi assim, então nunca ia dar certo, né? Mas, a gente e feliz”. (4)

“Na hora que a gente ta transando, a gente tem ali bastante carinho, não é só... Às vezes eu falo pras minha colega: sexo é importante no casamento, mas o mais importante é você ser tratada bem o dia, a noite, o outro dia, e depois ter o sexo né? Não é importante meu marido me tratar ali fazendo ‘inguinorância’, não me ajudando, não cooperando comigo e, de noite querer ir pra cama comigo, esse sexo não tem graça, né? O que ele é pra mim é em todo tempo que nós ‘tamo’ junto, aí eu gosto de ir pra cama com ele”, (2)

A participação desses homens nos trabalhos domésticos e cuidados com os filhos existem, mas é limitada. As mulheres vêm cobrando uma maior participação deles.

“De dia assim, sábado e domingo, aí eu tou passando fralda, ele ta cuidando deles, ta dando mamadeira. De dia não vou dizer que ele não cuida não, porque ele cuida, até a hora de dormir. Ele dá mamadeira, troca fralda, dá água, dá chupeta, mais ainda quero mais, ainda quero que ele me ajude de madrugada e, ele não quer (...). a gente começa a discutir. Ele fala que a obrigação é minha de acordar de madrugada, mas eu acho que não é, acho que é dos dois, porque assim como ele trabalha, eu trabalho, e até mais do que ele. Ele tem um serviço só, meus serviços são vários: é casa, é louça, é fralda, até meio dia. Meio dia eu paro, depois do almoço já tem outra remessa, tem casa, louça, fralda pra passar, comida pra fazer, criança toda hora acordada. Acho que é mais difícil. Pra ele é mais fácil, porque é um serviço só, né?” (1)

Contudo, apesar de defenderem uma igualdade e, de conseguirem um maior apoio dos maridos, do que a maioria das mulheres, em certos momentos da entrevista, mostraram que na verdade consideram que o papel de assumir os serviços da casa é seu. É o caso da informante abaixo, que várias vezes elogiou o marido pela cooperação nos trabalhos de casa, defende a igualdade, mas que ao

ser perguntada sobre os programas de televisão que assiste, fala do quanto vive atarefada em casa e, deixa subtendido ao dizer “a gente que tem marido...” que vê isto como obrigação dela. É importante ressaltar que ela trabalha fora e, no momento o marido está desempregado. Vivem do dinheiro dela e, do dele que está na caderneta de poupança.

“Ultimamente, pra te falar a verdade, ultimamente eu quase não tenho assistido televisão. Eu ouço mais, porque eu tou na cozinha, porque a gente que tem marido... né?... chega em casa... ontem mesmo cheguei em casa, meu cunhado ia pra lá consertar o som, quer dizer, eu fazendo janta, lavando roupa, quer dizer, não dá. Nem novela, que é uma das coisas que eu gosto, tem dado pra sentar e ver”. (2)

Assim como os maridos considerados ruins, os bons são vistos pelas mulheres como “ciumentos”. Apesar de viverem felizes, existe da parte do homem, um medo muito grande de ser traído, o que faz com que exerça um certo controle sobre a vida da mulher. Este medo existe desde o namoro, mas aumenta a partir do momento que o casal tem a primeira relação sexual.

Mesmo estando insatisfeita com isto, as mulheres não vêem como algo que atrapalhe a boa avaliação que fazem do marido.

“A única coisa dele que eu não gosto é o ciúme. Ele tem um ciúme doentio, ele é muito ciumento, ciumento demais. Ele tem ciúme de mim até com a minha mãe (...). alguns amigos que eu tenho, é escolhido por ele quase, entende? Tanto que ele tem uma irmã que ela é meia doida, meia avoadada, que ele não gosta muito que eu ande com ela. Embora que eu não acho ela uma má pessoa, e nem ela é dessas mulheres muito coisa, sabe? Mas, ele não gosta que eu ande com ela, mas, fora isso ele é legal, mas o ciúme dele... (ri). Tem ciúme de mim até com meus cunhados”. (4)

A informante abaixo está casada há poucos meses, fala da falta de confiança que o marido tem desde o namoro, quando ele trabalhava em outro estado.

“Vamos supor, se ele chega de viagem, a gente for passando na rua e um cara cochichar ele olha pra ele, já acha que “olha lá, deve no mínimo tá me chamando de corno”. Então essas coisinhas que dá briga entre nós dois”.

Falando sobre porque casou virgem, apesar de ter namorado nove anos.

“Eu tenho pra mim que ele nunca quis transar comigo por medo de viver longe e, me deixar mulher aqui, entende? Eu tenho certeza que era isso, porque às vezes quando a gente tava namorando, porque a gente namorava muito quente, na hora ele parava, ele não ia além, entendeu? Às vezes eu queria mais (ri)”.

Agora depois de casados:

“Tanto é que agora ele não quer ir pra longe, pra passar 2, 3, 4 mês, ele não quer. Quer dizer, aí eu ligo uma coisa com a outra”. (2)

Sobre a infidelidade masculina, estas mulheres, embora não concordem, tendem a aceitar na medida em que o marido continue mantendo o mesmo comportamento com elas. A declaração abaixo é da mesma informante anterior, apresentou um discurso de igualdade entre homem e mulher em alguns pontos da entrevista.

“Cada mulher conhece seu marido, seu namorado, seja lá o que for. Ele tem um jeito de me tratar, ser bom pra mim, não me deixar faltar nada, sempre tá fazendo minhas vontades, meus gosto, me ajuda dentro de casa. Poxa, ele me ajuda demais dentro de casa, no serviço mesmo, ele só não lava roupa, me ajuda a lavar a louça, me ajuda demais dentro de casa em termos de serviço, não posso reclamar. É carinhoso comigo no sexo, entende? Então, de repente ele muda pra mim e, eu que sei que tem mulher, eu não vou aceitar, entendeu? Agora, se ele for o tipo do homem que tiver outra mulher, mas saber não mudar nesse lado pra mim, talvez eu até aceite. Agora, eu só não queria nunca saber. Igual eu falo pras meninas: “se algum dia vocês verem, não me falem nada, porque é melhor viver enganada”.

7

SEPARAÇÃO

7.1.

Decisão pela Separação

Entre as mulheres separadas do primeiro marido, todas as separações foram iniciativa delas, porém provocadas pelos maridos. Ocorreram após muito tempo de sofrimento vivido pelas mulheres, quando chegaram ao limite máximo de suas forças para suportar o casamento e, não viam mais outra solução.

Embora tenham muitas queixas em relação ao marido (que já foram relatadas), o que decide o término do casamento é a irresponsabilidade com o sustento da casa, por parte do homem. Em alguns casos as agressões físicas levadas à extremo também levam à separação, mas normalmente quando isso ocorre, o marido também já não mantém, materialmente, a casa.

Geralmente, procuram evitar a separação na esperança de que algo faça o marido se modificar. As justificativas dadas por todas costumam ser as mesmas, mostrando-se confusas em relação ao porque do desejo de continuarem casadas, dando às vezes um motivo diferente em cada momento da entrevista. No final, acabam dizendo que é o medo de não conseguirem sustentar a casa sozinha.

Entrevistadora - Quanto tempo levou desse acontecimento (descoberta de que o marido tinha amante) até a separação?

Informante - Aí ainda fiquei três anos. Eu falei pra ele: 'tudo bem, você pode viver sua vida, só não quero que falte nada pros meus filhos'.

Entrevistadora - O que fez ficar ainda três anos com ele?

Informante - Porque as crianças ia saber... eu... no caso assim, minha mãe não queria, então eu queria ver se ainda dava eu tentar. Eu achava que nada tava perdido, que eu ainda devia tentar, pelo meu lar, pelo meu marido, porque homem ter uma mulher hoje em dia, eu achava muito comum, ter uma amante. Eu não acho assim que seja...

desde que o homem assuma, não deixe faltar nada, não maltrate a mulher, eu não legava não. Eu falei pra mamãe: “enquanto ele não me maltratar dentro de casa, eu vou ficar com ele, porque ruim com ele, pior sem ele – esse era meu pensamento. Era uma mulher que não sabia fazer nada para ninguém, tinha um bom conforto, não fazia nada, acordava a hora que eu queria – para que esquentar a cabeça com isso? Então, daí para lá o meu negócio foi apertando. Quando eu descobri mesmo, não faltava nada dentro de casa, mas depois que eu descobri, ele ficou faltando com as coisas dentro de casa, faltava ima coisa, faltava outra dentro de casa”.

(...) relação com ele num momento foi bom, a gente moramos junto e, em outra acabou. Aí começou a judiar, aí se eu falava com ele, alcançava em cima de mim, já cansou de me bater. Eu escondia da minha avó, eu sou quieta e, eu gostava muito dele.

Em outro trecho da entrevista:

“Minha separação com ele foi por causa dessa mulher que ele tinha. Eu falava assim com as pessoas, que eu queria me separar dele, mas eu tinha medo por causa da crianças. As pessoas falavam: “J, você se separar do seu marido, o problema não é teus filhos, filhos a gente dá um jeito, dá um jeito pra tudo. Agora você vai ter que se sustentar a discussão dentro de casa, briga, ele quer te bater, por causa dos três filhos? As vezes você sozinha comendo pão com água com seus filhos, você tá melhor do que ele”. E nisso eu fui pensando, pensando. Aí minha irmã morava lá no lote 15, aí fui pra lá, passei uma semana e pouca. Saí daí aborrecida com ele, fui pra lá pensar bem da minha vida. Eu fui pra lá fiquei pensando se era separação mesmo que eu queria, se eu ia enfrentar essas coisas todinha, se eu passasse aperto com meus filhos, se eu ia suportar isso tudo. Pensei e, eu vim já decidida mesmo. Aí eu cheguei em casa, eu falei: assim: 'Você não fez compra pra dentro de casa não?'. Ele falou: 'não tenho obrigação'. Assim pra mim que ele respondeu. Eu falei: 'Já que você não tem obrigação, eu tenho uma palavrinha pra você, você apanha o que é seu e vai embora'. Ele falou: 'Ah, não vou não'. Eu falei: 'Se você não for, boto tua roupa lá fora, porque que paga isso aqui sou eu, não é você; e se eu fosse casada com você, eu pedia divórcio, mas como eu sou sozinha, a gente como solteiro, você vai pro teu lugar, que eu vou pro meu”. (31 anos, separada do primeiro marido e vivendo uma segunda união, três filhos, estudou até a 5ª série do 1º grau, monitora da creche).

É contraditório o seu medo de não conseguir sobreviver com os filhos, uma vez que durante o casamento, manteve a casa sozinha.

7.2.

Negação dos Maridos a Aceitar a Separação

Muitos maridos que maltratam suas mulheres, mesmo tendo uma amante exigem que elas permaneçam ao lado deles. Algumas simplesmente se recusam a abandonar a casa e, as mulheres alegando não terem para onde ir, aceitam a situação. Outros costumam usar de ameaças de morte, amedrontando umas, enquanto outras enfrentam.

“Eu já tinha até medo, porque ele falava mesmo que se eu me separasse dele, que ele me mataria: 'não se separa de mim, vai ficar comigo o tempo todinho, porque o dia que você sair de perto de mim, eu te mato’”. Ele me ameaçava, e eu corri o risco de me separar, e ele me matar, eu tentei fazer do melhor modo de me separar sem ele fazer uma agressão definitiva comigo. (...) Aí, também eu ameacei ele, já tinha feito uma briga aí, deu polícia, deu tudo, e ele já tinha entrado com um processo pra ele na justiça”. (31 anos, separada, três filhos, 1º grau completo e retornou a escola, diretora de um órgão na favela onde mora).

“Depois que eu falei pra ele que ia embora, ele não queria que eu viesse embora, ele queria que eu ficasse. Ele queria ficar com as duas casa, e eu não aceitava isso, não queria de jeito nenhum. Aí começou as brigas, as agressão, ele comprou um revolver, me ameaçava, dizia que me matava. (...) ele arrumou essa mulher e parou de pagar a casa, aí a moça foi lá em casa deu ordem de despejo. Aí, eu fui no Juiz, me deu autorização pra mim sair, porque o jeito mesmo era sair. Fiquei sozinha com meus filho”.(31 anos, separada do 1º marido, vivendo uma segunda união, estudou até a 5ª série do 1º grau, monitora da creche).

“Eu arrumei a roupa dele, mas ele não quis ir embora não. Ele falou que eu que fosse embora, que a casa era dele, eu que fosse embora. Eu com dois filho, eu ia para onde? Voltar pra casa de pai e mãe? Não tinha condições, né? Aí fiquei na minha casa mesmo”. (24 anos, casada e vivendo mal. Três filhos, monitora da creche, estudou até a 5ª série do 1º grau).

7.3.

Gravidez em Momentos de Crise

Durante a fase de crise do casamento, é comum as mulheres engravidarem. Algumas colocam claramente terem ficado grávidas na expectativa de que com isso o marido melhorasse, principalmente se a criança fosse menino. Outras alegam que não sabiam ou não podiam usar anticoncepcional, e engravidaram tomando pílula, não usavam anticoncepcional porque era procuradas esporadicamente pelo marido para sexo, eram forçadas a ter relação sexual, gostam de engravidar ou então, a combinação de todos esses motivos, sem clareza do motivo real.

“Até eu pensei, até os meus parentes, os amigos mais chegados falava: 'P se for homem, então agora ele conserta, porque ele quer tanto um homem'. E ele quis realmente foi tirar esse garoto, ele tentou me esfaquear quando faltava 15 dias para nascer o garoto, sabe? (31 anos, separada, três filhos, 1º grau completo e retornou a escola, diretora de um órgão na favela onde mora).

- | | |
|----------------|---|
| Entrevistadora | - A sua primeira gravidez, você queria? |
| Informante | - Bem, eu queria, né? Ter somente uma né? Só uma. |
| Entrevistadora | - Por que? |
| Informante | - Ah, porque só uma pra ver como é que é as coisas primeiro, pra depois se desse certo direitinho, eu ter as outras. |
| Entrevistadora | - Como é que surgiram as outras? |
| Informante | - Ah, eu tinha que aceitar ele mesmo, né? Eu não podia mesmo evitar, então tinha que aceitar ele. |
| Entrevistadora | - Você não usava nenhum método pra evitar? |
| Informante | - Não.. |
| Entrevistadora | - Por que? |
| Informante | - Bem, porque eu tomava um remédio, prejudicava. Botava sangue pelo nariz, me dava dor de cabeça demais, então eu cortei o remédio, né? Não me dei com remédio. |
| Entrevistadora | - E tabela? |

- Informante - E tabela, eu não sabia tabela, então foi daí que pegava as garotas. Depois que eu pegava, eu dizia assim: 'eu quero ver se é uma filho homem. Mas, não era, era um menina.
- Entrevistadora - Quando você engravidava, você tinha vontade de tirar?
- Informante - Não, não, tinha não. Não tinha vontade não. (24 anos, separada, três filhas, trabalha em bar, veio da Paraíba aos 10 anos para uma favela em Caxias).
- Informante - Eu falei pra ele: 'no dia que ela (amante) pegar um filho teu, aí vai ser a separação da gente pra sempre. Eu admitia tudo, menos que ela tivesse filho dele, nesse tempo eu peguei a gravidez desse garoto meu menor.
- Entrevistadora - Você evitava filho?
- Informante - Não. O H, ele mamou muito tempo.
- Entrevistadora - Não evitava?
- Informante - Não mesmo, mesmo eu não pegava assim filho... mesmo depois que ele arrumou essa mulher, era muito difícil ter relações comigo, era uma vez por mês. Aí eu colocava um comprimido, porque não podia tomar, aí o médico falou pra mim: 'olha, você não coloca não porque você – teu marido não te procura – tá estragando seu organismo, seu útero, por causa de besteira, não pega não'. Aí eu não tomava não, nisso peguei o garoto, fiquei grávida.
- Entrevistadora - Essa gravidez, você queria?
- Informante - Queria.
- Entrevistadora - Por quê?
- Informante - Sei lá. Minha vontade era ter muitos filhos, tive vontade de ter muitos filhos (...). Eu ficava muito feliz, apesar de tudo, das brigas de casa, dos aborrecimentos, eu ficava muito feliz porque eu tava grávida. (31 anos, separada do primeiro marido e vivendo uma segunda união, três filhos, estudou até a 5ª série do 1º grau, monitora da creche)

7.4.

Discriminação da Mulher Separada

Uma grande dificuldade para a mulher separada, ou que pensem separar-se, e a discriminação da comunidade. Isto foi observado em mulheres de diferentes idades.

Informante - Eu vivi um tempo assim que eu tava com trauma dentro de mim, e sei lá, até o modo que a pessoa olhava para mim, eu mesma dentro de mim, eu censurava o modo que as pessoas me olhavam. Porque a mulher que vive com o marido, as pessoas olha de um jeito, quando ela tá separada sozinha, muda muito. Ainda mais na classe que a gente vive.

Entrevistadora - Mesmo hoje em dia.

Informante - Tem, muito mesmo, muito mesmo. Tiro por mim e pelas minhas colega. As mulheres, inclusive as mulheres, ela nunca olha a gente de uma maneira que olhava antigamente. (...) O homem já olha num sentido, eu tenho um modo de pensar assim, que eles, já olha num sentido de querer das uma cantada. E as mulheres, já é uma parte assim mais de ciúme. Nós não temos a segurança que nós tínhamos antes. Aqui na nossa classe é realmente isso, nós não temos a segurança que nós temos antes.

Entrevistadora - Segurança como?

Informante - Segurança de sair, de conversar, com as pessoas, muda bastante, muda.

Entrevistadora - Você acha que as pessoas não tratam mais da mesma forma?

Informante - Não é tratar, acho que elas pensam assim... eu penso assim do meio de ciúme. Eu tinha muitas amizades antes, eu notei a diferença depois que eu me separei, eu notei a diferença. Assim a gente não sabe muito bem se estão

vendo se o defeito é realmente da gente, ou se o erro foi do marido. (40 anos, separada do primeiro marido, vivendo uma segunda união, dois filhos, servente, estudou até a segunda série do 1º grau, participa de um grupo de mulheres).

“Também eu acho que as pessoas também respeita mais a mulher, porque a mulher separa aos homem pensa que a mulher sempre tá disponível para eles, principalmente, aqui na vila, não sei em outros lugares (...). Eu ‘tou’ falando o que vejo as pessoas falando, porque uma mulher casada que tem uma vizinha separada, nunca vai confiar o marido naquela mulher separada. Eu tenho experiência disso, eu vejo que a maioria das mulheres que são casada, não confia na mulher separada”. (24 anos, casada, três filhos, estudou até a 5ª série do 1º grau, monitora da Creche).

7.5.

Depois da Separação

Após a separação algumas mulheres voltam para a família de origem quando tem o apoio desta, ou preferem morar só com os filhos por não se sentirem suficientemente apoiadas pela família, ou por outro motivo qualquer.

Nenhuma delas deseja voltar para o marido, mas manifestam o desejo vem acompanhado de medo de repetir o mesmo tipo de relação que tiveram com o marido.

“Eu pensava assim, eu achava que conforme o primeiro não prestou, eu achava que o segundo também não ia prestar, mas aí eu me enganei bastante né?” (23 anos, vivendo uma segunda união, uma filha, dona de casa, estudou até a 5ª série do 1º grau).

Grande parte chega a conclusão que pode manter o sustento dos filhos sozinha, apesar das dificuldades e, de reconhecerem que ajudaria ter um companheiro que divida a responsabilidade da casa. A necessidade de um novo companheiro é vista mais para a educação dos filhos, uma vez que normalmente o pai se afasta dos filhos.

8

A SEGUNDA UNIÃO

Entre as 15 mulheres separadas do primeiro marido, cinco vivem atualmente uma segunda relação conjugal, e uma está pretendendo iniciar.

Somente uma delas saiu do primeiro casamento para viver com outro homem, uma vez que já mantinha relacionamento com este quando casada e engravidou. O restante só veio a casar novamente tempos depois.

A segunda união normalmente não é legalizada. Entre elas, somente uma casou no civil.

Só é considerado marido, aquele com quem casou no civil, o que na maioria dos casos ocorreu no primeiro casamento. Na segunda união, não oficial, o companheiro costuma ser chamado de “o rapaz que mora comigo”. Isto acontece mesmo quando este cumpre fielmente o papel esperado de um marido.

No diálogo abaixo, fica claro que considera “marido aquele com quem casou legalmente.

- | | |
|----------------|---|
| Entrevistadora | - Você está casada há quanto tempo? |
| Informante | - Eu tou casada, mas sou separada do meu marido. |
| Entrevistadora | - Ah, você é separada do primeiro marido? |
| Informante | - Sou separada do meu marido, moro com um rapaz. Agora tou viúva, porque me separei já tem cinco anos, porque vai fazer um ano em setembro que meu esposo faleceu. Eu tou morando com esse rapaz há cinco anos. (36 anos, oito filhos, veio do Nordeste aos cinco anos de idade, estudou até a 4ª série do 1º grau, dona de casa) |

A relação conjugal das cinco mulheres é vista por todas como satisfatória. Mesmo que façam críticas ao companheiro, como: ter amantes, gostar de beber; controlar a vida delas e não ser suficientemente carinhoso; o fato de ser

trabalhador, sustentar a família e não agredi-las fisicamente, faz com que se julguem felizes.

“Eu vivo com esse rapaz, por exemplo, ele me encontrou na pior, estava desempregada, cheia de problema, e ele me deu a mão. Apesar de que a gente não vive maravilha, mas poxa, foi o único que já comprou um pedaço de chão pra mim no meu nome, não me deixa faltar nada pra mim e pro meus filho. Apesar de que ele bebe, tem defeitos, minha irmã sempre querendo que eu largue ele e vou seguir a ela, entendeu? Quer que eu largue meu lar, minha casa, meus filhos, e vou pro lado dela”.

Depois:

Informante - Eu acho o seguinte: se a gente for brigar com o homem cada vez que às vezes ele passa a noite fora com outra, a gente for criar uma guerra dentro de casa, ele vai acabar indo embora mesmo pra perto da outra, vai deixar a gente. Então, a gente tem que ser mais amiga, mais razoável, mais meiga, carinhosa, pra poder comprar ele, senão acaba perdendo”.

Entrevistadora - Você já falou sobre isso com ele?

Informante - Ele acha que sou fraca, sou frágil que eu tenho medo de ficar sozinha. Eu não, não é medo, porque devido ao que já passei na minha vida, o que eu já sofri. Então, se todas as mães começar a fazer isso dentro de casa, eu acho que elas vai vencer, porque não é brigar que vai levar adiante uma vivência, uma união de um lar, acho que só vai destruir. Eu acho que se a mãe procurar ser mais... mesmo que lá diga assim: 'vou me rebaixar um pouco', mas ela tá se rebaixando sabendo que ela tá ganhando sempre, porque é duro a gente perder um marido na época que a gente tá hoje, ainda mais quando a gente gosta dele'.

Entrevistadora - Por que na época que a gente tá hoje?

Informante - Porque é difícil a gente achar um homem que dê valor a mulher sozinha.

Entrevistadora - É difícil ser separada?

- Informante - É, é muito difícil. A maior parte dos homens só quer aproveitar e deixar pra lá”.
- Entrevistadora - Você sentia muito preconceito?
- Informante - Eu sentia demais, sentia demais, porque a maior parte dos homens que olhavam pra mim, só foi apenas com interesse de aproveitar de mim, não me ajudar. O primeiro que me ajudou legal mesmo foi ele”.

Outro trecho:

“Ser um bom marido pra mim é muito difícil de explicar, porque se a gente for dizer o que a gente quer mesmo do marido, é muito difícil, mas como eu vou vivendo, pra mim tá sendo razoável. Porque o principal do homem, primeiro é assumir os compromissos de casa”. (28 anos, quatro filhos, estudou até a segunda série do 1º grau, dona de casa).

A jovem associa também o fato de estar com o companheiro, á discriminação da mulher separada. Contudo, apesar disso, a própria mulher amaziada também é discriminada.

“Não parece não, mas é uma diferença de casada pra amiga grande, sabia? (...) Inclusive, quando eu vim morar aqui, eu tive trauma. É, eu acho assim, que a mulher casada que vive com o marido, o respeito é outro. Lá onde eu moro, ninguém sabe que eu sou amigada, só a minha senhoria que já me conhece há muito tempo. (...) O meu filho mais velho chama o meu marido de pai, na rua chama de pai”. (40 anos, dois filhos, cozinheira, estudou até a 2ª série do 1º grau, participa de um grupo de mulheres).

Por isso, casar legalmente faz com que as mulheres se sintam totalmente realizadas e, passem a valorizar mais ainda o segundo marido, além de ser raro, quando ocorre é só depois que o casal vive junto durante algum tempo.

“Namoramos uns seis meses, depois com oito meses que a gente tava morando junto, junto mesmo na própria casa junto comigo, foi que um dia de tarde, ele chegou assim, me deu essa surpresa que tinha marcado o casamento da gente”. (23 anos, uma filha, estudou até a 5ª série do 1º grau, dona de casa).

Além de deixar a mulher mais protegida.

“Então, ele queria me botar como dependente e, não podia porque dependente só após os cinco anos, né? (...) A melhor coisa que a gente fez, a gente casamo, eu tenho direito em tudo”. (idem)

9 EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Entre as questões levantadas nas entrevistas, a educação foi a que mais houve concordância entre todas as mulheres, independente da idade e do contato com novos valores.

Elas educam seus filhos com normas rigidamente definidas, divergentes entre meninos e meninas. Os meninos não são cobrados quanto aos afazeres domésticos, são estimulados para a rua, enquanto as meninas iniciam cedo o aprendizado de dona de casa.

“Os menino é mais a vontade, mas as meninas ele (marido) cria tudo alí, naquele ritmo de menina. Tem que aprender a arrumar, cozinhar, ela já arruma a cozinha. Ela já arruma onde ela dorme, ela e os menino tem o quarto deles, né? Ela arruma o quarto deles, e lá arruma a cama, os fundo dela ela mesma lava, a não ser os fundo que ela vai sair que ela não lava muito bem, então eu lavo. (22 anos, casada, marido tem 28 nos, quatro filhos, estudou até a 4ª série do 1º grau e retornou recentemente a escola, participa de um grupo de mulheres).

9.1.

Papel do Pai X Papel da Mãe e a Ausência Paterna

O papel exercido pelo pai e pela mãe é diferente. O pai tem importância maior na educação do menino, e a mãe na da menina, embora para ambos, o pai seja importante como autoridade.

“Bom na educação ele (pai) faz um bocado de falta, porque se a mulher não consegue alí numa parte educar, o homem sendo mais rígido, a criança vai obedecer, né? Porque por mais que a mulher seja rígida, a mãe seja rígida, a criança não vai obedecer o total quanto o pai. O pai falando com a criança, ela vai obedecer, vai querer se sentir um pouquinho mais obrigada aquele serviço, aquela educação que eles tão dando”. (23 anos, casada, dois filhos, estudou até a 7ª série, dona de casa, participa de associação de moradores)

Com uma delimitação rígida de papéis masculinos e femininos, as mulheres se sentem distantes do universo masculino, portanto, consideram-se incapazes de educar um menino com segurança, precisando de presença de um homem em casa. Com isto as mulheres separadas vivem na expectativa de um novo casamento, a fim de que um outro companheiro supra a falta do pai. Isto ocorre mesmo com aquelas que ocupam funções exteriores ao lar, ou seja, masculinas. É o caso da informante do relato abaixo; com 31 anos; separada, 1º grau, ocupa a direção de um órgão na favela onde mora, tendo um excelente desempenho; interessada em cursos sobre educação infantil; discurso várias vezes foi feminista e, tem grande desejo de ascensão social. Sua falação expõe com clareza, o pensamento de todas as mulheres entrevistadas.

- Entrevistadora - Porque você queria o menino mais velho, e as meninas mais novas? (refere-se aos filhos)
- Informante - Porque eu fui bem dizer o menino mais velho lá de casa e, ser mulher é muito ruim, porque eu não podia trabalhar por ser filha moça, ser filha moça, então o mais velho sempre se proporia a ajudar o pai. Hoje em dia a intenção era essa, ter um menino pra acompanhar ele, e até dar assistência maior. Ele também queria, ele sempre quis ter um filho homem. E aí ia nesse sentido, que o filho crescesse e acompanhasse mais o pai e a menina ficasse mais em casa. Sempre eu digo que filhos homem e mulher precisam de mesma atenção, agora acho que mulher precisa mais da mãe, e o homem mais do pai. Meu filho vai criar com as idéias minhas, de mulher. Se tivesse um homem, porque o mundo externo de lá, eu não conheço. O mundo que o homem convive eu não conheço, e eu gostaria que um homem ensinasse meu filho”.
- Entrevistadora - Você acha que tem diferença, um mundo do homem e um mundo da mulher?

Informante - Tem diferença sim. Hoje em dia não, porque hoje em dia eu posso frequentar muitos lugares que o homem frequenta, coisas que eu não podia fazer uns quatro anos atrás. Mulher só podia vim aqui, e homens só pode vim aqui, homem pode frequentar os dois lugares, mulher só pode frequentar o dela. Então, hoje em dia eu trabalho com homem aqui, eu já viajei a trabalho com homem, lugares que trabalha mais homem do que mulher, então consigo frequentar os dois lugares sem nenhum preconceito, nem vergonha, mas pra passar isso pro meu filho é muito difícil, mostrar a vida de homem pro meu filho. Meu filho vai criar com as manis de mulher, eu acho que sim!”

Entrevistadora - Por que?

Informante - Porque eu vou passar pra ele as minhas experiências, vou passar pra ele as minhas experiências de simplesmente mulher. Eu queria que ele vivesse experiências de mulher e de homens, pra ele ter a escolha dele, até se definir mais. Ver por exemplo, meu irmão era doente, mas ele era menino super dependente, porque nós fazíamos ele dependente, nós éramos mulheres. Se tivesse um pai ali exigindo dele, conversando com ele, talvez ele tinha criado outra idéia, mas ele criou realmente idéia de mulher, alí sempre dependente. Realmente, a mulher hoje em dia não tanto, mas na época era. Talvez meu filho não seja tão prejudicado, porque eu procuro colocar ele assim num ambiente duplo, mas vai ser difícil eu passar pra ele coisas que eu não tive experiência.

Entrevistadora - Que tipo de coisas?

Informante - É difícil também falar, eu sei e não consigo expressar. Por exemplo assim: com mulher, com as menina, eu posso conversar com a minha reação de mulher as dores que sinto, a minha ansiedade, quais são as minhas

vontades, meus sonhos – eu sendo mulher, pra minha filha isso é fácil, se ela quiser me fazer uma pergunta eu sei responder. Agora, eu dizer qual o desejo de um homem, qual a sensação de um homem, qual o lugar que gostaria de ir, pra um homem não é a mesma coisa. Eu gosto de ir a lugares que tenham mulheres pra conversar, minhas colegas. Meu filho vai querer ir em outros lugares, vai querer um esporte mais feminino (troca as palavras e conserta em seguida) mais masculino e, eu não saberia dizer pra ele qual o melhor. Eu sei porque eu gosto de futebol, mas pode ser o basquete, pode ser i volibol, natação. Então, eu digo nesses tema assim, porque menina ela quer ser professora, ela quer ser médica pediátrica, ela não quer ser engenheiro, ela não quer ser advogado, porque são profissões, hoje em dia o ramo já tá bem dividido, mas normalmente são coisas que o homem mais conversa. Meu filho poderia querer um... ele gosta de brincar de boneca, embora que gosta muito de bola de futebol, mas não gosta muito de carrinho. Ele gosta de brincar de menina porque a gente tá sempre mostrando coisas nossas de menina, normalmente ele não convive com ações de homem, com atitudes de homem, então ele gosta de fazer aquilo que nós estamos fazendo pra ele. Digo num sentido assim de vida, até na escolha de uma profissão, do que ele quer ser na vida, do brinquedo que ele quer brincar, da amizade que ele quer ter, as conversa de menino é diferente de menina. O menino quer namorar alguém 'como é que namora uma menina?' A gente vai dizer como é que namora um menino. Acho que tudo, é até a parte da relação. A gente, toma banho junto, as meninas toma banho junto, eu também, então ele sabe que o sexo dele é diferente do meu, mas se ele tivesse o pai junto com ele, ia definir ele,

ele ia começar a pensar ver ele. Não vai ter, vai ser difícil se eu não me casar de novo. Se eu não tiver assim uma convivência mais com um homem dentro de casa, vai ser difícil eu transportar pra ele idéias masculinas”.

Assim as mulheres casadas temem separar-se e não saberem educar o filho, enquanto que as separadas buscou um outro homem que assuma o papel do pai, já que este ao separar-se da mulher, afasta-se também do filho. Numa segunda união, quando o padrasto assume o papel esperado de um pai, segundo a mulher, tanto para ela quanto para o filho, o pai biológico não faz falta.

- Informante - Acho que um homem dentro de casa pra lidar com um garoto é muito melhor do que uma mulher. Sei lá, tem certas coisas que a gente não sabe nem como conversar com o filho.
- Entrevistadora - Que coisas?
- Informante - Por exemplo, assim de sexo, tóxico, essas coisas, meu filho sempre pergunta.
- Entrevistadora - Você acha que um outro homem pode fazer isso, ou tem que ser o pai?
- Informante - Pode fazer, porque o rapaz que mora comigo faz. Se uma mulher for sozinha, sem morar com ninguém, ela sozinha, acho que é muito difícil. (...) que nem um filho meu, fez outro dia 12 anos, tem certas coisas que ele não vem me perguntar, pergunta ao rapaz que mora comigo. Às vezes, vejo os dois rindo lá conversando: 'o que vocês estão conversando aí?' - (filho): 'Ah mãe, isso é um problema de homem'. Tem quatro meses, um dia ele fez uma pergunta ao M, o rapaz que mora comigo, eu disse: 'Por que você não perguntou a mim?' Ele falou: 'Ah mãe, fiquei com vergonha'. A própria criança tem vergonha de chegar perto da mãe e fazer uma pergunta e, já homem, ele sente mais... É nesse sentido que eu acho que o pai faz

falta dentro de uma casa”. (31 anos, três filhos, estudou até a 5ª série do 1º grau, monitora da creche)

Apesar de as mães acharem que o padrasto substitui plenamente o pai, existe por parte delas e às vezes do padrasto, uma tendência a fazer com que os filhos mantenham o respeito pelo pai biológico.

“O meu filho até que não fala muito sobre o pai não, porque ele teve muito trauma em pequeno de ver o pai me espancando, chegar bêbado dentro de casa. Então, ele até que não fala muito não, porque eu acho que ele sente até mal em tocar nesse assunto. Eu que às vezes mando: J procurar saber de seu pai, você não tem culpa do que houve entre nós dois, você procura”. (40 anos, vivendo uma segunda união, dois filhos, cozinheira, participa de um grupo de mulheres).

As mães consideram que a criança sem pai se sente diferente, das outras crianças, inferiorizada. Este sentimento fica mais forte no colégio, principalmente no dia dos pais.

“... um filho se sente constrangido na escola, quando vê os pais dos outros alunos e, não vê o dele. As crianças começam a dizer assim: 'você não tem pai'. Até a relação com os colegas fica meio...” (27 anos, casada, dois filhos, costureira, participa de um grupo de mulheres, curso para agente de saúde, simpatizante do Partido dos Trabalhadores).

“Quando chega a época de dar presente pro pai, dia dos pais, tem uma festinha lá, só pros pais. Ela disse: 'eu já falei pra minha professora que não adianta me dá papel, porque meu pai não vai vim mesmo, meu pai não mora com a gente, não é mãe? Já falei pra ela nem me dá papel mais'. Eu falei: 'Ah ainda filha, eu vou no lugar do pai. (Ela): 'não pode, só pode ir pai, mãe não pode ir'. Então a gente não vai, seu pai não tá aí. Quando chega a época do presentinho, as meninas vai: 'mãe eu queria dar pro meu pai, meu pai não vem, vou dar pra senhora mesmo'. Aí me dá. São palavras que elas tão cobrando dos pais, a presença dos pais pra eles é importante. É que eu finjo de desentendida. Ah, tudo bem minha filha tá bom'. (31 anos, três filhos, separada, 1º grau completo e retornou à escola, dirige um órgão na favela onde mora, tem contato com educadores).

Algumas mulheres acham que o desejo de ter um pai é tão grande, que mesmo que este tenha um comportamento prejudicial para as crianças, estas vão sentir a falta do pai, se houver separação. Segundo elas a forma que a criança tem de perceber o pai, não é a mesma da mãe.

Entrevistadora

- Você acha que isso tudo faz mal para a crianças?

- Informante - faz muito, porque eles só vê o pai pra olhar, só encara o pai pra chegar bêbado. Eles não vê o pai assim num bom de dizer: 'hoje a gente vai fazer um programa, hoje a gente vai fazer um piquenique, hoje a gente vai brincar no quintal mesmo de pique, fazer uma brincadeira.
- Entrevistadora - Mas, mesmo assim, você acha que eles estão satisfeitos?
- Informante - Mesmo assim eles gosta, porque é o único homem que eles tem contato de chamar de pai, e quando ele tá bom, ele ainda faz carinho (...). Toda criança que ter um pai, agora nem toda mulher quer ter um marido (risos), mas toda criança quer ter um pai, isso aí é certo, você pode escrever, que isso é certo. Toda criança, pode ser um bebo caindo, mas tirar aquela bebedeira alí, e fazer uma graça pro seu filho, dar uma atenção, aquela pra ele é o melhor homem do mundo. Pra mulher não, ele vai ser sempre um cachaceiro lá no canto, mas o filho vai ter outra cabeça sobre o pai'. (26 anos, casada dois filhos, faxineira, 1º grau completo, pais separados, marido desempregado).

Contudo, como foi visto, muitas chegam a conclusão de que pai pode ser plenamente substituído por um padrasto.

- Entrevistadora - E seus filhos, pararam de reclamar a falta do pai?
- Informante - Pararam eles falam assim: 'agora eu tenho pai'. No colégio também. (31 anos, vivendo uma segunda união, três filhos, monitora da creche).

A importância do pai também está ligada à discriminação sofrida pela mulher sem marido.

“Ah, agora não sei. Ah, porque é pai. Foi gerado, tem um pai, tudo quando nasce quer saber quem é o pai. Vê as crianças que tem e tudo, quer saber quem é o pai. Vê as crianças que tem tudo, quer dizer que já fica com aquele... morar sozinha,

com a mãe... a mulher sem um marido fica aquela pessoa assim que ninguém tem aquele respeito, eu acho. Quando um homem sabe que a mulher é separada do marido, fica logo querendo dar uma cantada (ri). Sei lá, não tem aquele respeito, e a pessoa morando com um homem, ou que esteja junto, ou marido, sempre tem mais aquele respeito. E a criança também tem uma educação melhor, é mais respeitada também quando cresce”. (36 anos, vivendo uma segunda união, oito filhos, estudou até a quarta série do primeiro grau, dona de casa).

Apesar de falarem como se a ausência do pai fosse uma exceção, elas sabem que a realidade vivida pelas crianças e mulheres, é de falta paterna.

“O pai, acho que o pai tem que assumir o filho, porque hoje em dia, o pai mesmo pra assumir o filho tá difícil, é mais a mãe que assume o filho, o pai acho que tá muito difícil” (31 anos, casada, grávida do 1º filho, estudou até a quinta série do 1º grau, monitora da creche).

Na educação da menina, muitas mães encontram dificuldade em tratar de questões da sexualidade.

“Sei lá, a minha garota, ela tá com 9 anos, ela tá se desenvolvendo muito rápido, porque ela tá, até com maminha. Aí, quando eu vi aquilo assim eu me assustei, agora tá com nove anos, começou com oito anos, então eu acho a dificuldade de explicar pra ela como é que vai ser. É uma coisa que eu procuro, depois que eu tou trabalhando, a gente fica fazendo curso, fica aprendendo novas coisas. Então, é um problema que eu tenho, como conversar com ela, porque o médico disse que com 9, 10 anos, ela vai “se formar”. Aí, eu fico preocupada se eu vou fazer explicar pra ela direito as coisas como é que vai ser.” (24 anos, casada, 3 filhos, estudou até a 5a. série do 1º grau, monitora da creche)

9.2.

A Preocupação com os Adolescentes na Favela

Criar os filhos numa favela, preocupa muito as mulheres cujos filhos são adolescentes. No caso das meninas, existe o medo de que sejam “usadas” sexualmente pelos homens, e de que tenham más companhias femininas. Quanto aos meninos, o temor é de que caiam na marginalidade.

“Porque agente vê a marginalidade aí. É tiro, é homem armado e, até assim pra minha garota. Poxa a menina aqui não pode nem quase ficar mocinha, os cara já fica já com olho. Porque ela é uma garota, ela é super caseira, então quando ela

tiver maior idade, vai querer ter colega pra sair, e aqui dentro nem tem menina assim que a gente confie de deixar”. (Idem).

“É muito perigoso isso aqui, muito, muito, muito mesmo. Então, uma criança na idade do meu, tem muita chance de entrar no caminho errado (...) A gente tem que tá sempre conversando, sempre de olho com quem que eles conversa ou sai. Até no colégio a gente fica assustada, entendeu? (...) Então, isso é um problema muito sério. Aí, meu filho tava assim, ele não escolhia muito as amizades. Depois, às vezes, eu escutava: “garotinho, vê-se a barra ta limpa aí pra mim garotinho, isso, assim, assim”. Eu fiquei apavorada, né?” (38 anos, casada, 2 filhos, vende roupas por conta própria).

9.3.

O que pensam sobre a Influência da Psicologia na Educação

Sentindo que não foram devidamente orientadas, elas defendem uma melhor orientação das adolescentes para a vida, mais diálogo e um pouco mais de liberdade. Apesar disso, ainda mantém uma educação conservadora, respeitando a hierarquia na família, ou seja, defendem o castigo físico, sem espancamento, como forma de correção da criança.

Isto acontece mesmo com aquelas que buscam uma aproximação com a classe média e seus valores, fazem curso sobre educação infantil. No relato que se segue, a entrevistada inclusive nos mostra como é sentida a influência da Psicologia nesta camada social.

Informante - Eu acho bonita a Psicologia, mas eu acho que Psicologia tá estragando alguma coisa. (...) Eu tenho uma tia que só tem uma filha só, acha que a filha tem que conversar de igual. Eu acho que talvez ela aplica a Psicologia errada na filha dela, talvez seja isso, mas no fundo, no fundo, ela dói influenciada por alguma coisa, no caso, o livro, né?

De repente, olha, antigamente, eu fui criada sem pai, quando tava conversando os mais velhos, de repente meu avô me olhava e a gente saía, entendeu? Tinha aquele respeito, hoje em dia não tem.

(...) eu sempre fui pela cabeça da minha mãe, eu sempre segui o conselho da minha mãe. Agora, eu vejo, fico revoltada, minha prima já duas vezes repete série. Tem de tudo, já entra na escola com os material tudo comprado, não faz nada dentro de casa, e minha tia não toma atitude, com medo dela se revoltar.

Entrevistadora

- Isso é Psicologia?

Informante

- Ela conversa demais com a filha dela, tem Psicologia sim, porque ela conversa demais com a filha dela, mas não adianta. Eu acho que se em certa hora ela fosse mais enérgica, mostrar autoridade de mãe. Eu acho que filho tem que ter até um pouco de medo de pai e mãe, pra quando ele crescer, ele respeitar, entendeu?

(...) Eu falo mesmo, pena foram as correadas que às vezes não me pegou, porque às vezes eu ainda podia ser uma melhor filha, sabe?. Então, de repente, eu vejo isso, a Psicologia assim, essa liberdade, entende?

Porque de repente, criou assim uma abertura entre pais e filhos. Não sei se é a televisão, não si, só sei que eu acho que hoje em dia os filho tão muito diferente daqueles de antigamente.

(...). Eu não sei, porque eu ainda não sou mãe, eu penso em criar meu filho, mais ou menos do jeito que fui criada. (24 anos, casada há 3 meses, estudou até a 7a. série, criada em favela de Caxias, monitora da creche).

Esta mesma informante, também faz um comentário sobre os cursos de educação infantil que ela participa, por ser monitora da creche. Ela tem uma visão bastante crítica, expressando de forma clara, a distância entre os profissionais pertencentes a outro meio social e a realidade de sua comodidade.

Informante

- Claro, todos os cursos são válidos, vale a pena, só que às vezes as pessoas que dão a aula fala na teoria, na

prática é diferente. Pelas condições nossa, pelas crianças, e pelo primeiro lugar, não adianta a gente assistir.

Igual nós tamo num curso em Copacabana, vai ser 9 meses, a creche lá é maravilhosa, é linda, Nossa Senhora de Copacabana. De repente, a professora de lá fala tanta coisa mostra, e na realidade é outra.

Falta de material, a obra da creche, nem compra, nada compara, entende?

- Entrevistadora - E as crianças, são diferentes?
- Informante - As crianças são diferente, o mais importante de tudo é que as crianças são diferente, é outro pensar. Quer dizes, a gente aqui às veze, de repente, encontra uma criança falando de bandido, falando disso, daquilo. Quer dizer, coisas que talvez as de lá nunca fale.
- Entrevistadora - Você acha que falta a essas pessoas que dão cursos, conhecer mais a vida daqui?
- Informante - Vim para todos esses lugares assim como é a vila.

O contato com a Psicologia aparece na explicação que algumas mulheres procuram dar, para o comportamento das pessoas.

“E me machucou muito, eu senti que ele queria bater mais na barriga pra não querer o filho, (...). Então, eu senti assim, por ele na ter sido assistido pelo pai, acho que isso influenciou muito. Ele foi recusado pelo pai na gravidez ainda, então, acho que isso no final tava na cabeça dele. Eu sentia isso, e queria ajudar ele, mostrar que ele não foi bom filho porque o pai não tinha, mas que ele podia ser um bom pai. No tudo, ele na era totalmente um mau marido, ele era um bom marido, ele defendi mais de ser trabalhado em cima dele (...). Mas, na época eu era sofrida também, eu queria mais atenção, não queria nem saber se ele estava doente, tava mais querendo ver meu lado”.

Em outro momento, ela fala do comportamento do marido, entendendo pelo lado do espiritismo.

“(...) ele muda de uma hora para outra, parece que ele está assim encarnado com coisas terríveis” (31 anos, separada, 3 filhos, 1º grau completo, com desejo de ascensão social, procura informa-se sobre Psicologia através de revistas, televisão e cursos, faz parte de uma família espírita).

10

TRABALHO

Como foi visto, grande parte dessas mulheres começaram a trabalhar na infância. Muitas interromperam quando estavam para casar, devido à proibição do noivo. Após o nascimento dos filhos, quando as despesas familiares aumentaram, e o marido já não pode ou não quer arcar com tudo, a mulher tende a retornar ao trabalho.

Algumas procuraram um atividade sem que ingressassem no mercado de trabalho formal. Isto porque o dinheiro que precisam ganhar é apenas para uma pequena ajuda ao marido, que “cumpre com os compromissos”, não tem com quem deixar os filhos, e/ou são separadas, buscaram uma atividade no mercado formal.

As mulheres não precisaram trabalhar na infância, iniciaram na adolescência, quando passaram a ser mais exigentes com a aparência. Em poucos casos, começaram após o casamento, nas condições citadas acima.

10.1.

O Trabalho com um Fardo

Para a maioria delas, o trabalho é considerado um obrigação, uma necessidade para poder manter a família, uma vez que não permite uma gratificação pessoal. São quase sempre tarefas domésticas.

- | | |
|----------------|--|
| Entrevistadora | - É importante ter um bom emprego? |
| Informante | - Eu acho que é. |
| Entrevistadora | - Você acha que se tivesse um bom emprego, sua vida seria diferente? |
| Informante | - Eu acho que sim, porque é casa de família. |

Entrevistadora	- É difícil trabalhar em casa de família, né?
Informante	- É (responde com expressão de quem carrega um peso, e ri). (32 anos, 3 filhos, analfabeta, empregada doméstica)

10.2.

O Trabalho Como Realização Pessoal

Um pequeno grupo se sente realizado com o trabalho porque conseguiram ter uma satisfação pessoal que é desejada e, o aprendizado de coisas novas. Todas que conseguiram isto não tiveram que trabalhar para sobreviver desde pequenas.

“Eu vim trabalhar fora eu tinha 19 pra 20 anos, então até aí, eu era uma pessoa com ‘pobrema’ demais. Aí, de repente eu senti a necessidade de me encontrar, de ser outra pessoa, porque eu enjoei de ficar dentro de casa, lavar, passar, cozinhar pra irmão. Minha mãe me dava muito valor, mas tenho uns irmão que achava que era minha obrigação, entendeu?” (...). Aí o emprego aqui, como experiência de colega eu ficava em casa e quase não tinha assim colega, era garotas assim igual a mim – aí de repente, vim trabalhar aqui com mulheres mais experiente e hoje em dia sei que eu mudei. Mudei e foi mudança boa, porque tenho certeza que o que eu aprendi vai segurar no meu casamento, porque muitas coisas eu não aceitava, hoje em dia eu aceito” (24 anos, casada há 3 meses, estudou até a 7a. série, monitora da creche)

Além de proporcionar um crescimento interior, seja pelo aprendizado, ou pela satisfação de fazer algo que foge a atividades domésticas, o trabalho pode proporcionar uma certa posição de prestígio na comunidade. Isto costuma incomodar maridos, que se vêem inferiorizados.

“(ele):’Seu trabalho é tão bom que tem que pegar do meu pra sustentar o seu trabalho, eu te dou o dobro pra você ficar em casa, só sendo minha empregada’. Coisas assim de um nível – sabe? – te desmoralizando como pessoa. (...). Pra mim, uma ocupação pra mim que era útil, pra mim e pra ele, porque através de mim, também ele fez diversos conhecimento. Teve época que ele me pediu dinheiro emprestado, e eu porque tinha conhecimento fora, indiquei ele. Eu nunca precisava pra aqui porque o pessoal não ia me emprestar, mas ele tinha garantia de emprego, então o pessoal emprestava. E não era só dinheiro, era contatos, às vezes tinha reunião, eu levava ele. Às vezes eu ia pra alguma festa, e levava ele. Eu não ganhava nada, mas eu ganhava era assim, as companhias de pessoas assim importante, e até conversa, fazia cursos lá embaixo (Rio). Eu me sentia importante e levava comigo, eu fiz muito conhecimento com pessoal lá em baixo,

através do trabalho aqui. Vinha muitas cartas pra gente. Então ele falava que eu tava subindo muito de vida, embora ganhasse pouco, eu tinha mais é... (pensa na palavra que vai falar). Ele quis dizer que uma palavra assim, que eu tinha mais uma ocupação social do que a dele. Ele ganhava bem, mas ninguém conhecia ele, eu ganhava pouco, e todo mundo me conhecia. Ninguém vinha procurar ele, só vinham me procurando. Chegavam lá em casa: “F tá aí? A F tá aí?”. Ninguém procurava mais ele. (Ele): “Agora ninguém vem me procurar, mais a mim não, agora vem procurar só você. É homem, mulher, criança, só vem procurar você aqui em casa”. Então, ele começou a se sentir meio menosprezado”. (31 anos, separada, 3 filhos, 1º grau completo e retornou recentemente à escola, dirige um órgão na favela onde mora, tem grande desejo de ascensão social)

11

PLANOS PARA O FUTURO DA FAMÍLIA

Existem projetos para o futuro voltados para os filhos. Sempre ligados de uma melhor situação sócio-econômica para eles.

A crença de que se tivessem estudado, teriam uma melhor condição, faz com que desejem isto para os filhos. Um grande sonho também é da casa própria, que possibilitará criá-los melhor.

“Espero que elas estude, espero que o garoto tenha um bom emprego, que não seja igual ao meu. Eu não estudei, não tenho bom emprego bom. Quero que elas estude, pra ter um emprego bom” (31 anos, casada, 3 filhos, analfabeta, empregada doméstica).

“Eu penso assim, eu quero vida melhor pros meus filho. Por exemplo, sabe o que é meu sonho? Uma casa própria” (38 anos, casada, 2 filhos, vende roupa por conta própria).

Algumas referências de mulheres que tem filhas, foram de quererem um futuro diferente para elas, em relação ao casamento também. “Das minhas filhas, eu espero elas sinceramente estudar, ter um bom marido, não ser separada igual eu fui”.

Ao mesmo tempo acha que as filhas devem ter condições financeiras para não serem dependentes, mostrando ambigüidade de valores.

“Se acontecer e elas não casar – entende? – eu sou mais de chegar pra elas e aconselhar pra elas viver a vida delas. Espero que elas estude mesmo, tenha um bom emprego pra poder se manter sem precisar de homem nenhum, porque também acho que depender de home é chato à bessa”

Está presente também a esperança de que os filhos possam um dia compensar a vida ruim que elas tiveram. Foi falado por poucas mulheres e as que fizeram este comentário, já tem filhos, com perspectivas de uma situação melhor,

Cansadas, elas não vêem onde mais buscar uma vida mais digna.

“Ah, eu penso tanta coisa boa. Que meus filhos se formar, que falta pouco, quer dizer, tem um ano de faculdade,e que eles tão fazendo dois. Eu penso assim que

se um dia eles formar, melhorar, pode ser que possa me dar um conforto melhor. Minha esperança é essa, né?. Deus ajudar, eu sei que eles são bom filho e, eles também pensa isso – né? – um dia me ajudar, mais enquanto não puder, tem que ficar esperando mesmo, né? Desse meu esposo, desse último marido, não posso esperar nada, porque ele na tem estudo, não tem nada, é analfabeto, só sabe assinar o nome dele” (36 anos, vivendo uma 2ª união, 8 filhos estudou até a 4a. série do 1º grau, dona de casa)

12

RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

É unânime a idéia de que devem evitar muito contato com a vizinhança. São poucas as relações mais próximas e, não se sentem apoiadas pela comunidade quando passam por problema. Em geral, é a família que ajuda, ou poucos amigos íntimos. Falam muito na falta de confiança nos vizinhos.

“É melhor em ficar em casa vendo televisão de perna pra cima, do que ficar ali é uma fofocada danada. Vou ficar lá na esquina? Não vou. Fico dentro de casa, vendo minha novela. (...). O portão fica o dia todo fechado. Eu não vou nem na minha cunhada. A minha sogra mora ali perto, eu não vou” (22 anos, casada 4 filhos, estudou até a 4a. série do 1º grau e retornou recentemente à escola, trabalha em uma barrada própria, participa de um grupo de mulheres).

“Porque pra fazer muita amizade é ruim, porque nunca dá certo. O pessoal faz uma amizade, sempre tem uma confusão, uma discussão, uma briga. Então, eu fui criada nesse ritmo. Minha mãe me ensinou: “bom dia”, “boa tarde”, “nada de tá na casa dos outro, porque sempre tem confusão”. – e meu ritmo é assim mesmo. Eu não saio, é difícil, eu sair assim pra conversar do lado de fora, pra bater papo. Faço mais meu serviço em casa, fico fazendo meu crochê, saio pra comprar uma linha. Aí, tenho mais amizade com a vizinha do lado, porque é conhecida do meu esposo há muito tempo lá do Norte, quase como parente, e só” (36 anos, vivendo uma 2ª união, 8 filhos, dona de casa, estudou até a 4a. série do 1º grau).

A relação é ainda mais distante, e até tensa, no caso de mulheres separadas, por serem vistas como ameaça.

“Achavam que eu era piranha, era de mais de um, pegava marido de outra, não sei de quem. Eu dizia pra elas que não, que não sei o que, falava muita coisa, falava mesmo. Falava que não tinha, que não pretendo ter pegar marido de outra família. Quero viver minha vida, se eu tiver que arranjar um homem, eu arranjo por fora, mas não vou pegar ninguém daqui, pegar marido de família de ninguém. Eu quero que eles seja bem felizes com a família deles”. (24 anos, separada, 3 filhos, empregada de bar, estudou até a 3a. série do 1º grau).

Os grupos que reúnem-se com algum objetivo, tendem a ter uma união maior, como as funcionárias da creche, grupo de igreja, etc. De qualquer forma, as amizades mais íntimas, com um maior apoio, são restritas

13

RELIGIOSIDADE

A religião aparece como ponto de apoio, que recorrem para enfrentar tantos problemas, mas a maioria não tem hábito de frequentar igrejas regularmente. Muitas dizem até a não ter religião, mas a fé em Deus é muito forte, e seu nome faz parte do vocabulário de todas elas. As mais velhas demonstram uma maior fé.

As opções variam entre as seitas protestantes, catolicismo, umbanda ou candomblé, sendo os dois últimos com mais adeptas. Existem também aquelas que procuram mais de uma religião. É comum encontrarmos mulheres que participam tanto da igreja católica quanto do espiritismo. As regras religiosas quanto ao aborto não dissolução do casamento, não influenciam suas decisões. Mesmo frequentando igreja, a autonomia de pensamento é mantida.

No relato abaixo, está expressa uma maior identificação com o espiritismo, o que explica sua grande difusão nesse meio social.

- | | |
|----------------|--|
| Entrevistadora | - Por que você se sente melhor na macumba? |
| Informante | - Não sei, eu me sinto tão bem na macumba. Eu boto roupa também, né? Eu danço e tudo lá no Centro. Eu me sinto melhor lá, eu acho que lá as pessoa se une mais. Eles param pra conversar, com os espírito, pedem conselho, pedem ajuda pra ajudar o marido em casa que está sem emprego, pra alguém que está doente. O Santo ajuda. Então eu acho que eles lá são mais amigos. |
| Entrevistadora | - Se você tem um problema, está chateada com alguma coisa, você acha que te faz bem ir pra macumba? |
| Informante | - Acho que faz, porque lá eles conversam com a gente, eles descarregam a gente e, a gente sai até mais aliviado de lá. |
| Entrevistadora | - E na Igreja Católica? Você acha que não alivia? |

- Informante - Não, acho que não.
- Entrevistadora - Por quê?
- Informante - Não sei, eu não acho que seja a mesma coisa que no espiritismo. Eu acho que no espiritismo é melhor. A maioria de lá onde a gente mora, vai à igreja, mas são espíritas.
- Entrevistadora - O pessoal do espiritismo, você acha que são pessoas mais parecidas com você?
- Informante - É, são mesmo. Porque a gente vai lá, vai e fala: “vai começar a sessão”. Aí, começa tudo sério, a gente vai lá, conversar, trabalhar pro Santo, bebe com o Santo, come com o Santo. Quando acaba ali, a gente senta pra conversar, a gente dá até de rir um do outro. Até porque às vezes eles vão até de manhã cedo, mas muitos não. Aí vai até as quatro horas, aí os outros acha muito tarde pra ir embora, aí espera. Enquanto espera, a gente senta, conversa, toma café, faz aquela bagunça quando acaba.
- Entrevistadora - E lá na Igreja Católica, isso não acontece?
- Informante - Já não é assim
- Entrevistadora - Por quê?
- Informante - Não sei, eles são muito cheio de coisa: Não pode isso, não pode aquilo, porque lá a gente não pode entrar de short, não pode isso, não pode aquilo. Lá teve um jantar, foi até as dez hora só, porque não podia mais. Tece até o pessoal daqui, foram com som e tudo pra lá. Teve até um certo horário, tava tão animado, teve que acabar porque era na igreja.(...)
- Entrevistadora - E as conversas deles com você, o que você acha?
- Informante - Ah conversa muito chata. Eu não gosto não. Eu vou e tudo, mas eu não gosto muito não. Conversa de padre é conversa de encher saco. (22 anos, casada, 4 filhos, estudou até a 4a. série do 1º grau e voltou a estudar numa escola que funciona na igreja católica, participa de um

grupo de mulheres também na igreja, dona de uma barraca na favela onde mora, tem desejo de ascensão social).

14**PROGRAMAS DE TELEVISÃO**

A televisão parece como quase a única forma de diversão, já que elas não dispõem de condição financeira para sair de casa.

Entre os programas, as novelas e o programa Sílvia Santos, tem a preferência de todas, mas as que buscam uma participação maior no mundo e buscam informações, há um interesse também pelos noticiários, Fantástico, TV Mulher, ao mesmo tempo por que não dispensam os citados acima.

15

HOMEM POBRE X HOMEM DAS CLASSES MÉDIA E ALTA

Na comparação do homem do seu meio com o de classes mais privilegiadas, existe uma valorização do segundo, no que se refere ao tratamento dado à família. Para elas, há uma associação entre a pobreza e a forma que o homem tem de lidar com a família.

“A cabeça do homem que tem dinheiro é totalmente diferente. Quanto mais pobre, mais ignorante. Parece mentira, mas é verdade (ri), quanto mais pobre, mais ignorante. O homem da classe média, já trata a mulher de outra maneira. Por exemplo, ele sai com a mulher, se ele pode ir muito bem, se ele não pode ir: ‘então você vai minha filha, vai’. E vai mesmo, a mulher vai, não quer saber, ele empresta até o carro. O marido pobre não, se não puder ir por algum problema, a mulher também não vai. Ah, o marido pobre é uma droga mesmo, não vai ninguém, não sai ninguém. Aquilo lá eu acho que é muito bacana, uma vida liberal, eles tem uma vida liberal. (...). Muitas vezes, eu vou servir jantar nessas casas por aí, e vejo a mulher lá o tempo inteirinha sentada com um colega dela conversando, e o marido lá com um monte de amiga, e ninguém troca olhares. (...) Agora, o marido pobre é diferente, vai num aniversário, tou olhando: (ela):”é um colega de infância”. (ele): “ah, tá, ih”. Começa a coçar a cabeça. Pronto, estraga a desta da mulher. O marido pobre é muito egoísta, muito ignorante, quanto mais pobre, mais quadrado. Dinheiro faz bem a cabeça também, não é só ao bolso não”. (26 anos, casada, 2 filhas, faxineira, 1º grau completo).

16

UMA AUTO-AVALIAÇÃO

Ao serem indagadas sobre o que pensam delas, muitas vezes tiveram dificuldade de compreender o que eu queria, ou então achavam que somente outra pessoa poderia falar delas, mas todas acabaram se colocando.

Quanto ao tipo de resposta, podemos dividi-las em dois grupos, quantitativamente iguais.

Um deles é constituído por mulheres com baixa auto-estima, cansadas de trabalhar e sem esperanças de um futuro melhor para elas. São aquelas que foram ou são infelizes no casamento, não conseguiram compensar esse sofrimento e, não tem nenhum meio de realização pessoa.

“Não sei não. Eu acho que eu não sei nem dizer de mim mas (ri). (...) Não sei, eu acho que eu tou cansada de trabalhar, eu acho que eu não espero mais nada não”. (32 anos, casada, 3 filhos, analfabeta, empregada doméstica, infeliz no casamento).

“Eu (ri) não sei. Sei lá. Eu vejo – eu vejo não eu queria ser, que eu quero, me vejo que eu sou assim, sei lá, na sou assim que sente as coisas e bota pra fora. Às vezes me sinto boba, tímida. Vejo moça aí que quando vai falar as coisa, fala as coisas tão explicado. Eu não sei explicar como é que eu sou não (ri). Às vezes eu não sei nem como é que eu sou (ri)”. (24 anos, casada, 3 filhos, estudou até a 5a. série, monitora da creche, infeliz no casamento).

“Já tou ficando velha, sei lá, eu acho que ninguém me olha mais, só penso assim. Às vezes eu fico pensando: meu Deus, eu me arrumo ou não me arrumo? Ah, já tou chegando a idade, já tou com 34 anos, ninguém me vê mais. Eu já penso em mim assim. Tou ficando acabada, muita preocupação. (...) Às vezes eu fico pensando que é porque eu não saio, porque eu não saio, porque a gente que sai tem vontade de sair arrumadinha, mas só viver em casa não tem vontade de ser arrumar, só criando filho, só ensinando dever a filho, só lavando, só passando, cozinhando – é diferente”. (34 anos, casada há 15 anos, 5 filhos, vendedora de cosméticos, estudou até a 4a. série do 1º grau).

“Vejo assim, não desespero nunca. Às vezes fico muito nervosa, aí: puxa vida, tem gente pior do que eu, tem uma vida boa, tá morando com um homem não tem um ano, casam, tão vivendo bem, o homem às vez tira te do trabalho, e eu tou aqui: acho que não tenho ninguém, acho que Deus não olha, sou obrigada a falar assim – que Deus me perdoe, peço até perdão a Deus – que às vezes eu falo

assim: Deus não olha nem pra mim, para ele eu não existo, isso não é Deus, uma vida dessa, um sacrifício Ra tudo e Deus não manda essa felicidade minha. Fico olhando: será que eu sou feia, sei lá, eu acho assim de mim. Às vez fico olhando no espelho: ah, não sou tão feia assim, é impossível, tem outras piores do que eu. Aí, às vez de repente, parece que Deus põe na minha cabeça: “não esquenta com isso, calma, tenha paciência”. Aí eu tiro isso do sentido, aí começo, saio lá pra fora, vou cuidar das minhas obrigações da minha casa”. (25 anos, separada, 3 filhos, estudou até a 3a. série do 1º grau, cozinheira).

O outro grupo demonstrou uma maior auto-estima, mas confiança nelas próprias e na vida. São mulheres quês estão felizes no casamento; ou separaram do primeiro marido, mas compensaram com um segundo casamento satisfatório, ou separadas ou casadas insatisfeitas com o marido, mas que tem uma atividade que permite uma realização pessoa (trabalho, escola, grupo de mulheres, trabalhos comunitários).

“Eu acho que pelo sofrimento que foi meu sabe?” – eu era pra ser uma pessoa muito amarga, muito triste. Eu acho que eu sou muito alegre, sabe? Divirto bastante quando eu posso. Eu me acho uma pessoa muito legal, adoro ajudar os outros”. (23 anos, vivendo uma 2a. união que considera feliz, 1 filha, estudou até a 5a. série, dona de casa).

“Bem, eu me acho uma mulher mais ou menos realizada. Alguma coisa que eu quis, eu faço força pra ter o que eu quero. Como eu entrei no curso, aprendi a ser manicure, sou manicure. Entrei até aqui e tudo, teve aula aqui e eu entrei”. (22 anos, casada, 4 filhos, estudou até a 4a. série do 1º grau e voltou a estudar recentemente, participa de um grupo de mulheres, dona de uma barraca na favela onde mora, tem desejo de ascensão social, feliz no casamento).

“Depois do meu casamento – eu acho que se eu não casasse, eu ia ser uma pessoa frustrada – então depois do meu casamento, eu me sinto uma mulher realizada”. (24 anos, casada há 3 meses, sem filhos, estudou até a 7a. série, monitora da creche, feliz no casamento).

“Eu acho que eu sou uma pessoa organizada, que tenta pelo menos melhorar, que tenta, não tou dizendo que... Que tenta a cada dia estudar os problemas da vida, não só os meus, mas da vida de uma maneira geral. Eu tento me conscientizar a cada dia, tento fazer de cada dia juma experiência, adquirir experiências. Mas, eu ainda me acho uma pessoa muito fraca, muito fraca diante da vida. (...) Eu sou pessoa livre, uma pessoa que me aceito porque gosto. Se eu ficasse assim num canto morrendo porque perdi uma perna, acho que ninguém mesmo se liga, ia morrer de pena e pronto”. (27 anos, casada há 9 anos, 2 filhos, costura em casa, estudou até a 7a. série, participa de um grupo de mulheres como coordenadora e outros trabalhos comunitários, simpatizante do Partido dos Trabalhadores, infeliz no casamento, perdeu uma perna).

17

Conclusão

A amostra que foi construída inicialmente, usando apenas como critério mulheres casadas e esperadas, tornou-se heterogênea, uma vez que esta apresentaram diferenças quanto idade, escolaridade, nível de participação fora do lar na infância e na fase adulta.

A condição sócio-econômica parece ser o fator mais importante para compreensão do grupo estudado.

Na fase adulta, dois grupos são formados, segundo nível de participação. Um grupo é formado por aquelas que têm no trabalho somente o meio de garantir a sobrevivência, sem a realização pessoal. São atividades geralmente domésticas.

O outro grupo é daquelas que exercem alguma atividade que foge a que se designou feminino (trabalho doméstico) e/ou participam de grupo de mulheres, associação de moradores, partido político ou outros trabalhos comunitários. Na favela onde moram, elas fazem parte de uma minoria. Na amostra são algumas monitoras de creches e outras que apesar de não trabalharem fora, ou terem um emprego que não faz com que se sintam realizadas, participam de alguma das atividades citadas acima elas procuram ter maior valorização própria. Mantém maior contato com valores de classe média, buscam uma ascensão e, isto parece ser o que as estimula para maior participação social.

Essa procura da realização pessoal, aparece entre as que não tiveram que colaborar no próprio sustento desde a infância. Embora sendo pobres, tendo que assumir as vezes os cuidados com irmãos, elas tiveram uma família ou mãe que garantia a manutenção da casa. Tudo indica que o excesso de trabalho, muitas vezes precoce e que pode perdurar na vida adulta, acabe por fazer com que a satisfação pessoal procurada seja se cuidada.

O primeiro grupo apresenta valores bem definidos, seguindo os ensinamentos da família de origem. O segundo, mostra um discurso contraditório, ou seja, em certos momentos influenciados por ideais e classe média, e em outros

tão conservadores quanto o primeiro grupo. Mesmo desejando transformações em suas vidas, elas ainda estão extremamente ligadas aos valores que foram transmitidos durante a vida. Isso pode ser observado no modelo de relação homem-mulher vivido por elas e, no estilo de educação que é dado aos filhos.

A relação com o home conservando característica do casamento de suas mães, a repetição com os filhos no modelo de educação que receberam, mostra a dificuldade de modificar valores, e comportamentos internalizados antes da idade adulta, mesmo entre as mais pobres.

A divisão do papel masculino e feminino continua existindo. Tanto a contribuição financeira da mulher quanto o trabalho doméstico feito pelo homem são visto como ajuda um ao outro, e não como tarefas que cabem aos dois. A atuação da mulher fora do lar não deve prejudicar suas “obrigações”, de dona de casa. Também para aquelas que tem uma atividade vista como masculina, não conseguem assumir que tem o mesmo desempenho que é esperado. Assim, necessitam dele para passar esse mundo masculino para o filho. Apesar de todas as queixassem relação ao marido e da imagem negativa que tem dos homens que conhecem, elas os consideram importante para educar seus filhos. Não existe a percepção de que eles só podem fazer dos filhos, cópias deles próprios, assim como elas reproduzem o modelo masculino.

A busca dos ideais das classes privilegiadas, parece mais motivada por um desejo de serem como estas, já que são muito valorizadas, do que uma real identificação com elas. Contudo, não pode deixar de ser apontada uma diferença de comportamento das mulheres do segundo grupo, mesmo que não seja uma grande mudança. Elas demonstraram maior auto confiança. Embora conflitada, há uma tentativa de relação com menos desigualdade.

O ideal de família conjugal, vem sendo ainda perseguido por todas as mulheres. Assim, embora a realização pessoal no trabalho ajude muitas mulheres a se sentirem mais felizes, é a felicidade no casamento, o mais importante para elas. Independente da idade e atividade exercida.

Ter um pai para os filhos é como se fosse uma regra, embora não corresponda a realidade conhecida por elas na comunidade. Para elas, a falta do pai estigmatiza a criança, torna baixa a auto estima dos seus filhos. O pai é considerado possuidor de um poder maior diante dos filhos. Deve atender ao filho

nas suas necessidades materiais, brincar e conversar. Quanto ao filho do sexo masculino é ainda mais importante, atuando como figura de identificação.

Como mães, vêem desta forma a necessidade do pai para a criança, porém enquanto filhas, foi visto que a falta deste, foi menos marcante para aqueles que puderam brincar, sem preocupação com a luta pela sobrevivência. No caso dos filhos, acham que um padrasto é a única alternativa para suprir a falta do pai, enquanto para elas próprias, a possibilidade de brincar era suficiente para caracterizar a infância como feliz.

Isto leva a crer que a ausência paterna, é mais dificilmente elaborada pela mãe, do que pela criança que tem acesso ao brincar.

Separar-se do marido é uma decisão que assusta as mulheres, apesar de todo o sofrimento a que são submetidas, por este. As causas do medo apontadas são as dificuldades de sobreviver sozinha com os filhos, a crença de que o pai é indispensável na educação deles e, também o temor da discriminação por parte da comunidade.

Pelos motivos acima, elas utilizam todos os recursos que conhecem para evitar que a dissolução do casamento e, só optam pelo término quando a situação torna-se insuportável.

Com algumas exceções, elas descobrem a capacidade de sustentar a família sozinha, uma vez que o ex-marido não contribui regularmente, mas permanece a necessidade de “ter um homem de casa”, para colaborar na educação dos filhos e para sentirem-se mais respeitadas pela comunidade. A frustração pela separação, só é resolvida com uma nova união que atenda as suas expectativas, ou seja, legalizada.

A questão da maternidade tem também importância fundamental para elas.

Ter filhos parece ter um significado especial para essas mulheres. Como foi mencionado por Ropa, ter filhos está ligada a condição de mulher. Isto é o resultado de uma educação que as prepara para serem unicamente esposas e mães. Muitas vezes o papel de esposa não pode ser desempenhado conforme planejado, então ser mãe parece ser a única forma de realização que resta para a maioria delas, que não encontraram outras formas de satisfação. Aquelas que encontrarem, apesar de manter o desejo de ter filhos, já tem uma maior preocupação com as

dificuldades que podem surgir e, pensam mais no momento de trazê-los ao mundo.

É comum a gravidez em momentos de crise conjugal. O filho representa a esperança de uma solução, principalmente se for um menino, uma vez que este é bem mais valorizado. Algumas mulheres têm plena consciência disto e, outras mostram-se confusas.

O conhecimento das tentativas fracassadas de outras mulheres, que procuraram evitar a separação através da gravidez e até mesmo a sua própria primeira tentativa sem êxito, não impede que continuem praticando este tipo de estratégia.

É provável a existência de um motivo interno, isto é, uma necessidade de compensar o sofrimento vivido, através da maternidade. Isto pode ser observado nas mulheres que declaram que apesar de todos os problemas que estavam enfrentando por causa do marido, elas se sentiam por estarem grávidas.

Quanto ao papel que cabe a mãe, o cuidado diário com os filhos, como dar banho, alimentar, cuidar dos estudos, brincar com eles, etc, e dar “carinho”. O significado desse carinho não foi claramente explicitado, porém parece que está ligado a prática desses cuidados. No caso de mães separadas do marido, passam a exercer também o papel designado para o pai, e em muitos casos, mesmo durante o casamento.

A relação homem/mulher, é caracterizada pela força/submissão, criando na mulher desde pequena uma imagem negativa do homem e uma imagem negativa do homem e uma imagem dela própria como fraca e sofredora. Para isto existe um tipo de socialização que sustenta esta idéia, favorecendo a que a mulher seja vítima do desrespeito e da violência, tanto física quanto psicológica. A teoria de Adler sobre o complexo de inferioridade, fornece subsídio para compreensão de como isto ocorre.

Segundo o autor, todo ser humano desenvolve um complexo de inferioridade gera na criança uma necessidade de vencer os obstáculos, Omo vai de provar superioridade. A forma como vai lidar com isto, depende de seu maio ambiente. Poderá desenvolver uma autoconfiança ou não. Contudo, em pequeno grau, ou em grande intensidade, mantém por toda a vida um esforço para obter consideração e superioridade.

Analisando a civilização atual, Adler fala da dominação do homem sobre a mulher e, dos efeitos disto sobre o homem desde a infância, considerando essa busca da superioridade.

"Como consequência do desenvolvimento da cultura no sentido do poder pessoal – o que se vem dando, sobretudo pelos esforços de certos indivíduos e de certas classes sociais desejosas de reter posições privilegiadas – a divisão do trabalho caiu em determinados moldes que marcam e caracterizam por toda a nossa civilização. Com a atual divisão, a importância do homem na cultura moderna se tornou grandemente enaltecida. A divisão do trabalho se fez de tal arte que, ao grupo privilegiado, o dos homens, foram garantidas certas vantagens, decorrentes de sua dominação sobre as mulheres. Por esta forma, o homem dominador consegue vantagens e dirige a atividade das mulheres, tendo em mira que as mais agradáveis formas de vida pertencem sempre a eles, homem, e se reservem às mulheres aquelas que acham vantagem evitar para si: (...) Imagine se o que significa para um menino ter diante dos olhos, desde a infância, o privilégio da masculinidade.

Dede o dia do seu nascimento é logo recebido com grande entusiasmo por ser menino e não uma menina. É bem sabido que, com grande frequência, os pais preferem ter filhos homens a ter filhas. O menino sente a cada passo como representante do velho tronco familiar, goza de certos privilégios e tem mais valor social. Palavras que lhe são dirigidas, ou que surpreende casualmente, chamam-lhe continuamente a atenção para o fato de maior importância do papel masculino.

(...) A proporção que a criança cresce, sua masculinidade se converte em um dever imperioso; a ambição, o desejo de predomínio e de superioridade se acham profundamente identificados com o dever de ser masculino. Muitas crianças que desejam a dominação não se contentam com terem simplesmente consciência de sua masculinidade; querem ostentar provas de que são homens e, por isso fazem questão de ter privilégios. Conseguem isto, às vezes, com esforços para sobressair, tamanho, por esse modo, a medida a seus característicos masculinos, outras vezes, logram ter bom êxito tiranizando, por todos os meios possíveis, o elemento feminino de seu ambiente. De acordo com o grau de resistência que encontram, estes meninos se utilizam, para conseguir seus fins, ou da obstinação e rebeldia, ou da habilidade a astúcia" (ADLER, 1957).

Somando o que foi dito pelo autor a autora características da educação. Esta prepara o homem para a rua, para viver solto; e a menina para o lar, para o fechamento, fazendo com a mulher se enquadre ao modelo de casamento que é cobrado pela sociedade, enquanto que o homem não é preparado para relação conjugal. Levando em consideração às condições socioeconômicas. O homem que vem na luta contra a inferioridade, reforçada pela posição que ocupa na escala social, esbarra com a descoberta da incapacidade de manter a família, quando esta começa a aumentar. Isto, adicionado ao fato de que o nascimento de filhos faz parte do modelo de casamento, mas a forte exigência cultural de ser capaz de

cumprir o seu papel de provedor da casa, e internalização por ele, faz com que se sinta fracassado e, tente provar sua superioridade de qualquer forma. A posição submissa da mulher favorece a que seja usada para este objetivo, sendo assim, tão violentada. Isto, permite entender porque o homem tenta fazer com que a mulher permaneça ao lado dele, quando ela manifesta o desejo da separação. Para ele, a permanência da mulher é uma necessidade para reafirmar-se como superior.

O alcoolismo parece ser também um agravante desta situação. O álcool usado como refúgio dos problemas, acaba por colaborar no refúgio dos problemas, acaba por colaborar no exercício a violência.

A educação para viver solto, faz com que consiga desligar-se dos filhos com tanta facilidade, enquanto a mulher encontra mais dificuldade.

No meio de todos esses problemas, a mulher se sente muito sozinha.

Mesmo sendo dificuldades comuns a todas as mulheres, a falta de solidariedade, de compreensão é grande, ao invés da união. Embora exista tendência ao não individualismo, o que pode ser observado na própria linguagem que faz pouco uso do pronome pessoal “eu”, substituído por “gente”, a proximidade da relação, aprofundamento, confiança e apoio, não é sentido pelas mulheres. É comum o prazer da união para festas e conversas informais apenas.

Não foi encontrada uma rede social extensa, como observado por Bott na Inglaterra. A hipótese de que nesta camada social, as mulheres sentem menos falta do pai de seus filhos, porque teriam uma rede de relação grande e baseada no cooperativismo, não foi confirmada nestes grupos. Ao contrário, as mulheres separadas, se sentem discriminadas pela comunidade e, são poucas as pessoas de quem podem realmente receber ajuda. Mesmo as casadas, não mantêm contato com muita gente, por não confiarem na vizinhança.

Foi detectado que as mulheres que valorizam os ideais da classe média, que tem desejo de maior contato com esta, e que por isso procuram informar-se acerca de Psicologia, seja em revista, televisão, cursos, falam bem mais na primeira pessoa do singular e se preocupam em compreender o comportamento das pessoas. Entre esta minoria, a união grupal é maior. São também as mães que se referiam ao respeito pela individualidade dos filhos. O interesse pela Psicologia parece estar ligado à busca da ascensão social. Contudo, vem sendo confundida com sinônimo de “conversa”, “liberdade” e, muitas vezes elas parecem repetir um

discurso que não coincide com a prática. A Psicologia aparece, misturada com valores antigos, havendo uma dupla forma de compreender situações. Exemplos comuns, são a explicação de um comportamento violento do marido através do fato de ter sido rejeitado pelo pai e, em outro momento, dizer que ele “parecia estar possuído por coisas terríveis” e, também falar em individualidade dos filhos e ao mesmo tempo pregar o respeito pela hierarquia familiar.

O maior problema encontrado pelos psicólogos que trabalham com esta camada social é causado pela divergência entre a visão de um mundo que é requerida dos clientes da Psicologia e a população estudada. Esta tem uma forma própria de explicar os sentimentos e os comportamentos, que estão enquadrados em regras rígidas de “certo” ou “errado”, não havendo espaço para relativização. Assim, por exemplo, fica difícil entender que uma mulher cujo marido cumpre com o papel esperado, sinta desejo sexual por outro homem. Ao invés de tentar compreender seu sentimento, ela é rotulada por ter um comportamento considerado errado.

Além disso, não é possível compreender que alguém tenha problemas psicológicos, quando tem uma vida vista como boa, isto é, dentro dos moldes do “certo”. Esta “vida boa”, está bastante definida à nível do concreto, consequência da baixa condição financeira que faz com que tenham que estar constantemente voltadas para a obtenção do concreto. Muitas vezes, até mesmo o afeto, aparece ligado a doação de coisas concretas.

Isto também faz com que busquem sempre respostas concretas e imediatas. O que, se pensarmos em termos das psicoterapias, que trabalha com o subjetivo e sem previsão de tempo, fica difícil de ser aceito. O atendimento, desta população exige principalmente a discussão da realidade objetiva e priorização do aqui e agora. Haja visto o espiritismo que é mais bem aceito, por estarem mais próximos e possibilitarem respostas imediatas.

Também o trabalho do movimento feminista junto a esposas mulheres deve ser avaliado, uma vez que os ideais feministas partiram de camadas sociais com outra realidade. Em primeiro lugar, novamente esbarramos com as diferenças de valores já internalizados. Em segundo lugar, o fato de as mulheres faveladas viverem em um outro mundo, faz com que o discurso feminista burguês seja utópico para elas. Como dizer a elas que precisam ser independentes, ter uma

profissão, se no seu meio esbarram com problemas de não ter onde deixar os filhos ou ter que pagar quase o seu salário para alguém cuidar deles, se tem filhos adolescentes e estão preocupadas em não deixá-los soltos devido ao ambiente marginal que vivem?

Não se trata de negar uma possibilidade de trabalho junto a essas mulheres, mas sim, de procurar conhecê-las e poder criar novas formas de atuação, que atendam às suas necessidades. Parece imprescindível um trabalho informativo desde a infância, e principalmente na adolescência, quando as questões sobre a sexualidade e relacionamento com a família e o mundo em geral, estão muito presentes. Essa atenção deve ser dada não só às meninas, mas também aos meninos. O apoio psicológico deve estar combinado com a informação, um estímulo a solidariedade e um pensar junto a condição de classe social.

O psicólogo muito tem a colaborar neste sentido, abrindo espaços para que possam falar e ouvir.

18

Referências Bibliográficas

ADLER, Alfred. **A ciência de viver**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

_____. **A ciência da natureza humana**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1957.

_____. **Superioridad e interés Social**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1968.

ALMEIDA, Maria Suely Kofes. “Entre nós mulheres, elas as patroas e elas empregadas”. in: **Colcha de retalhos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

ARANTES, Antônio Augusto. Pais, Padrinhos e o Espírito Santo: um reestudo do Compadrio. in: **Colcha de retalhos**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

ASTELANA, Judith. **O Sexismo na Sociologia**: Algumas Manifestações, Soluções e Problemas in Feminismo – Teoria e Prática. Publicação do Núcleo de Estudos sobre a Mulher-PUC/RJ, 2a.ed.

_____. **O Feminismo como perspectiva teórica e como prática Política in Feminismo**: teoria e prática. Publicação do Núcleo de Estudos sobre a Mulher-PUC/RJ, 2a. Ed.

AZEVEDO, Thales. Social Change. in: **Brasil**. Gainesville: University of California Press, 1963.

BARBOSO, Carmem. **Sozinhas ou mal acompanhadas**: a situação da mulher chefe de família. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1979.

BARSTED, Leila de Andrade Linhares. Feminismo e pesquisa social: repensando a relação observadora – Observada. in: Feminismo e Pesquisa Social. **Publicação do Núcleo de Estudos sobre a Mulher - PUC/RJ**, 2a. Ed.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

CÂNDIDO, Antônio. The Brazilian Family. In: **T.L. Smithe Alexander Marchant**. Brazil Portrait of Half a Continent, New York, The Dryden Press, 1951.

CHODOROW, Nancy. Estrutura familiar e personalidade feminina. In: **A mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: **Colcha de retalhos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

DAUSTER, Tania. Concepções de infância e pré-escola entre famílias da periferia de Niterói-RJ. In: **Caderno educação e Sociedade-ANPOCS**. São Paulo, 1985.

FREUD, Sigmundo. Luto e melancolia. In: **Metapsicologia**. Pequena Coleção das Obras de Freud, livro 11, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

FROMM, Erich. Autoridade e superego: o papel da família. In: **Dialética da família**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GOUGH, E. Kathleen. Is the Family University? The Nayar Casa. In: **A Modern introduction to the family**. New York: The Free Press, 1968.

JESUS, Carolina Maria. **Diário de uma favela**: quarto de despejo. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1983.

LEWIS, Oscar. **Antropologia de la pobreza**. México: Fondo de Cultura Económica, 1965.

MALINOWSKY, B. A Família no direito paterno e no direito materno. In: **Dialética da família**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MIES, Maria. Por uma metodologia feminista de pesquisa. In: Feminismo e pesquisa social. **Publicação do Núcleo de Estudos Sobre a Mulher - PUC/RJ**, 2a. Ed.

MURDOCK, Peter George. The university of the nuclear family. In: **A modern introduction to the family**. New York: The Free Press, 1968.

NETO, Zahidé Machado. Mulher: dimensão de sobrevivência/dimensão de existência. In: Caderno 1 do NEIM. Universidade Federal da Bahia, 1984.

_____. As meninas: sobre o trabalho da criança e da adolescente em família proletária. In: **Mulheres na força de trabalho na América Latina**. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

NEVES, Delma Pessanha. Nesse terreiro galo não canta. **Trabalho apresentado no VI Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: IUPERJ.

NICOLACI DA COSTA, Ana Maria. **Privação cultural, privação linguística e família**. In: **Família psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

PERLMAN, J.E. **O mito da marginalidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripi et al. A ausência do pai: uma introdução ao tema in Ver. **De psicologia**, 1(1): pág. 107-122, Jan/Dez., 1983.

RAMOS, Sílvia. **A psicologia sobe o morro**. Dissertação de mestrado, PUC/RJ, 1983.

RODRIGUES, Arakcy Martins. O padrão de distribuição de papéis em famílias operárias. In: **Mulheres na força de trabalho na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1989.

ROPA, Daniela et al. **Família e criança num grupo de classe trabalhadora**: um estudo sobre diferença e legitimidade culturais. Rio de Janeiro, 1983.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. **A mulher, a cultura e a sociedade**: uma Revisão teórica in a mulher, a cultura, a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SALEM, Tânia. **Mulheres faveladas**: com a venda nos olhos. In: **Perspectivas antropológicas da mulher 1**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SILVA, Maria Anita Carneiro Ribeiro Lima. **O papel do pai na elaboração da posição depressiva**. Dissertação de Mestrado, PUC/RJ, 1973.

SMITH, Raymond, T. Community Status and Family Structure. In: **British Guiana in A Modern Introduction to the Family**. New York: The Free Press, 1968.

SOUZA, Neuza Santos. **Torna-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPIRO, Melford E. Is the Family Universal?: The Israeli Case. In: **A Modern Introduction to the Family**. New York, The Free Press, 1968.

VALENTINE, Charles. **La cultura de la probeza**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1970.

WILLEMS, Emílio. **The Structure of the Brazilian Family**. In: Social Forces: New York, 1953.

ZALUAR, Alba. As mulheres e a direção do consumo doméstico. In: **Colcha de retalhos**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1985;